

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

Paula Colpo Appolinario

**O “MONSTRO” CHUVA NA FOLHA DE S. PAULO: O JORNALISMO NA
COBERTURA DO DESASTRE NO LITORAL NORTE DE SP**

Santa Maria, RS
2023

Paula Colpo Appolinario

**O “MONSTRO” CHUVA NA FOLHA DE S. PAULO: O JORNALISMO NA
COBERTURA DO DESASTRE NO LITORAL NORTE DE SP**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
ao curso de Comunicação Social - Jornalismo
do Centro de Ciências Sociais e Humanas,
como requisito para obtenção de grau de
Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Orientadora: Prof^a Dra. Márcia Franz Amaral
Coorientadora: Dra. Josemari Poerschke de Quevedo

Santa Maria, RS
2023

Paula Colpo Appolinario

**O “MONSTRO” CHUVA NA FOLHA DE S. PAULO: O JORNALISMO NA
COBERTURA DO DESASTRE NO LITORAL NORTE DE SP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Comunicação Social - Jornalismo, da
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,
RS), como requisito parcial para a obtenção do
título de jornalista.

Aprovada em 15 de dezembro de 2023.

Márcia Franz Amaral, Dra.
(Orientadora)

Josemari Poerschke de Quevedo, Dra.
(Coorientadora)

Elise Azambuja Souza, Doutoranda

Alice Bianchini Pavanello, Doutoranda

Santa Maria, RS
2023

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, aos meus pais, Iliane Colpo e Ben-Hur Miranda Appolinario, a finalização deste trabalho e desta trajetória não seria possível sem eles. Desde o início dos meus estudos, eles depositaram toda crença, amor e investimento para que eu pudesse ter a melhor educação e futuro. Espero dar orgulho a eles, assim como me são inspiração. À Pitucha, Barbie (*in memorian*) e Pitty (*in memorian*), minhas irmãs de rabo que sempre me tiravam sorrisos com pedidos de carinho e lambidas no meio da rotina corrida. Também, aos meus familiares mais próximos que sempre me prestaram apoio: minhas avós, Ilda Zauza Colpo e Cenira dos Santos Miranda (*in memorian*), e meu tio, Giovani Colpo.

Ao meu namorado, Guilherme Machado da Rocha. Apesar das nossas brincadeiras internas, o nome dele não poderia deixar de estar aqui, por todo apoio, conforto, carinho e amor durante estes nossos anos; estas momentos são eternos. Aos meus amigos de longa data, principalmente, às minhas futuras jornalistas Eduarda Paz, Thais Immig, Gabrielle Pillon e Letícia Klusener. Palavras nunca vão resumir tudo que vivemos. Retomo uma frase que disse em uma festa no início da nossa graduação: “que bom que nos encontramos”.

À Universidade Federal de Santa Maria, um espaço de acolhimento que foi minha segunda casa, mesmo pelas telas da pandemia. Às minhas orientadoras, Márcia Franz Amaral e Josemari Poerschke de Quevedo, que me desafiaram a buscar pelo jornalismo de desastres e incentivaram minhas práticas de pesquisa desde o início deste trabalho. Não há como não mencionar os servidores e funcionários da Universidade com quem trabalhei, em especial da Coordenadoria de Comunicação Social. São os ensinamentos destes grandes profissionais que hoje me fazem preparada para o mercado de trabalho.

Aos colegas de sala, trabalho e demais ocasiões que eu compartilhei risadas ao longo dessa jornada.

RESUMO

O “MONSTRO” CHUVA NA FOLHA DE S. PAULO: O JORNALISMO NA COBERTURA DO DESASTRE NO LITORAL NORTE DE SP

AUTORA: Paula Colpo Appolinario

ORIENTADORA: Márcia Franz Amaral

COORIENTADORA: Josemari Poerschke de Quevedo

Este trabalho realiza uma revisão bibliográfica dos desastres vistos das diferentes áreas, uma conceituação do papel do jornalismo neste cenário, a fim de criar suporte teórico para analisar a primeira semana da cobertura jornalística do desastre ocorrido no litoral norte de São Paulo em 2023. Para isso, criamos um protocolo autoral com base em Amaral, Lozano Ascencio e Puertas Cristobal (2020) e em conceitos de Amaral, Loose e Girardi (2020). Com ele, buscamos entender como o acontecimento foi denominado e quais as explicações foram acionadas pela Folha de São Paulo na cobertura. Na análise, identificamos que as chuvas ainda são mais relacionadas com os desastres 70,69% das vezes, enquanto a vulnerabilidade social não aparece nenhuma vez. Nas denominações, “tragédia” foi a mais citada com 19 aparições das 34 nomações presentes, mas muitas das vezes, a chuva é denominada como o próprio desastre. Além disso, a quantidade de índices pluviométricos é citada 18 vezes, enquanto a menção ou citação das áreas de risco aparece 25 vezes. Embora mais frequente, ainda não há uma aparição efetiva da explicação destas áreas ou descrição das populações atingidas (pessoas menos favorecidas economicamente). Os dados indicam que a cobertura jornalística, embora mais atenta à importância do tema das mudanças climáticas, precisa evoluir em busca de debater e denunciar outras esferas do tema de desastres. Os desastres são crescentes no Brasil e cada vez mais estão presentes na agenda da mídia. Porém, a cobertura jornalística ainda insiste em apresentar a chuva como um “monstro” a ser combatido, uma força que, embora já seja conhecida, parece se manifestar como nunca antes (Valencio, 2017). Mesmo que as mudanças climáticas e eventos extremos sejam uma realidade, os desastres são eventos multicausais, entre elas, causado pela situação de vulnerabilidade social de pessoas morando em áreas de risco e inoperância do poder público, com políticas públicas efetivas que as tirem de lá. Atribuir a responsabilidade somente à chuva é uma “concepção fatalista”, que conduz a sociedade ao conformismo e contribui para uma postura inerte às ameaças “naturais” (Monteiro; Zanella, 2019). Na expectativa da pesquisa contribuir para o jornalismo das redações, este trabalho, a partir da análise teórica e assimilação com a prática, apresenta orientações de como apurar e cobrir pautas que envolvem desastres.

Palavras-chave: Desastres; Folha de São Paulo; Cobertura jornalística; São Sebastião.

ABSTRACT

THE “MONSTER” RAIN ON FOLHA DE S. PAULO: JOURNALISM COVERING THE DISASTER ON THE NORTH COAST OF SP

AUTHOR: Paula Colpo Appolinario

ADVISOR: Márcia Franz Amaral

CO-ADVISOR: Josemari Poerschke de Quevedo

This academic research carries out a bibliographic review of disasters seen from different areas, a conceptualization of the role of journalism in this scenario, in order to create theoretical support to analyze the first week of journalistic coverage of the disaster that occurred on the north coast of São Paulo in 2023. To achieve this, we created an authorial protocol based on Amaral, Lozano Ascencio and Puertas Cristobal (2020) and concepts from Amaral, Loose and Girardi (2020). With it, we sought to understand how the event was mentioned and what explanations were used by Folha de São Paulo in its coverage. In the analysis, we identified that rains are still more related to disasters 70.69% of the time, while social vulnerability does not appear once. In the denominations, “tragedy” was the most cited with 19 appearances of the 34 nominations present, but often, the rain is referred to as the disaster itself. Furthermore, the amount of rainfall indices is mentioned 18 times, while the mention or citation of risk areas appears 25 times. Although more frequent, there is still no effective hope of explaining these areas or describing the affected populations (economically less favored people). The data indicate that journalistic coverage, although more attentive to the importance of the topic of climate change, needs to evolve in the search to debate and report other spheres of the topic of disasters. Disasters are increasing present on the media agenda. However, journalistic coverage still insists on presenting rain as a “monster” to be fought, a force that, although already known, seems to manifest itself like never before (Valêncio, 2017). Even though climate change and extreme events are a reality, disasters are multicausal events, among them, caused by the situation of social vulnerability of people living in risky areas and the ineffectiveness of public authorities, with effective public policies that remove them. from there. Attributing responsibility solely to rain is a “fatalistic conception”, which leads society to conformism and contributes to an inert attitude towards “natural” threats. (Monteiro; Zanella, 2019). With the expectation that the research will contribute to newsroom journalism, this work, based on theoretical analysis and assimilation with practice, presents guidelines on how to investigate and cover guidelines involving disasters.

Keywords: Disasters; Folha de S. Paulo; Journalistic coverage; São Sebastião.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1. Principais tipos de movimentos de massa..... | 20 |
| Figura 2. Mapeamento de São Sebastião..... | 28 |
| Figura 3. Boletim de alerta publicado no site da Defesa Civil..... | 37 |
| Figura 4. Primeira reportagem anunciava o ocorrido no litoral norte..... | 38 |
| Figura 5. Reportagem que anunciava último corpo encontrado no litoral norte..... | 39 |
| Figura 6. Reportagem da Folha mostrou dois lados de polêmica com governo e famílias das áreas de risco..... | 40 |
| Figura 7. Reportagem de 17 de fevereiro, um dia antes do desastre, anunciava preparação das cidades para receber turistas no Carnaval..... | 42 |
| Figura 8. Funil que resume os passos da filtragem de matérias da pesquisa..... | 48 |
| Figura 9. Resultados para denominações quantificadas por dia analisado..... | 57 |
| Figura 10. Resultados para causas por dia analisado..... | 60 |
| Figura 11. Resultados para citação de chuvas em mm citadas por dia analisado..... | 62 |
| Figura 12. Resultados para citação de áreas de risco citadas por dia analisado..... | 64 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1. Reportagens da cobertura do litoral norte divididas por temáticas..... | 49 |
| Quadro 2. Separação das reportagens por dia, sinalização e justificativa de escolhas.. | 50 |
| Quadro 3. Lista de reportagens selecionadas para análise..... | 52 |
| Quadro 4. Protocolo de análise das matérias..... | 54 |
| Quadro 5. Recorte do tópico “Denominação dos desastres”, do protocolo da reportagem nº 1..... | 55 |
| Quadro 6. Recorte de títulos e subtítulos que estão no tópico “Eventos climáticos”, de “Causas”, de todos os protocolos..... | 58 |
| Quadro 7. Recorte do tópico “Vulnerabilidade geológicas/ambientais”, de “Causas”, dos protocolos das reportagens nº 1 e 14..... | 58 |
| Quadro 8. Recorte do tópico “Causas”, dos protocolos das reportagens nº 2, 6 e 8..... | 61 |
| Quadro 9. Recorte do tópico “Menção/explicação de índices pluviométricos recordes”, do protocolo da reportagem nº 1..... | 62 |
| Quadro 10. Recorte do tópico “Menção/explicação dos locais afetados (áreas de risco)”, dos protocolos das reportagens nº 1, 3, 5 e 9..... | 65 |
| Quadro 11. Recorte do tópico “Menção/explicação dos locais afetados (áreas de risco)”, do protocolo da reportagem nº 4 e 7..... | 66 |
| Quadro 12. - Recorte do tópico “Menção/explicação dos locais afetados (áreas de risco)”, do protocolo da reportagem nº 8..... | 66 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 11 |
| 2. MARCO TEÓRICO | 15 |
| 2.1 MUDANÇAS CLIMÁTICAS, EVENTOS METEOROLÓGICOS EXTREMOS E DESASTRES NO BRASIL | 15 |
| 2.1.1 Movimentos de massa e deslizamentos | 19 |
| 2.1.2 Principais consequências dos desastres | 21 |
| 2.2 A VULNERABILIDADE SOCIAL E A JUSTIÇA AMBIENTAL COMO TEMA CENTRAL DOS DESASTRES | 22 |
| 2.2.1 Ações preventivas para as comunidades | 26 |
| 2.2.2 Mapeamento de áreas de risco | 27 |
| 2.3 JORNALISMO E QUESTÕES TEÓRICAS | 29 |
| 2.4 A COBERTURA JORNALÍSTICA DE DESASTRES QUE ENVOLVEM CHUVAS EXTREMAS | 32 |
| 2.4.1 Indicadores sensíveis | 34 |
| 2.4.2 Minimanual de cobertura | 35 |
| 3. O FATO: LITORAL NORTE DE SÃO PAULO | 37 |
| 3.1 LITORAL NORTE DE SÃO PAULO, FEVEREIRO DE 2023 | 37 |
| 3.2 LITORAL NORTE DE SÃO PAULO, ANTES DO DESASTRE | 41 |
| 4. METODOLOGIA | 42 |
| 4.1 RELEVÂNCIA DA FOLHA DE SÃO PAULO | 43 |
| 4.1.1 Audiência | 45 |
| 4.1.2 Pilares do jornalismo | 46 |
| 4.2 FILTRAGEM DAS MATÉRIAS | 47 |
| 4.3 PROTOCOLO DE ANÁLISE | 52 |
| 5. ANÁLISE | 55 |
| 5.1 DENOMINAÇÃO PREDOMINANTE É “TRAGÉDIA” | 56 |
| 5.2 CHUVAS SÃO PRINCIPAL CAUSA INDICADA NA COBERTURA | 58 |
| 5.3 DENOMINAÇÃO E CAUSAS SE CONFUNDEM | 60 |
| 5.4 AS CHUVAS RECORDES SÃO ENFATIZADAS AO LONGO DA SEMANA | 62 |
| 5.5 EXPLICAÇÕES SOCIAIS TENDEM A APARECER COM FALAS DE FONTES | 64 |
| 6. OBSERVAÇÕES GERAIS DA COBERTURA | 67 |
| 7. PROPOSTAS | 70 |
| 7.1 REALIZAR RONDAS DE DESASTRES, PRINCIPALMENTE APÓS ALERTAS | 71 |

| | |
|--|----|
| 7.2 INCORPORAÇÃO DE JORNALISTAS ESPECIALISTAS NAS REDAÇÕES OU PARCERIA COM PESQUISADORES DAS UNIVERSIDADES | 73 |
| 7.3 EVITAR JUÍZOS DE VALORES QUE CRIEM CONCEPÇÃO DE FATALIDADE | 74 |
| 7.4 ADOÇÃO DE PRÁTICAS EDITORIAIS QUE ENFATIZEM A PROBLEMÁTICA DOS DESASTRES | 75 |
| 7.5 ALINHAMENTO DA REDAÇÃO | 76 |
| 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 77 |
| REFERÊNCIAS | 81 |
| APÊNDICES | 90 |

1. INTRODUÇÃO

Há um crescente interesse por temas que cercam as mudanças climáticas e desastres que envolvem eventos meteorológicos extremos, isso porque cada vez mais o mundo é afetado por esses acontecimentos. Há inúmeras teorias e estudos em desenvolvimento para entender as causas (Silva; Behr, 2020; Lopes; Xavier, 2023): entre elas, o aumento da população no planeta, a degradação ambiental e a crise climática. Independente do motivo, o desequilíbrio da natureza é um fato. As chuvas mais intensas e em maior volume que têm castigado as cidades podem estar relacionadas ao aquecimento global, segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais ([s.d]). O Brasil é um dos países que têm sido mais afetados pela onda de eventos extremos crescentes causados por mudanças climáticas. Somada a sua aparente falta de estrutura, planejamento urbano e grande número de populações em situação de vulnerabilidade, vivendo às margens de morros e rios, também é um dos países mais atingidos por desastres. Segundo a CNN Brasil (2022), a cada desastre, em média, 3,4 mil pessoas são afetadas, número que inclui vítimas fatais, desabrigados, desalojados e pessoas atingidas pela estiagem, com base em dados da Confederação Nacional de Municípios. “Os dados mostram que quase oito milhões de brasileiros foram afetados por catástrofes ambientais nos primeiros três meses deste ano [2022]. Enquanto isso, no mesmo período analisado, foram contabilizadas 2,2 mil ‘anormalidades’ ambientais no país, como aponta o relatório” (CNN, 2022).

Por isso, a relevância do estudo dos desastres está, principalmente, por abranger uma ação coletiva de várias áreas, visto que tem conteúdo, problemas e consequências multidisciplinares. Incide em alguns ramos, tomando como exemplo o geológico, ambiental e sociológico. Os dois primeiros citados podem estudar as condições do solo e componentes meteorológicos, bem como as consequências ambientais dos desastres. Já da parte sociológica, um entendimento da atuação governamental nos momentos de crise e o perfil das pessoas que ocupam as áreas de risco - casas que passaram de pais para filhos, que hoje seguem sem conseguir sair desses lugares. As ciências humanas entendem esses eventos não apenas como consequências das condições do clima, mais que isso: que estas pessoas mortas, feridas e comprometidas por desastres são frutos de uma sociedade desigual e pouco preocupada com a vida dos mais pobres. Mas o que o jornalismo tem a ver com isso? Com o aumento de desastres, como deslizamentos de terra, esse tipo de pauta está cada vez mais na agenda da mídia, pela factualidade e relevância social. O campo acadêmico jornalístico também precisa entrar no tema, no sentido de refletir como vem cobrindo estes acontecimentos. A sociedade vê o jornalismo como um poder a ser acionado. E, de fato, a mídia tem poder próprio: o de construir

problemas públicos que, por sua vez, serão reinterpretados ao chegarem nos cidadãos. Assim, a sociedade civil se sensibiliza e se mobiliza, acentuando maior pressão nas instituições públicas, as que têm os “verdadeiros” poderes de transformar a realidade de suas comunidades, como na implementação de políticas públicas que ofereçam condições igualitárias de moradia àqueles menos favorecidos, por exemplo. Esse ciclo reflete uma maior pressão no trabalho jornalístico, visto que além de exibir informações, ele também precisa denunciar em alguns casos. Por ter comprometimento com a vida real, a verdade e a clareza, é dever do profissional jornalista expor todas as faces de um problema e não se limitar à sensibilidade e emoção. Precisam comunicar a desigualdade social, a justiça ambiental, e principalmente, a incapacidade dos órgãos públicos em lidar com situações extremas que afetam a sociedade nesses tipos de acontecimento.

Isso se aplica ao caso dos deslizamentos de terra ocorridos no litoral norte de São Paulo em fevereiro de 2023, escolhido para a pesquisa. No ocorrido, entre os municípios atingidos estavam São Sebastião, Caraguatatuba, Ilhabela, Ubatuba, Guarujá e Bertioga. São Sebastião foi o núcleo do desastre, pois o maior número das vítimas vivia lá, em área vulnerável, na encosta de um morro habitado por trabalhadores. Assim, trata-se de um desastre que soma dois fatores importantes: um de ordem meteorológica e outro de ordem social. Este é um entre uma série de acontecimentos similares sucessivos ocorridos, como foi o desastre em Petrópolis (RJ) em 2022, que matou 241 pessoas. O fato de São Paulo foi escolhido por envolver um evento meteorológico extremo, uma das maiores quantidades de chuva da história do país, com total de 65 pessoas mortas e mais de 2.000 desabrigadas. As especificidades do caso também o tornam um interessante objeto de estudo para entender a atual realidade do Brasil: a falta de atuação efetiva dos órgãos governamentais e cenário de desigualdade que um mesmo espaço pode apresentar, com pessoas ricas em férias em um dos lados de uma rodovia, e vítimas desamparadas do outro. Além disso, por ser um evento recente, de fevereiro de 2023, ainda há pouco material no sentido de entender se a cobertura jornalística representou avanço na denúncia e se explorou ou elencou o debate de todas as causalidades do desastre. Após a escolha do tema, uma série de eventos frequentes no estado do Rio Grande do Sul em menos de um ano reforçaram a importância do tema em nível nacional. O primeiro fato ocorreu após a passagem de um ciclone em junho, quando 41 municípios apresentaram danos, entre eles Caraá, com cerca de 16 mortes¹. Em setembro, as cidades de Muçum, Roca Sales e Lajeado

¹ Dados da Defesa Civil do Rio Grande do Sul, compartilhados pelo canal oficial de Whatsapp do órgão com a imprensa em junho de 2023.

foram atingidas pela enchente do Rio Taquari. Pelo menos 50 pessoas morreram. Eu, por integrar a cobertura destes casos em GZH e RBSTV Porto Alegre, obtive a visão de como funciona a cobertura de desastres de dentro das redações, tópico que me guiou e contribuiu para elencar discussões neste trabalho. Por essa visão, também é importante refletir sobre as condições da profissão frente ao suporte necessário à cobertura de desastres, visto que, como cita Souza (2019), os acontecimentos provocam uma quebra na rotina das redações pela incapacidade de serem previstos pelos jornalistas, por isso, exigem novas estratégias e desafios dos profissionais: cobrir um acontecimento que nem as próprias fontes oficiais possuem informações confirmadas. Em maior ou menor grau, os eventos desafiam as dinâmicas internas dos veículos de comunicação.

A pesquisa se justifica como relevante cientificamente por entender o compromisso social do jornalismo e, desta forma, utilizar do campo acadêmico para analisar como as coberturas de desastre estão sendo feitas, entendendo as dificuldades da rotina jornalística, a fim de tentar, de alguma forma, contribuir para a aplicação e qualificação do tema nas redações. Entendida a relevância do tema, neste trabalho focamos a delimitação do tema nas denominações e explicações acionadas pela Folha de São Paulo das causas do desastre ocorrido no litoral norte de São Paulo em 2023. Nosso problema de pesquisa delimitou-se em: “Como o acontecimento foi denominado e quais as explicações foram acionadas pela Folha de São Paulo, na primeira semana da cobertura, para as causas do desastre ocorrido no litoral norte de São Paulo em 2023?”. Como objetivo geral, se busca analisar como o acontecimento foi denominado e quais explicações foram acionadas pela Folha de São Paulo no desastre ocorrido no litoral norte de São Paulo em 2023. Os objetivos específicos são: compreender o conceito de desastre, especialmente os desastres no Brasil que envolvem fenômenos meteorológicos em áreas urbanas; refletir sobre a cobertura jornalística de desastres; mapear como a Folha de S. Paulo designou este desastre; e identificar que explicações causais foram acionadas para o acontecimento.

A busca por entender a denominação dos desastres utilizada nas reportagens se dá porque é fato que o jornalismo, na expectativa de tornar o conteúdo de seus textos mais lúdicos e seguir a regra de não repetir palavras, imposta pela maioria das redações, comete erros graves de terminologia. Isso geralmente é mais presente na cobertura policial e jurídica, como exemplo do famoso caso do jornal Intercept Brasil (2020) e o uso da expressão “estupro culposo”, na reportagem do julgamento da vítima influenciadora Mariana Ferrer. O termo foi utilizado para tentar explicar a justificativa do juiz que absolveu o réu – na expectativa de tornar o entendimento jurídico mais “claro”. Acontece que o termo “estupro culposo” não existe e pode

gerar um precedente perigoso na sociedade e no próprio meio do direito – uma vez que, popularizado, pode ser utilizado como justificativa das defesas deste crime, por exemplo, e hora ou outra acolhida². Este exemplo é longe da área das mudanças climáticas, mas exemplifica como o mau uso de um termo pode criar um imaginário diferente da realidade na cabeça da população, por exemplo, a expressão “fatalidade”, que remete a algo que não poderia ser evitado e jamais deve ser usada no contexto de desastres. Já a delimitação de entender as causas foi escolhida porque a revisão literária mostra uma naturalização de certos tipos de desastres, geralmente relacionados apenas ao evento de causa extrema ou à fúria da natureza. Porém, os desastres no Brasil que envolvem fenômenos meteorológicos também são viabilizados por determinadas vulnerabilidades sociais, ambientais e ineficácia da operação do poder público. Isso reflete uma sociedade desestruturada e políticas públicas não efetivas para uma população que delas precisa e tem direito.

Pretende-se que a comunidade científica consiga entender em que cenário nos encontramos a partir do caso, e seguir na pesquisa do tema para aumentar a discussão do jornalismo ambiental. Além disso, busca-se que esta discussão contribua com a prática jornalística, orientando a própria mídia em como ser mais detalhista em um tema que impacta cada vez mais a sociedade. O veículo recorte do trabalho, a Folha de São Paulo, foi escolhido pelo nível de importância no país, pelo alcance e pela qualidade do jornalismo que é referência para grandes e pequenas redações. É fundamental que um conglomerado tão grande e importante como a Folha realize uma cobertura especializada, para influenciar as demais instituições a refletir sobre as formas de instaurar um jornalismo crítico, particularizado e informativo, e assim, contribuir para o conhecimento qualificado das informações pelo público, principal finalidade do jornalismo. Para denominar os acontecimentos ao longo do trabalho utilizaremos do termo “desastre” ou “desastre misto”, presente no Glossário da Defesa Civil (2020), pois a denominação reconhece que um desastre tem causas naturais, mas também humanas, o que está de acordo com o que é apresentado na pesquisa.

Para responder aos objetivos, bem como ao problema, utilizaremos de um protocolo autoral baseado em Amaral, Lozano Ascencio e Puertas Cristobal (2020), com conceitos do Minimanual para a Cobertura Jornalística das Mudanças Climáticas, produzido por Márcia Franz Amaral, Eloísa Beling Loose e Ilza Maria Tourinho Girardi (2020). Ambas obras base da metodologia envolvem a produção com autoria e produção de autores da Universidade

² A matéria que utiliza do termo “estupro culposo” foi censurada pela justiça e hoje está publicada na sua versão editada.

Federal de Santa Maria, com isso, se busca valorizar os trabalhos de jornalismo de desastres produzidos nesta instituição e pelo Grupo de Estudos de Jornalismo (UFSM/CNPq), sem deixar de os dialogar com outros autores nacionais e internacionais. Quanto à estrutura do trabalho: A seção 2 traz o marco teórico. O subtítulo “Mudanças climáticas, eventos meteorológicos extremos e desastres no Brasil” elenca a primeira questão relacionada ao caso: a crise climática e como isso impacta na frequência dos desastres. O subtítulo seguinte, “A vulnerabilidade social e justiça ambiental como tema central dos desastres” busca trazer o lado social dos desastres, tão importante quanto o primeiro. O 2.3 e 2.4 enquadram o jornalismo enquanto profissão e seu envolvimento na cobertura do tema. No 2.4.1 e 2.4.2, mostramos trabalhos que contribuem para a cobertura jornalística de desastres e guiarão a análise metodológica do trabalho. A seção 3, “O acontecimento”, busca esclarecer o contexto necessário sobre o caso, além de ambientar as condições econômicas e de vivência na cidade antes do fato. Após esses esclarecimentos, a parte metodológica e de análise respondem aos objetivos do trabalho. O capítulo 6, “Observações gerais da cobertura”, busca, de maneira ampla, fazer considerações amplas e extras. O 7 traz propostas de ações jornalísticas a serem feitas durante uma cobertura de desastres, recolhidas a partir da relação da teoria e prática observada no trabalho. Nos apêndices, é possível ver a aplicação do protocolo de cada matéria e a filtragem das reportagens explicada na metodologia.

2. MARCO TEÓRICO

2.1 MUDANÇAS CLIMÁTICAS, EVENTOS METEOROLÓGICOS EXTREMOS E DESASTRES NO BRASIL

A Revolução Industrial (1760 – 1840) gerou o aumento da população nas grandes cidades e alavancou o sistema capitalista. Essas mudanças, embora importantes para o avanço da tecnologia, processo econômico, político e social das sociedades, ameaçaram e seguem ameaçando a estabilidade do planeta Terra (Magalhães; Vendramini, 2018). A expansão industrial no século 20 aumentou o número de empresas, o que gerou um acréscimo na emissão de gases de efeito estufa na atmosfera e também criou uma cultura de que essa ação fosse cada vez mais normalizada. O efeito estufa é um fenômeno natural que realiza uma espécie de filtragem dos raios solares; enquanto alguns são retidos e aquecem a terra, outros saem.

No entanto, a velocidade do aumento dos gases de efeito estufa, especialmente o dióxido de carbono e o vapor de água, causa o aquecimento global, evidenciado pelo aumento da temperatura média global do ar e oceanos, derretimento de neve e gelo, e elevação do nível do mar. (Ministério do Meio Ambiente, [s.d] *apud* Amaral; Loose; Girardi, 2020)

São seis principais gases do efeito estufa segundo o Protocolo de Kyoto (1997): metano (CH₄); óxido nitroso (N₂O); hidrofluorcarbonos (HFCs); perfluorcarbonos (PFCs); hexafluoreto de enxofre (SF₆); e o dióxido de carbono (CO₂) (Ministério do Meio Ambiente, *[s.d]*). O último é o mais abundante, pois envolve o uso de combustíveis fósseis, como petróleo, carvão e gás natural. No Protocolo de Kyoto (1997), 20 países dos mais industrializados, os que comprovadamente mais contribuem para o aumento dos gases, ficaram comprometidos a realizar a redução de emissões em 5,2%. Porém, ainda há resistência em seguir esse plano, visto que as metas impactam a produção nas indústrias, agronegócio e o funcionamento do próprio sistema do capitalismo. A redução da emissão poderia implicar menor produção ou um trabalho de busca de alternativas mais sustentáveis e, às vezes, mais caras para as indústrias. Além disso, Murray, Skene e Haynes (2017) apontam uma dificuldade dos governos em atuar incisivamente contra o mundo corporativo pelo receio de ameaçar o crescimento econômico.

Na prática, pouco se conseguiu até aqui. A União Europeia tem sido até hoje, sem sombra de dúvida, a defensora mais fervorosa das propostas de redução das emissões, mas até mesmo o seu histórico é precário [...] Os acordos de Kyoto foram largamente descartados – com uma boa dose de ironia – como “palavras ao vento”. Seus apologistas oferecem diversos argumentos a favor deles, à guisa de resposta. Afirmou-se, por exemplo, que eles são sobretudo um processo de aprendizagem (Giddens, 2010, p.19).

Entendida a relevância do tema por organizações governamentais e ignorada pelos grandes países, se viu a necessidade de realizar outros acordos, tratados e reuniões em nível global, na tentativa de reforçar o compromisso das lideranças com o planeta. Em 2015, outro importante documento foi publicado com 195 países signatários na 21ª Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP-21). Desta vez, o Acordo de Paris (2015) definiu que não apenas os grandes industriais, mas todos os participantes deveriam apresentar planos de diminuição da emissão de gases, por três objetivos gerais, que se resumem em: a) Manter a temperatura média global abaixo de 2°C em relação aos níveis pré-industriais, e envidar esforços para limitar o aumento a 1,5°C; b) Aumentar a capacidade de adaptação aos impactos negativos da mudança do clima e promover um desenvolvimento de baixa emissão de gases, não ameaçando a produção de alimentos; e c) Tornar os fluxos financeiros compatíveis com uma trajetória rumo a um desenvolvimento de baixa emissão de gases de efeito estufa (Acordo de Paris, 2015). O último encontro dos líderes mundiais para falar sobre o clima, a 28ª Conferência Mundial do Clima (COP-28), aconteceu no final de novembro de 2023 em Dubai, e entre os principais resultados, esteve o acordo de 200 países em eliminar os combustíveis fósseis das matrizes energéticas. Estes são alguns dos vários documentos que existem, o que

ênfatiza a ciência das mais variadas nações acerca das consequências da instabilidade das mudançãs climáticas e como a situação não parece melhorar a cada reunião de líderes.

O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) (2023), uma entidade composta por um grupo de cientistas da Organização das Nações Unidas (ONU) que monitora pesquisas das relações climáticas dos países, divulgou dados no 6º relatório de síntese que ênfatiza o aumento da temperatura no mundo. “Em 2018, o IPCC destacou a escala sem precedentes do desafio de limitar o aquecimento a 1,5°C. Cinco anos depois, o desafio é ainda maior devido ao aumento constante das emissões de gases de efeito estufa” (IPCC, 2023). Manter o aquecimento em 1,5°C acima dos níveis pré-industriais é o que a organização considera como limite para que o planeta não sofra impactos piores das mudançãs climáticas. No ano passado, a Organização Meteorológica Mundial, da Organização das Nações Unidas (2022), estimou que há 50% de probabilidade de que a temperatura média anual do planeta supere este índice estipulado nos próximos cinco anos. Estas chances de elevaçãõ sobem a cada ano, “aumentou de forma constante desde 2015, quando estava perto de zero. Para os anos entre 2017 e 2021, subiu para 10% e, para o período até 2026, saltou para quase 50%” (ONU, 2022, p.1). Desde então, a entidade vem apontando este aumento registrado na prática. Algumas manchetes de publicações no site oficial ONU News em 2023 ênfatizam as altas temperaturas em todo planeta: “Últimos oito anos foram os mais quentes já registrados”³; “Ano de 2023 começa quente na Europa e quebra recordes de temperatura”⁴; “Mudançã climática ameaça populaçãõ e economias latino-americanas”⁵.

Como consequência das crescentes temperaturas, se tem: enchentes (elevaçãõ temporária do nível de água em canal de drenagem), secas prolongadas (escassez no abastecimento de água de qualquer meio), movimento de massa (instabilizaçãõ de massas de solos, rochas ou detritos em terrenos inclinados) (IPT, 2018). Os eventos climáticos extremos sãõ grandes desvios de um estado climático moderado e um aspecto integrante da variabilidade climática que podem ser classificados conforme suas consequências - para o atual cenário, os de curto e médio prazo sãõ os mais urgentes (Marengo, 2017). Estes “ocorreram mais frequentes e intensos, têm gerado impactos cada vez mais perigosos na natureza e para as pessoas em todas as regiões do mundo” (IPCC, 2023). Ainda segundo o IPCC, os países em desenvolvimento sãõ os que mais tendem a sofrer as consequências destes eventos.

Eventos climáticos extremos se tornaram mais intensos e/ou mais frequentes durante os últimos cinquenta anos no Sudeste da América do Sul. Eventos de

³ Disponível em: <news.un.org/pt/story/2023/01/1807962>. Acesso em: 2 ago. 2023

⁴ Disponível em <news.un.org/pt/story/2023/01/1807647>. Acesso em: 3 ago. 2023

⁵ Disponível em <news.un.org/pt/story/2022/07/1796132>. Acesso em: 3 ago. 2023

chuva excepcionais ocorreram em meados de dezembro de 1999, causando inundações e deslizamentos ao longo da costa central da Venezuela, havendo informações de mais de 10.000 mortes, além de perdas econômicas estimadas em mais de 1,8 bilhão de dólares (Lyon, 2003 *apud* Marengo, 2017, p.6).

Esta discussão, atinge o Brasil de forma significativa, mesmo que o país não emita tantos gases de efeito estufa a exemplo de nações como China, Estados Unidos e Índia⁶. De 2000 até 2019, o Brasil foi o 27º país de uma lista de 180 que mais foi impactado por eventos climáticos, conforme apontado pelo Índice Global de Risco Climático (2021), da organização ambiental alemã Germanwatch. O país sobe de posição a cada ano da pesquisa. Até 2017 no ranking do mesmo órgão, estava em 79º entre 168 países. Além disso, projeções futuras de órgãos oficiais voltados ao estudo meteorológico no Brasil já preveem grandes índices pluviiais até 2030 (Marengo, 2017). A pesquisa também se estende às universidades brasileiras. Um estudo da Universidade Federal de São Paulo avaliou as ondas de calor na costa brasileira. “Nos litorais de RS, SP e ES, a frequência de ocorrências diárias de extremos máximos de temperatura e das ondas de calor [...] tem aumentado ao longo dos anos” (UNIFESP, 2023, p.1). Na Universidade de São Paulo, uma pesquisa que analisou o clima na Região Metropolitana de São Paulo teve conclusões na mesma linha: “O número de eventos de precipitação extrema, com chuva acima de 100 milímetros/dia, já é maior nos últimos 20 anos do que no acumulado das seis décadas anteriores” (USP, 2020, p.1).

O aumento da temperatura e eventos extremos têm crescido a incidência de desastres no Brasil e no mundo. A palavra “desastre” é conceituada pela Secretaria Nacional da Defesa Civil (2020) como resultado dessas adversidades e/ou provocadas pelo homem sob um ecossistema vulnerável que resulta em danos materiais, humanos, econômicos e ambientais. Monteiro e Zanella (2019) explicam que o termo “desastre natural” vem sendo amplamente utilizado em diversos estudos, análises e principalmente por propaganda de órgãos e pela mídia, porém, essa associação reproduz equívocos, mais confundem que esclarece e enaltece o que os autores chamam de “concepção fatalista”, uma ideia de que a força da natureza atua, sem nenhum outro responsável, de forma imprevisível e inevitável contra as vítimas, os seres humanos. “Ora, tal interpretação conduz a sociedade ao conformismo, contribuindo para a adoção de uma postura inerte e impotente frente às ameaças naturais” (Monteiro; Zanella, 2019, p.45). A Defesa Civil nos ajuda a entender que “desastre misto” é a melhor nomenclatura para o acontecimento que não pode ter a chuva como causa exclusiva, como se nota no caso dos deslizamentos.

⁶ Segundo informações do Atlas do Carbono (2021). Disponível em: <globalcarbonatlas.org/emissions/carbon-emissions/>. Acesso em: 3 ago. 2023

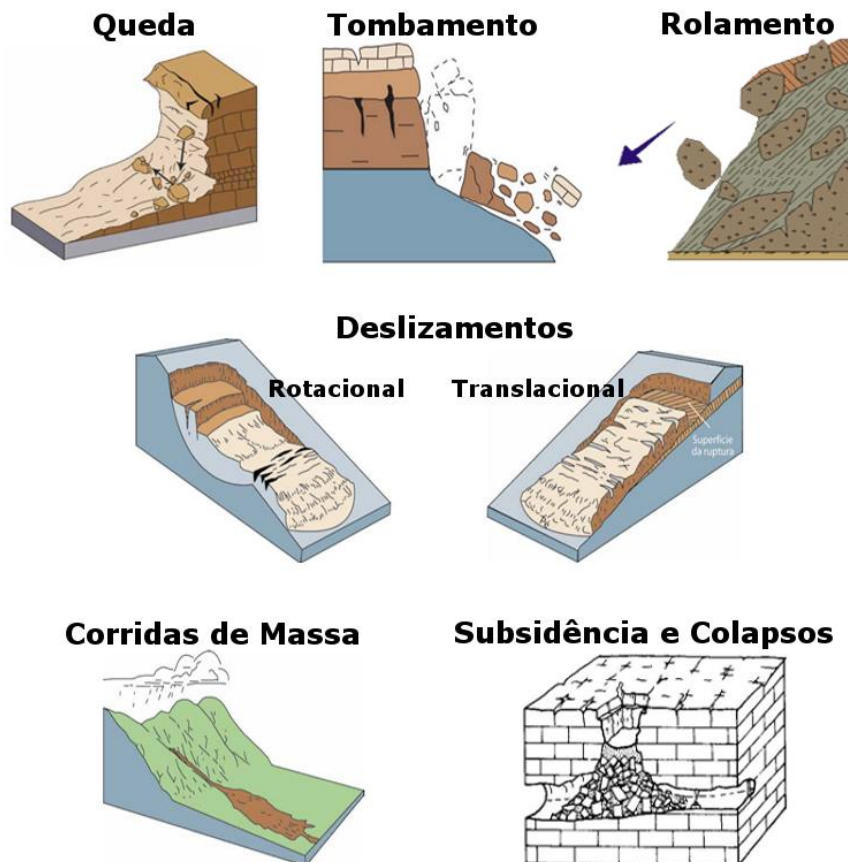
Desastres Naturais: São aqueles provocados por fenômenos e desequilíbrios da natureza e produzidos por fatores de origem externa que atuam independentemente da ação humana. **Desastres Humanos:** São aqueles provocados por ações ou omissões humanas. Relacionam-se com o próprio homem, enquanto agente e autor. Por isso, são produzidos por fatores de origem interna. Esses desastres podem produzir situações capazes de gerar grandes danos à natureza, aos habitats humanos e ao próprio homem, enquanto espécie [...] **Desastres Mistos:** Ocorrem quando as ações ou omissões humanas contribuem para intensificar, complicar e/ou agravar desastres naturais. Caracterizam-se, também, por intercorrências de fenômenos adversos naturais que atuam sobre condições ambientais degradadas pelo homem, provocando desastres (Sedec, 2020, p.58).

Ou seja, o termo “desastre misto” reconhece uma atuação de fenômenos meteorológicos extremos (que também não pode ser totalmente classificada como natural, visto que são agravadas pela poluição humana), mas também entende que o homem colabora para que os desastres ocorram. Kobiyama *et. al* (2006) utilizam os conceitos no mesmo sentido, quando enfatiza que os desastres não podem ser puramente naturais se envolvem ação antropológica que afeta sua ocorrência, como construções, vivências e permanências de pessoas em locais irregulares. Embora a terminologia correta da Defesa Civil, outros órgãos governamentais insistem em utilizar do conceito de desastre natural, criando – às vezes, por desconhecimento e sem intenções – uma contradição entre a posição do Governo como um todo em relação ao tema.

2.1.1 Movimentos de massa e deslizamentos

Os movimentos de massa são exemplos de desastres que aumentaram nos últimos anos. Entre os principais, o conceito se divide em seis práticas, conforme o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (2021, p.2): a) queda: queda livre de fragmentos rochosos; b) tombamento: bloco rochoso sofre um movimento de rotação frontal para fora do talude; c) rolamentos: movimentos de blocos rochosos ao longo de encostas; d) corridas de massa: movimentos rápidos e desencadeados por um intenso fluxo de água na superfície, que liquefaz o material superficial que escoia encosta; e) subsidência e colapsos: caracterizados por afundamento rápido ou gradual do terreno; e f) deslizamentos: são movimentos de solo e rocha que ocorrem em superfícies de ruptura divididos entre rotacional (superfície de ruptura é curvada) e translacional (superfície relativamente plana). As terminologias trazidas pelo Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais em um site aberto para a população podem parecer de difícil entendimento perante leigos. Em anexo do texto no site, foi inserido um conteúdo ilustrativo que auxilia a sanar a dificuldade de entender os termos técnicos. Ele pode ser visto abaixo na Figura 1.

Figura 1 – Principais tipos de movimentos de massa.



Fonte: Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (2021).

Em outro conceito, os deslizamentos são um “fenômeno provocado pelo escorregamento de materiais sólidos, como solos, rochas, vegetação e/ou material de construção ao longo de terrenos inclinados” (Sedec, 2020, p.59). São eventos que “têm possibilidade de previsão, ou seja, pode-se conhecer previamente onde e em que condições vão ocorrer, e qual será a sua magnitude” (IPT, 2018, p.21). Pelo levantamento de Macedo e Sandré (2022), ambos do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo, só por eles, de 1988 a 2022, foram 4.146 pessoas mortas no Brasil. Além disso, as regiões com mais áreas suscetíveis a deslizamentos são a Sul e Sudeste. Esta explicação técnica é acompanhada de uma série de conceitos, como de vulnerabilidade social e entender a diferença dos termos “desastre

natural” e “desastre misto”, questões que serão exploradas ao longo do trabalho. Alguns deslizamentos exemplificam a calamidade da situação para a vida humana. Em 2011, 969 pessoas morreram na região serrana do Rio de Janeiro. Em 2022, em Petrópolis/RJ, ao menos 241 foram mortas por desastres. No deslizamento em Recife, no mesmo ano, foram 128 vítimas. Estes são alguns exemplos de quando os deslizamentos geraram número de mortes expressivas.

2.1.2 Principais consequências dos desastres

A perdas fatais são a consequência mais gritante, por ser a mais impactante perante a sociedade e, logo, a mais noticiada pela mídia. Porém, a devastação que um desastre causa em uma população não se limita a morte, feridos e perda de bens materiais. Primeiro, é necessário entender a diferença entre conceitos: vítimas, desalojados, deslocados e desabrigados segundo o Glossário da Defesa Civil (2020). Vítimas são aquelas pessoas que sofreram qualquer espécie de dano físico, psíquico, econômico ou social em consequência do desastre. Desalojados são as que foram obrigadas a abandonar temporariamente ou definitivamente suas casas pela possibilidade de destruição. Ainda, “os desalojados constituem-se do grupo que conta com o suporte de uma rede privada de relações para obter um acolhimento provisório junto ao domicílio de parentes, vizinhos e amigos;” (Valencio; Valencio, 2011, p.152). Já os desabrigados são aquela população que a habitação foi afetada por danos e está alocada em abrigos; além disso, é importante lembrar que ainda há os desaparecidos, aqueles que não foram localizados com ou sem vida, ou que foram para destinos desconhecidos devido ao desastre (Sedec, 2020), que também afetam os familiares e amigos, que sofrem a angústia de esperar respostas de seus entes queridos.

Aos que sobrevivem, outras consequências podem afetar a integridade, dignidade e limitam seus direitos fundamentais. Por exemplo, estradas de acesso às casas bloqueadas, restringindo o deslocamento e o direito de ir e vir das pessoas, as deixando ilhadas e também impedindo o acesso dos jovens às escolas, à educação, e dos mais velhos, aos seus locais de trabalho. Quando não afetadas, as escolas também podem precisar interromper suas atividades por serem os únicos locais para abrigar as pessoas (Marengo, 2017), em cidades que não dispõem de maiores estruturas. Algumas garantias básicas e serviços também param de funcionar devido à instabilidade da região, como o fornecimento de água, telefone e eletricidade, que ficam interrompidos até a restauração dos danos (Marengo, 2017). Como consequência, a população fica presa, sem serviços básicos e sem acesso à informação.

Alguns desastres são capazes de destruir a condição econômica de uma região, como o ocorrido no Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul, em setembro de 2023, em que todo o comércio de Muçum foi tomado pela enchente do rio. Mercados e lojas tiveram que jogar todos os produtos fora, pois foram arrastados e infectados pelas águas (RBSTV, 2023). Ainda nessa questão, são as lavouras destruídas e prejuízos na agricultura. Animais de agropecuária são perdidos soterrados ou afogados em deslizamentos e enchentes. Os desastres também interferem em vegetações naturais e no meio ambiente. “Dentre tais consequências estão: a poluição dos mananciais de água potável; a poluição atmosférica; a contaminação por agrotóxicos; a contaminação de solos por resíduos; e a ocorrência de desastres ambientais” (Viana *et. al*, 2014, p.111).

Além disso, a saúde humana é colocada em risco. Viana *et. al* (2014) explica que sentimentos e emoções de dor e tristeza são normais, visto a gravidade da situação, e não devem ser tratados como adversidades. Porém, as situações somadas à “falta de cuidado das instituições, pelo abandono sofrido, por não ter a quem recorrer, por não ser ouvido, pela falta de resposta (Viana *et. al*, 2014, p.116) podem agravar as consequências e adicionar sintomas de doenças psicológicas como depressão, ansiedade e crises de pânico. Com os sistemas de saneamento corrompidos e água contaminada por escombros e esgoto, os deslizamentos também podem resultar em risco para a saúde pública. Doenças como leptospirose (presente na urina do rato) e tétano (presente na água, terra, poeira, etc) podem contagiar a população desamparada, bem como a água e a lama quando em contato com ferimentos podem gerar infecções (BBC News, 2022). Por fim de um rol taxativo, a insegurança alimentar e pobreza; quando associados com momentos de crise, como em pandemias, a gestão do problema tende a piorar (IPCC, 2023). Estas consequências listadas, além de prejudiciais para a humanidade, agravam a situação de vulnerabilidade em que estas comunidades estão inseridas. Ela será maior especificada no próximo capítulo.

2.2 A VULNERABILIDADE SOCIAL E A JUSTIÇA AMBIENTAL COMO TEMA CENTRAL DOS DESASTRES

Se, de um lado, tem-se uma consequência natural provocada pelas fortes chuvas, que são impulsionadas pelas mudanças climáticas; do outro, há as omissões humanas de normalizar a vivência da população em áreas que são mapeadas como de risco, instabilidades geológicas e inoperância do poder público em garantir novas ocupações ou prevenir o bem-estar das pessoas antes de um acontecimento trágico. A questão chave deste capítulo é entender o porquê

destas pessoas estarem morando nestas regiões, quem são elas e o principal: por que não saem e quais são os esforços dos entes públicos para tirá-las das áreas de risco.

O processo de ocupação de locais marginalizados inicia na segunda metade do século XX, com o início da urbanização, em que foram redefinidos padrões de consumo e produção (Carmo, 2014). O autor continua destacando o Brasil como um exemplo emblemático de país que potencializou uma relação desigual de ganhos e custos, criando assim, uma rede urbana marcada pela desigualdade: com o aumento da densidade nas grandes cidades, aqueles que estavam na parte inferior da balança econômica sofreram a difícil inserção e se viram obrigados a buscar locais para morar, mesmo que se considerados fora dos padrões pelo poder público, conforme aponta Valladares (2005). Carmo (2014) ainda esclarece dois principais pontos de vivência presentes nas grandes cidades: de um lado, uma população desfavorecida com suas vidas constantemente comprometidas nas chamadas “áreas de risco”; de outro, dois grupos, uma população de baixa renda que vive sob circunstâncias dignas em questão de moradia, e outro, pessoas de alta renda que estão concentradas em locais de confortabilidade e segurança.

1. Assentamentos precários: compostos a partir da reunião de domicílios onde residem populações de baixa renda, geralmente caracterizados por ocupar espaços sujeitos à inundações, deslizamentos de encostas ou áreas contaminadas. Em geral, esses domicílios não possuem documentação formal de titularidade da terra. Esses assentamentos constituem setores censitários (unidade espacial de obtenção e divulgação de dados) do IBGE com a denominação de “setores subnormais”, que quando agrupados formam os “aglomerados subnormais”, conhecidos também como “favelas”, dentre outras denominações regionais; **2. Assentamentos urbanos “normais”:** grupo heterogêneo que incorpora significativas diferenciações internas e que pode ser subdividido em dois outros grupos: um formado por habitações de população de baixa renda, mas que são distintas das favelas por não serem precárias; outro formado por domicílios residenciais de alta renda, geralmente reunidos em condomínios fechados, verticais ou horizontais (Carmo, 2014, p.4).

Áreas de risco são tecnicamente conceituadas como regiões onde não há recomendação de construção de casas ou instalações, pois são locais muito expostos às consequências dos desastres, como desabamentos e inundações⁷. Geralmente, são áreas próximas a grandes morros ou rios que sobem com facilidade. Três conceitos determinam a ocorrência deste fatos trágicos: a) perigo, que é a potencialidade de um fenômeno causar uma consequência não desejada; b) vulnerabilidade, referente à probabilidade de ocorrer perdas de vidas ou de bens; e por fim, c) risco, que são os edifícios e estruturas em locais suscetíveis a situações catastróficas (Wisner *et. al*, 2003; Uitto, 1998; SDR, 2004; Brasil, 2007; Lindell;

⁷ Disponível em: <unicamp.br/fea/ortega/temas530/ricardo.htm>. Acesso em: 8 de out. 2023.

Prater; Perry, 2006; Tominaga; Santoro; Amaral, 2009 *apud* Ventorini *et. al*, 2017). Em nível nacional, sabe-se que uma população de cerca de 4 milhões pessoas moram em áreas de risco⁸.

Os fenômenos naturais não são prejudiciais em si, por exemplo, para os antigos egípcios as enchentes do Nilo não eram eventos perigosos. Inundações, secas, tempestades, terremotos, erupções vulcânicas, furacões e outros são fenômenos naturais que só se tornam perigosos se ocorrerem onde as pessoas vivem (Castro; Peixoto; Rio, 2005, p.2).

Mais que conceitos teóricos, o cenário de pessoas de baixa renda como dominantes nestes locais é comprovado na prática. Uma pesquisa do Instituto Pólis (2022), uma organização da sociedade civil que defende o direito à cidade, confirma que habitantes das zonas de risco são, em maioria, pretos, pardos e famílias de baixa renda chefiadas por mulheres. Como forma de evitar essas desigualdades, a justiça ambiental é um movimento que luta contra essa maior exposição injusta de comunidades pobres e marginalizadas perante as degradações ambientais. “Volta-se para a justa distribuição do espaço ambiental coletivo entre os seres humanos vivos, bem como para o enfrentamento de toda e qualquer espécie de violações de Direitos Humanos fundamentais originadas em contextos de degradação ambiental no território brasileiro” (Rammê, 2012, p.50). O autor também disserta que no Brasil, o grupo Rede Brasileira de Justiça Ambiental foi criado para promover ações e diálogo contra a injustiça ambiental; tentam, de inúmeras formas, reduzir os danos aos menos favorecidos e promovem a mudança do comportamento ambiental como um todo. O Mapa da Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil⁹ intensificou o debate ao apresentar dados que reforçam o perfil de vítimas das injustiças ambientais: moradores do entorno de aterros sanitários e lixões, bem como operários e trabalhadores das indústrias (Rammê, 2012). Também destacou o nível de prejuízo que estas populações sofrem ao terem seus territórios utilizados para atividades econômicas de degradação ambiental, por exemplo, uma fábrica multinacional que é construída em um local periférico, de terrenos baratos, onde moram populações mais pobres que sofrerão com a poluição da indústria (sonora, do ar, ambiental, etc).

No que refere às atividades responsáveis pelas injustiças ambientais no Brasil, o estudo realizado demonstra claramente que todas as atividades econômicas que interferem nos territórios e modos de vida das populações estão dentre as principais causadoras de impactos e conflitos socioambientais. Entre as principais atividades econômicas estão o agronegócio, a mineração e siderurgia, a construção de barragens e hidrelétricas, as madeireiras, as indústrias químicas e petroquímicas, as atividades pesqueiras, a carcinicultura, a pecuária e a construção de rodovias, hidrovias e gasodutos (Rammê, 2012, p.52)

⁸ Dados retirados do mapeamento realizado pelo Serviço Geológico do Brasil, disponível em: <geoportal.cprm.gov.br/portal/apps/dashboards/c338199dee3a4d4bb0e43738b424a298>. Acesso em: 8 de out. 2023.

⁹ Disponível em: <mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/>. Acesso em: 7 nov. 2023.

A partir do estudo, a ineficácia do poder público foi sinalizada mais uma vez, no sentido de conceder licenciamentos ambientais deficitários e não se preocupar com os interesses das populações na negociação de realocação das empresas. Parte das consequências da degradação ambiental, os desastres também atingem em maior número as pessoas vítimas da má distribuição de recursos naturais e território, por isso, o dever de prevenir os eventos e minimizar seus danos também está presente no debate do movimento. Além disso, é importante elencar que este grupo marginalizado não vive apenas sob difíceis condições de moradia, mas de assistência de uma maneira geral. A pesquisa do Instituto Pólis (2022) também indica essa realidade: nas mesmas áreas, as condições de urbanização e saneamento ambiental (abastecimento de água, coleta de esgoto e infraestrutura de drenagem) são piores que nas regiões onde a população branca é dominante. Norma Valencio e Arthur Valencio (2017) especificam ainda mais a vivência deste grupo social: de condições de trabalho e habitacionais insalubres, inseridos em um processo histórico de vulnerabilização; ou seja, não conhecem outra realidade, a não ser a que a eles foi imposta.

É importante destacar a falta de perspectiva de mudança de vida dessas pessoas, visto que o mercado de trabalho brasileiro há anos não atende a demanda que recebe, o que aumenta o público desempregado, com empregos informais e que ganham muito abaixo do salário mínimo (mas nem este valor supre as necessidades de qualquer família brasileira com o atual preço de itens básicos no país). Com o descaso, a maioria segue a vida em zonas de risco, em constantes ameaças de perder todos os seus bens materiais e, na maioria das vezes, as suas próprias vidas. Mesmo com direitos de moradia, vida e dignidade previstos na Constituição Federal (1988), são desamparadas pelo Estado e até pela própria sociedade civil. A vivência de pessoas nestes locais denuncia a falta de planejamento urbano e estruturas das cidades, mas também outros fatores podem refletir a vivência em áreas de risco, como a falta de divulgação dos perigos e ameaças dentro da comunidade, ou a crença absoluta de que os desastres não vão ocorrer – o que vê-se hoje em dia é essa realidade cada vez mais distante. Também há de se considerar o apego simbólico que os moradores têm ao lugar, visto que suas casas são sinônimos de suas infâncias, principais acontecimentos das suas vidas e conquistas, uma relação emocional com os ambientes que inimagina riscos. Por essas razões, mesmo que tivessem condições, a saída de algumas pessoas destas áreas, mesmo que temporariamente, pode ser algo difícil de ser alcançada. Por isso, também é dever das instituições promover um diálogo social e psicológico nas sociedades, a fim de conscientizar aqueles que não tem conhecimento do risco de suas situações. “Nesse sentido, a redução de algumas vulnerabilidades conjunturais só será possível se o planejamento de medidas de mitigação

envolver os indivíduos e grupos sociais. A educação constitui um caminho privilegiado para isso” (Trajber; Olivato; Marchezine, 2017, p.6). Conclui-se que estas pessoas estão em situação de vulnerabilidade, que segundo Marandola Jr e D’Antona (2014), é um conceito de exposição ao risco em suas mais variadas formas, útil quando estamos dispostos a pensar sobre processos que relacionem as fragilidades da segurança humana e as capacidades de enfrentamento dessas deficiências; porém, de nada adianta elencar a discussão da vulnerabilidade se as respostas dadas são menores que os perigos.

2.2.1 Ações preventivas para as comunidades

Já que a retirada dessas pessoas para outros lugares e reestruturação das sociedades em áreas de risco parece distante, o governo utiliza da estratégia de um plano de contingência para evitar os danos dos possíveis locais de desastre. Ainda segundo os autores, após fortes chuvas no sudeste em 1960, entidades governamentais brasileiras começaram a estruturar movimentos de gestão de desastres, projetos de prevenção e redução de risco quando há previsão de ocorrência. Com isso, é dever da Defesa Civil a atuação ativa com as pessoas que sofrem estes riscos. Entre as ações do plano preventivo do órgão estão quatro principais ações: a) Observação, como forma de monitorar o acúmulo de chuva; b) Atenção, quando o acúmulo de chuva ultrapassa o valor de referência de estabilidade da região; c) Alerta, quando há evidência de movimentação de massas pontuais, com remoção das pessoas dos locais se necessário; e d) Alerta máximo, com escorregamentos generalizados pelo município e retirada obrigatória das pessoas (Amaral; Gutjahr, 2015).

Na esfera federal, foi criado o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (CEMADEN), responsável pela emissão de alertas de desastres ao Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos e Desastres (CENAD), o qual, por sua vez, faz a comunicação com os órgãos municipais de defesa civil. Para que essa cadeia de ações seja efetiva, é necessário que os municípios estejam devidamente preparados e com planejamentos adequados aos seus respectivos cenários de risco (Coutinho *et. al.*, 2015).

Essa dependência multiorganizacional pode ser perigosa, uma vez que a falha na comunicação de uma das entidades pode colocar as vidas em risco – alguns especialistas nem as consideram efetivas. Norma Valencio (2017) enfatiza que as ações de prevenção são uma clara resposta à incapacidade do Estado de prevenir e proteger seus grupos sociais mais suscetíveis, porém, as consequências observadas na maioria dos desastres, como o desmonte de estruturas e inviabilização de serviços usuais aos moradores, mostram que “as estratégias de prevenção e preparação revelam-se relativamente inócuas. Mas, a dimensão trágica dos acontecimentos se amplia quando as providências concernentes à reabilitação e recuperação de

longo-termo também ficaram aquém do esperado” (Valencio, 2017, p.4). Também há uma discussão acerca da disseminação do alerta, visto que estamos falando de uma população de várias personalidades e há necessidade dos avisos chegarem para aquelas que escutam ou leem notícias todo dia, mas também para aqueles que não têm esse costume e sequer aparelhos eletrônicos para se informar e receber mensagens ou condições financeiras de comprar jornais. Por isso, em diversos fatos, como neste, a eficácia do alerta é questionada pelos moradores. Dentro da academia, uma vertente é especializada no estudo da comunicação de risco e buscam entender a efetividade da ação para essas comunidades.

Norma Valencio (2020, p.22) faz outra crítica à constante prática do plano preventivo: “Assentadas na tríade sirenes/alertas, sinalização de rotas de fuga e exercícios simulados de emergência, essas práticas vão simultaneamente acomodando performances oficiais autoritárias”. Segundo a autora, essa constante prática envolve o interesse dos agentes em manter a performance de simulações e adequação da comunidade a esta realidade, sem margem para repensar ou questionar as causas estruturais dos locais, principais responsáveis pelas ameaças às pessoas. Apesar das controvérsias e da necessidade de se pensar em uma medida de segurança efetiva para essas sociedades, a Defesa Civil, e principalmente, sua qualificação, são imprescindíveis para os momentos de eventos extremos, por ter o dever de auxiliar as populações nos contextos de desastres.

2.2.2 Mapeamento de áreas de risco

As áreas de risco são, em sua maioria, mapeadas no Brasil pela Defesa Civil, como uma das ações de prevenção. Apesar de não haver um comando de obrigatoriedade da ação de mapeamento, ela é executada e disponível por alguns municípios e estados como parte de um planejamento dos órgãos. Os mapeamentos geralmente são encontrados em documentos que não tem padrão nacional de formatação e local específico onde podem ser encontrados: os estados/municípios estruturam e divulgam da forma que melhor entendem; além disso, apenas alguns estão disponíveis no site do governo¹⁰, como o da cidade de São Sebastião (SP); outros, como o do Rio Grande do Sul, são encontrados na aba do site da Defesa Civil do Estado.

Mas, a título de exemplo, em busca de entendermos que tipos de informações a Defesa Civil dispõe das áreas de risco quando elas são mapeadas: o “Plano Municipal de Redução de Riscos (PMRR)”, realizado pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas em 2018 sob encomenda

¹⁰ Disponível em: <gov.br/mdr/pt-br/assuntos/protecao-e-defesa-civil/boas-praticas/mapeamento-de-areas-de-risco>. Acesso em: 16 out. 2023

do São Sebastião (SP), apresenta uma ampla teoria em conceitos, ações e procedimentos acerca de eventos climáticos e riscos da região. O mapeamento é um dos tópicos deste documento e elenca 21 bairros que são áreas de risco na cidade. Também há o setor, grau de risco e número de moradias por espaço identificado (IPT, 2018). O exemplo do mapeamento de São Sebastião está visível na Figura 2, a fim de entendermos quais os dados que constam nos documentos.

Figura 2 – Mapeamento de São Sebastião.

| ÁREA | SETOR | GRAU DE RISCO | Número de moradias / edifícios por setor |
|---------------|-----------|-----------------------------|--|
| Juquehy | SSB-03-01 | SM - Setor de Monitoramento | 28 |
| | SSB-03-02 | R3 – Alto | 64 |
| | SSB-03-03 | SM - Setor de Monitoramento | 51 |
| | SSB-03-04 | SM - Setor de Monitoramento | 242 |
| | SSB-03-05 | SM - Setor de Monitoramento | 72 |
| | SSB-03-06 | SM - Setor de Monitoramento | 66 |
| | SSB-03-07 | R3 – Alto | 2 |
| Barra do Sahy | SSB-04-01 | SM- Setor de Monitoramento | 162 |
| Cambury | SSB-06-01 | R3 – Alto | 2 |
| | SSB-06-02 | SM - Setor de Monitoramento | 4 |
| | SSB-06-03 | SM - Setor de Monitoramento | 41 |
| Boiçucanga | SSB-07-01 | R3 – Alto | 2 |
| | SSB-07-02 | R3 – Alto | 1 |
| | SSB-07-03 | SM – Setor de Monitoramento | 50 |
| | SSB-07-04 | SM – Setor de Monitoramento | 49 |
| | SSB-07-05 | SM – Setor de Monitoramento | 22 |
| | SSB-07-06 | SM – Setor de Monitoramento | 28 |
| | SSB-07-07 | SM – Setor de Monitoramento | 10 |
| Maresias | SSB-08-01 | SM – Setor de Monitoramento | 121 |
| | SSB-08-02 | SM – Setor de Monitoramento | 22 |
| | SSB-08-03 | SM – Setor de Monitoramento | 27 |
| Paúba | SSB-09-01 | SM – Setor de Monitoramento | 4 |
| | SSB-09-02 | SM – Setor de Monitoramento | 16 |

continua...

Fonte: Instituto de Pesquisas Tecnológicas (2018).

Por fim as críticas e contribuições de cientistas quanto aos métodos preventivos do Estado, Marandola Jr. e D’Antona (2014) explicam que vulnerabilidade é um conceito presente em todos os espaços da sociedade – cada local terá uma tendência vulnerável. Por isso, os autores propõem que mais que observar e mapear as áreas de risco, é preciso entender a que elas são vulneráveis e quais suas necessidades específicas. “Um estudo que tenha por objeto a vulnerabilidade e que seja realizado em contexto bem delimitado [...] pode trazer, a partir da experiência e da percepção da população sujeita ao risco, grande entendimento da

vulnerabilidade daquela população em tal lugar” (Marandola Jr.; Hogan, 2009 *apud* Marandola Jr.; D’Antona, 2014, p.50 e 51).

2.3 JORNALISMO E QUESTÕES TEÓRICAS

A construção da realidade pelo jornalismo nos faz pensar sobre o quanto se conhece de um acontecimento se não pela mídia. Apesar de anúncios de órgãos públicos, uma história nunca é totalmente contada por dados oficiais, como número de mortes, alertas, e outras informações que são divulgadas de forma limitada por assessorias. As histórias, os detalhes, as conversas, são entendidas exclusivamente por testemunhas e vítimas, que por sua vez, compartilham as visões através do jornalismo. Por isso, é detentor do poder de expor um fato por vários ângulos, olhares e poder utilizar deles para ensinar, denunciar, influenciar. Miquel Alsina (2009, p.46) destaca outro viés da construção da realidade do jornalismo:

A mídia é quem cria a realidade social. Os acontecimentos chegam a nós através da mídia e são construídos através de sua realidade discursiva. Portanto, o processo de construção da realidade social, depende completamente da prática produtiva do jornalismo.

Por isso, “o discurso da mídia não é somente informativo, não pretende só transmitir o saber, mas também pretende fazer sentir” (Alsina, 2009, p.49). Embora cada vez mais essa prática seja questionada, o compromisso do jornalismo com a verdade é um dos pilares da profissão. A primeira teoria do jornalismo, do espelho, de meados de 1850, dizia que o texto produzido deveria ser fiel aos fatos, como um espelho que reflete exatamente tudo que está a sua frente (Peruyera, 2019). Ainda segundo a autora, embora os jornais se vendam por esta premissa e busquem recursos para seguir, ela nunca vai ser total. Isso porque uma verdade absoluta talvez nem exista. As histórias, quando contadas, possuirão destaques, entendimento e ângulos diferentes de pessoa para pessoa. Por isso, os jornalistas já entendem que a subjetividade faz parte do trabalho e a imparcialidade é apenas teórica. Charaudeau (2006) aponta um exemplo básico e esclarecedor: o número de acontecimentos produzidos no mundo são muito maiores do que os tratados pela mídia; apenas essa justificativa já faz entender como a mídia atua na construção da notícia: ela que precisa filtrar que matérias entram e o que das matérias entram. O Manual da Redação da Folha de São Paulo (2010, p.46) também admite essa realidade, entendendo que todo profissional tem “posições pessoais, hábitos e emoções”.

Superada a ineficácia dessa corrente, a teoria do Gatekeeper, de cerca de um século depois que a primeira, entende o jornalista como um portão, que no processo de produção da reportagem vai escolher quais informações passam por ele. “Os eventos e as informações não possuem um valor-notícia inerente, sendo que este é atribuído pelos jornalistas com base nos

critérios jornalísticos e nas rotinas da redação, levando em consideração a linha editorial do jornal, o público-alvo, a atualidade, entre outros” (Ribeiro, 2019, p.84). A partir disso, várias outras teorias foram criadas, mas a grande maioria utiliza dos preceitos de uma dessas duas. Genro Filho (1987, p.22) explica que “se tomarmos o conhecimento como a dimensão simbólica do processo global de apropriação coletiva da realidade, poderemos conceber o jornalismo como uma das modalidades partícipes desse processo e, igualmente, atravessado por contradições”. Charaudeau (2006) complementa a visão de que o jornalismo não é isento. Segundo ele, a informação e até mesmo a imagem são opacas. “A ideologia do ‘mostrar a qualquer preço’, ‘tornar visível o invisível’ e do ‘selecionar o que é mais surpreendente’ (as notícias ruins) faz com que se construa uma imagem fragmentada do espaço público” (Charaudeau, 2006, p.20).

Em meio a estes saberes e ensinamentos, o jornalismo não deixa de lidar com as dificuldades da rotina. O trabalho jornalístico passa por uma crescente degradação por parte da sociedade e órgãos públicos. Com o aumento da circulação das *fake news* por grupos de redes sociais, cada vez mais pessoas desacreditam nos profissionais do jornalismo e, mais, sentem-se no direito de manifestar essas descrenças por meio de agressões verbais e físicas. Segundo a Federação Nacional dos Jornalistas (2023), foram 376 casos de agressão em 2022. Além disso, a pressão do dia a dia está presente nas redações: por um lado, a necessidade da agilidade de dar uma notícia antes que a concorrência. Por outro, a necessidade de apurar os fatos com detalhes e certeza. Adghirni (2002) chama esta agilidade de ‘fluxo contínuo’ e embora não mencione qual a periodicidade deste fluxo, exemplifica que na época de produção de seu trabalho, as grandes páginas jornalísticas distribuíam conteúdo a cada cinco minutos, em média. Para ele, o termo, sinônimo de ‘tempo real’, ‘últimas’, refere-se quando uma “notícia é produzida e multiplicada em cadeia na medida em que o anúncio de um fato novo ou de uma declaração têm repercussão na sociedade e gera outras notícias” (Adghirni, 2002, p.2). Também são “notícias jorradas em abundância por incontidas fontes, imediatamente canalizadas por jornalistas” (Adghirni, 2002, p.4). Ramonet (1999) já criticava as novas obrigações do trabalho jornalístico com a vinda da era online. Dizia ele que o termo ‘jornalista’ etimologicamente significa ‘analista por dia’, mas esse ‘um dia’ tornou-se o imediatismo com o jornalismo digital. O autor também gera a reflexão de que com essa prática de imediatismo, não há margens para uma análise do conteúdo.

Por ora, o jornalista tem afinal cada vez mais a tendência de tornar-se um simples vínculo. Ele é o fio que permite conectar o evento com sua difusão. Ele não tem tempo de filtrar, de verificar, de comparar, porque, se perder muito tempo para fazê-lo, outros colegas tratarão do assunto antes dele. (Ramonet, 1999, p.35)

Nesse sentido, “a intensa concorrência nesse setor tende a colocar os jornalistas no centro de uma dinâmica de reflexividade, de competição e de inovação” (Charron; De Bonville, 2016, p.359-360). Reflexo dessa necessidade de instantaneidade, mas também como contribuição da praticidade das mídias sociais no trabalho jornalístico, cada vez mais se vê dentro das redações o “jornalismo sentado”. Neveu (2006 *apud* Waltz, 2015) explica o conceito como a prática de receber informações noticiosas que não foram coletadas pelo profissional, diferente do que seria o jornalismo “em pé”. Ou seja, nas redações, as assessorias enviam as notícias para o jornalista, a apuração está em sites e livros online, as entrevistas são feitas por telefone, chamada de vídeo e até *whatsapp*. As fotos são enviadas pela própria fonte. Essa prática dá agilidade ao trabalho jornalístico e abre margem para o profissional ser mais produtivo, uma vez que vai gastar menos tempo confirmando informações e logo terá mais espaço em sua jornada de trabalho para outras pautas.

Bastos (2011), um pesquisador português que questionou jornalistas de Portugal sobre suas opiniões a respeito da prática, concluiu aspectos negativos da tendência, entre elas, do abandono das técnicas multimídias, pela dificuldade de conseguir conteúdos não estando no local; e do distanciamento do público e da pauta, impossibilitando novos olhares e até novas reportagens. Waltz (2015, p.131), ao realizar uma pesquisa semelhante com jornalistas brasileiros, não teve conclusões distantes. “Muitos autores enxergam o empobrecimento do papel de mediador do jornalista, na medida em que se converteria em um mero redator, cada vez mais despojado de um senso crítico em nome da maximização de seus domínios técnicos e produção em larga escala”. A discussão sobre a degradação da profissão é relevante em nível social, visto que é dever de todos os cidadãos lutarem pelos direitos da liberdade de imprensa. Além disso, as condições do trabalho jornalístico são benéficas para a sociedade, uma vez que “[...] o pleno exercício de suas funções [do jornalista] propicia o ambiente necessário para que as pessoas possam acessar informações de qualidade e participar ativamente do espaço público” (PPDDH, 2020, p.10). É necessário salientar que as pessoas têm direito à informação e o jornalismo têm o dever de prestar este serviço com qualidade. Além disso, o jornalismo é uma profissão cercada de questionamentos éticos e constante estudo da realidade. Com seu poder de repercussão, pode ser um potencial amplificador de situações sociais e de debates em comunidades.

2.4 A COBERTURA JORNALÍSTICA DE DESASTRES QUE ENVOLVEM CHUVAS EXTREMAS

Se o jornalista já vive uma rotina de pressão em dias de trabalho com notícias cotidianas, nas grandes coberturas, a falta de preparação e o aumento de produção intensificam as dificuldades. Com essa nova lógica de “jornalismo sentado”, os jornalistas acabam acostumando-se com o conforto das redações. Coberturas de desastres, em teoria, exigem a saída desta zona segura e colocam o profissional em um ambiente ainda mais ágil e em contato direto com o acontecimento, visto que ele exige relatos e apuração especializada em um cenário de incertezas. Adghirni (2002 *apud* Souza 2019) elenca uma característica do jornalismo online que é acentuada na cobertura de desastres: a exigência de que jornalistas corram contra o tempo para publicar conteúdos em ‘tempo real’. Além disso, cada vez mais os meios digitais utilizam de conteúdos multimídia em busca de qualificar a cobertura e atrair maior audiência e tempo de permanência do público na página, por isso, além do trabalho de redação, edição e publicação das notícias, por vezes, os repórteres ainda acumulam a função de produtores de imagens, sejam elas fotos ou vídeos, produzindo material para publicação tanto no site como no impresso, ou mesmo na TV (Souza, 2019). “A internet, depois da televisão, acentua, pela velocidade, esta ideia de redução possível dos limites do tempo. Cria-se a ilusão de que, comprimindo-se o tempo, ele pode ser anulado” (Adghirni, 2002, p.9). Nessa corrida, pode-se entender a dificuldade de unir a riqueza de detalhes que a cobertura de desastres exige com a rapidez da entrega do conteúdo que é solicitada pelos superiores, editores-chefes, líderes e gestores – estes que às vezes não são jornalistas e nunca trabalharam na área.

Aqui, outro problema é destacado: a falta de especialização das redações no tema de desastres e como isso afeta diretamente as coberturas quando as causas dos fatos necessitam ser acionadas. Um jornalista generalista faz a mediação do público com especialistas do tema, porém, essa prática já não é mais suficiente em alguns temas, visto que o profissional está suscetível a falhas na tomada de decisões do que será exposto na matéria. Segundo Santos (2004), é normal que um jornalista generalista enfatize o acontecimento dramático e deixe de buscar pelas origens e justificativas do problema. Dornelles (2008) indica a necessidade de desvincular o tema com a suposta atuação de imparcialidade que a imprensa tenta seguir, mas que ela reforce o compromisso de levantar os debates sobre cidadania. Valencio (2012) comenta que os campos de conhecimento científico normalmente são acionados na cobertura de desastres da mídia, porém, ainda é referência do jornalista buscar por meteorologistas,

climatologistas, geologistas e hidrologistas como vozes do tema. A geografia física, humana e as ciências sociais também precisam ser incluídas.

A produção social do desastre se expressa nos processos de territorialização, mas os enredos da tragédia só ganham visibilidade esporádica na pauta dos noticiários quando as chuvas revelam a crise crônica e evoca-se, como afirma Valencio (2012), um dia do desastre, materializado pontualmente nos danos e perdas ocorridos em inundações e deslizamentos. As chuvas, como fenômeno natural, só revelam a crise crônica, elas não causam os desastres e seus efeitos (Valencio, 2012 *apud* Marchezini, 2014, p.180).

Embora vê-se na prática a necessidade de aprimorar o conteúdo, já se vê uma maior atribuição de preocupação com os desastres no jornalismo. “Há um crescimento na atribuição de importância à emergência climática, trazendo um ganho substancial para o debate público, mobilizando vozes de impactados e atentando aos dizeres científicos”, concluiu uma pesquisa de Lengert, Zanovello e Moraes (2020) em análise dos eventos extremos e mudança climática no discurso da Folha de São Paulo e O Globo, em 2016. Porém, é necessário ressaltar também a dificuldade deste avanço, visto que a relevância do assunto não é o único requisito para um tema estar na pauta jornalística (às vezes, assuntos relevantes perdem espaço para publicidade, conteúdo que rende cliques, virais ou outros factuais). Então, essa afirmação não é uma garantia de um tema cada vez mais em pauta, mas um indício do seu potencial de ganhar maior aprofundamento e espaço na agenda, o que pode ser um impulsionador da qualificação dos profissionais e do próprio debate. A representação do desastre na mídia deve ser mais do que entender o acontecimento como uma notícia, mas o “resultado de eventos adversos, naturais ou provocados pelo homem, sobre um ecossistema (vulnerável), causando danos humanos, materiais e/ou ambientais e consequentes prejuízos econômicos e sociais” (Amaral; Loose; Girardi, 2020). Também, como eventos sociais complexos não apenas causadores de mortes e perdas, mas expositores de políticas públicas ineficientes. “Com o aumento de fenômenos, crises ambientais e maior preocupação na sociedade, a temática é incorporada enquanto pauta midiática recorrente” (Lengert; Zanovello; Moraes, 2020, p.4). Ainda, como eventos prováveis de seguirem ocorrendo e que cada vez mais se necessita da atenção da sociedade e órgãos públicos.

Nos desastres ditos naturais, as explicações mais imediatamente difundidas sobre a cena de devastação, o caos, são recorrentemente postas fora do escopo das relações sociais.[...] Assim, se apela para a procura desse algo que fora da esfera do mundo social, **o monstro**, o qual, embora seja celeremente identificado, nominado, classificado e mensurado por parcela da comunidade científica (o furacão, o terremoto, as chuvas), parece ter se manifestado como nunca antes, exigindo suporte de pesquisa para que se saiba ainda mais sobre ele a fim de nos tranquilizar quando de sua próxima aparição (Valencio, 2017, p.8, grifo nosso).

As mudanças climáticas, antes de qualquer acontecimento, também devem ser frequentemente tratadas com sua devida relevância. “Em novembro de 2019, mais de 11 mil cientistas de 153 países assinaram conjuntamente um artigo declarando que o planeta está em ‘emergência climática’, reforçando a ideia de que o aquecimento global não é comunicado com a urgência devida” (Ripple *et. al*, 2020 *apud* Lengert; Zanovello; Moraes, 2020, p.1). Por isso, o jornalismo se torna uma potência no debate, que assim como em tantos outros, tem o poder de amplificar a discussão, ensinar pessoas e problematizar a nova realidade – e a constância que ela terá na vida humana.

2.4.1 Indicadores sensíveis

Apesar de todos os desafios da cobertura e vivência jornalística demonstrados acima, os profissionais ainda têm o compromisso com a informação, rapidez e clareza. Consequência ou não da rotina de pressão, “muitas vezes, a abordagem jornalística de um evento limite é repetitiva e amplia pouco o conhecimento sobre o acontecimento em questão” (Amaral; Lozano Ascencio; Puertas Cristobal, 2020, p.5). Por isso, os autores propõem cinco indicadores a serem levados em conta pelo jornalismo quando este tipo de cobertura precisa ser acionada. O primeiro indicador é a denominação de desastres, isso porque na nomeação “se encontra o poder de incluir ou de excluir, de qualificar ou desqualificar, de legitimar ou não, de dar voz, publicizar e tornar público” (Berger, 2003, p.22). Sendo assim, Amaral, Lozano Ascencio e Puertas Cristobal (2020) entendem que o jornalista pode recorrer por caminhos de nomenclaturas: pela denominação popular, como chamar de “chuvarada”; pela técnica, “movimento de massa”; por uma determinada ordem imaginária do acontecimento sensacional, “acidente”, “catástrofe”, “tragédia”. Outras denominações são ressaltadas pelos mesmos autores (2020), como as que dão sentido à gravidade (“emergência, crise climática”). Assim como os que atribuem responsabilidade (“desastre anunciado, crime ambiental”), como as que direcionam a culpa apenas para o evento climático (“fatalidade, desastre natural, temporal matou”).

O segundo indicador mencionado é o eixo temporal da cobertura, em que os autores entendem o protagonismo do acontecimento e o jornalismo enquanto refém deste ritmo. Neste, visualizam a publicação de reportagens em três momentos: o primeiro, o de emergência e eclosão da crise, ou seja, o momento em que o evento acontece e a busca das consequências; um momento de busca de causas e controvérsias; e por fim, o momento de recordação do fato (ex: “relembre um mês da tragédia”). O terceiro indicador, acionamento/papel das fontes diz respeito à necessidade que além de pluralidade, se tenha diferentes pontos de vista em uma

cobertura (Amaral; Lozano Ascencio; Puertas Cristobal, 2020, p.8): “Quando ocorre um desastre, as fontes ligadas ao poder público e à política costumam ser consultadas, mas não assumem responsabilidades”. Os pesquisadores também ressaltam que as demais já possuem lugares bem definidos no espaço das matérias: enquanto especialistas definem os enquadramentos, as testemunhas dão veracidade ao ocorrido. As vítimas aparecem como personagens que buscam trazer a sensibilidade e os sentimentos. O último indicador idealizado por Amaral, Lozano Ascencio e Puertas Cristobal (2020) é a presença de explicações técnico-científicas. Este indica a questão comentada nos tópicos acima, de que um desastre é consequência de uma série de fatores - chuvas, desigualdade social, falta de políticas públicas - então este indicador resalta a necessidade de qualificar uma cobertura com a menção de explicações advindas das mais variadas áreas. Incidente, destacam-se na presente análise as explicações sociológicas e ambientais. Estes são “pistas para pensarmos sobre as limitações e potências do jornalismo e outros tantos podem ser elencados” (Amaral; Ascencio; Cristobal, 2020, p.14).

2.4.2 Minimanual de cobertura

Márcia Franz Amaral, Eloísa Beling Loose e Ilza Maria Tourinho Girardi (2020) criaram o Minimanual para a cobertura jornalística das mudanças climáticas com o objetivo de orientar jornalistas e estudantes na qualificação dos seus trabalhos na cobertura de mudanças climáticas. O documento é uma produção da Universidade Federal de Santa Maria e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Além das coordenadoras editoriais, uma série de cientistas de ambas instituições contribuíram para a elaboração do trabalho. O material idealiza que “a forma como se dá a cobertura jornalística sobre o tema pode contribuir para o debate público e a discussão de políticas, assim como a própria sensibilização da sociedade sobre a complexidade e dimensão das mudanças do clima” (Amaral; Loose; Girardi, 2020, p.9) e dá bons exemplos de práticas internacionais, como: “O jornal britânico The Guardian, por exemplo, a fim de reforçar o tamanho do desafio que estamos vivendo, alterou a forma de se nomear a questão em suas páginas, substituindo “mudanças climáticas” por “emergência, colapso ou crise climática” (Amaral; Loose; Girardi, 2020, p.9).

O documento é dividido por cinco títulos. Em cada um deles, dez tópicos de dicas ou conceitos são dados. O primeiro, “dez conselhos para a cobertura jornalística das mudanças climáticas”, traz ações que podem ser feitas antes e durante a produção do conteúdo como “refletir não somente sobre os impactos das mudanças climáticas, mas também sobre as soluções”, “divulgar a investigação científica em torno das mudanças climáticas” e “incentivar

a especialização nas redações” (Amaral; Loose; Girardi, 2020, p.16-22). O segundo e terceiro tópico do trabalho trazem “dez verbetes para compreender a questão do clima” e “dez conceitos que cercam o tema” (Amaral; Loose; Girardi, 2020, p.24-36), palavras e expressões fundamentais para que os jornalistas não errem as denominações desejadas, mas que também, não esqueçam de dialogar estas palavras-chaves com o conteúdo de suas reportagens. O segundo tópico cita, por exemplo, “efeito estufa”, “fenômenos meteorológicos extremos” e “gases de efeito estufa (ozônio)”. Já o terceiro conceitos cruciais, como de “risco”, “vulnerabilidade social” e o de “desastre”, que seguem a linha dos mencionados no trabalho.

O penúltimo título do minimanual, “dez questões fundamentais para pensarmos nossa realidade”, é primordial para este trabalho. Ele traz a relação do clima com vários outros fatores e explicações que podem não ser lembradas ou relacionados com as mudanças climáticas, mas que necessitam ser acionadas pelos jornais, como com a saúde, com a segurança alimentar, com a Amazônia e com povos tradicionais. Como a necessidade atual da cobertura de desastres é de maior associação das causas sociais dos acontecimentos, dois subtópicos se destacam como primordiais dentro do Minimanual:

09 - CLIMA E CIDADES

As cidades brasileiras são resultado de um tipo de desenvolvimento que mantém desigualdades socioespaciais estruturais e possuem regiões em que a ausência do Estado é crônica. Muitas vezes, os argumentos oficiais e midiáticos restringem os danos causados a uma cidade a problemas meteorológicos e são vedadas questões relativas à gestão pública da água, aos direitos sociais de saneamento e à habitação. Enchentes e deslizamentos agravados por chuvas intensas acumuladas, por exemplo, tornam-se desastres frequentes no País quando encontram regiões de moradias frágeis. As mudanças climáticas tendem a intensificar esse cenário, por isso o enfrentamento (Valencio, 2017 *apud* Amaral; Loose; Girardi, 2020, p.44).

10 - CLIMA E PERSPECTIVA SOCIAL

No Brasil ainda temos um déficit de pesquisas sobre os aspectos sociais, culturais e políticos atrelados às mudanças do clima. O tema precisa ser submetido às análises feitas pelas Ciências Sociais e Humanas, pois metas de políticas públicas somente baseadas em resultados das ciências naturais e projeções de modelos com algum grau de incerteza ainda carecem de mecanismos que ensejem efetividade (Nobre; Marengo, 2017 *apud* Amaral; Loose; Girardi, 2020, p.45)

Por fim, o tópico “dez fontes jornalísticas documentais sugeridas para a cobertura” facilita caminhos para que os jornalistas qualifiquem seus trabalhos e adicionem dados, levantamentos e busquem por fontes científicas especialistas para falar sobre o tema. As sugestões também são bem diversas, há tanto núcleos de ciência, como o Incline – Núcleo de Apoio à Pesquisa Mudanças Climáticas, da Universidade de São Paulo; órgãos oficiais

governamentais, como o Rede Clima - Instituto de Pesquisas Espaciais; e Observatório Do Clima, uma organização da sociedade civil.

3. O FATO: LITORAL NORTE DE SÃO PAULO

O tópico 3.1 tem o propósito de explicar o desenrolar do ocorrido a partir da construção de acontecimentos detalhada por órgãos oficiais, em destaque para a Defesa Civil de São Paulo, e pela própria cobertura da Folha de S. Paulo. Alguns outros veículos renomados no Brasil complementarão a história em acontecimentos específicos que a Folha não noticiou, mas ajudam a construir a complexidade da ordem dos fatos. O subtópico 3.2 traz um panorama geral da cidade de São Sebastião: marcada por uma população pobre e morando em áreas de risco, mas também por uma procura de turistas com alto padrão de vida, festas e locais com vistas paradisíacas das praias. O tópico ajuda a enxergar como “a vulnerabilidade social e justiça ambiental como tema central dos desastres” é refletido na realidade do local.

3.1 LITORAL NORTE DE SÃO PAULO, FEVEREIRO DE 2023

Era sexta-feira, dia 17 de fevereiro de 2023, quando a Defesa Civil de São Paulo emitiu o alerta para o alto volume de chuvas que atingiria vários pontos do estado nos dias 18 (sábado) e 19 (domingo). Segundo o órgão, o litoral norte poderia ser atingido por uma quantidade de chuvas de até 250 milímetros.

Figura 3 – Boletim de alerta publicado no site da Defesa Civil

Boletim: Defesa Civil de SP alerta para tempestades neste fim de semana – 17.02.23

A Defesa Civil do estado de São Paulo alerta a população paulista para a previsão de chuvas intensas entre esta sexta-feira (17/2) e o próximo domingo (19/2). De acordo com a previsão meteorológica, o volume de água, nesse período, no estado, pode alca...

Sex, 17/02/2023 - 9h39 | Do Portal do Governo

FACEBOOK TWITTER ENVIAR POR E-MAIL

A Defesa Civil do estado de São Paulo alerta a população paulista para a previsão de chuvas intensas entre esta sexta-feira (17/2) e o próximo domingo (19/2). De acordo com a previsão meteorológica, o volume de água, nesse período, no estado, pode alcançar de 80 milímetros a 250 milímetros.

GOV

Governo do Estado de São Paulo

Boletim: Defesa Civil de SP alerta para tempestades n...

SOUNDCLOUD

Compartilhar

44

Privacy policy

Fonte: Defesa Civil do Estado de São Paulo (2023)

Entre a noite do dia 18 e início de 19 de fevereiro, a chuva já causava deslizamentos nas cidades de Ubatuba, Ilhabela, Caraguatatuba, e nas mais devastadas, Bertioga e São Sebastião. A MetSul Meteorologia e a Defesa Civil seguiram atualizando a situação das cidades pelas redes sociais, com imagens enviadas por moradores e informações: “06:23 - Chuva persiste no Litoral Norte. Tem vento e raios. Atinge cidades vizinhas. Em caso de inclinação diferente dos muros, saia do local. Como proceder: <http://bit.ly/dcspraios> #DefesaCivilProtegeVoce”¹¹. Durante a noite, a Folha publicou uma matéria sobre a situação às 5h31min: “Trecho da Rio-Santos, em Ubatuba, é liberado após vistoria” (Folha de S. Paulo b2, 2023, p.1), em que mencionavam a possibilidade de deslizamentos. A primeira reportagem da Folha sobre o desastre em sí foi publicada em 19 de fevereiro de 2023 às 10h04min; foram 683 e 627 mm de chuva em Bertioga e São Sebastião (Folha de S. Paulo a, 2023). Abaixo, na Figura 4, é possível ver um print da primeira reportagem da Folha publicada sobre o acontecimento.

Figura 4 – Primeira reportagem anunciava o ocorrido no litoral norte



Fonte: Folha de S. Paulo (2023).

Nas cidades da região foi decretado o estado de calamidade pública, situação que reconhece a impossibilidade do governo local agir sozinho diante do tamanho de danos, precisando este de mobilização do Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil. Em 20 de fevereiro, a Prefeitura de São Sebastião confirmou a primeira morte. Até o final do dia, 36 mortes já haviam sido confirmadas (entre elas uma criança de 7 anos), 228 pessoas estavam

¹¹ Publicado no X oficial do órgão. Disponível em: <twitter.com/defesacivilsp/status/1627241137311211522>. Acesso em: 12 nov. 2023.

desalojadas, 338 desabrigadas e 40 desaparecidos. Familiares com pessoas desaparecidas foram orientados pelo órgão público a buscar informações nos hospitais da região. Em 21 de fevereiro, terça-feira, a Prefeitura de São Sebastião divulgou uma lista com os nomes das primeiras 12 vítimas identificadas. O velório aconteceu no mesmo dia de forma coletiva. Ao longo da semana, os demais nomes foram divulgados. O alerta de chuvas da Defesa Civil seguiu até quinta-feira (23); enquanto isso, o foco era atender as mais de 1800 pessoas que estavam alojadas em escolas, creches, igrejas e ONGs no município. Pedidos de doações da mídia e contribuições de entidades foram essenciais para auxiliar as famílias. A exemplo, foram mais de 300 toneladas de donativos do Fundo Social de São Sebastião (Prefeitura de São Sebastião, 2023).

Alguns turistas que foram para as cidades em férias ou pelas festividades do Carnaval, principalmente pelo bloqueio da rodovia Rio-Santos, ficaram ilhados em hospedagens; em 24 de fevereiro, foram todos recomendados pela Polícia Militar e pelo Corpo de Bombeiros a deixarem a região (Folha de S. Paulo z, 2023), segundo reportagem de 19 de fevereiro. Uma semana após o desastre, no dia 26 de fevereiro, foi confirmado por balanço da Defesa Civil o encontro da última vítima ainda desaparecida e o Corpo de Bombeiros encerrava as buscas na região mais afetada. Ao todo, 65 mortes foram confirmadas, a maioria delas, 64, em São Sebastião e uma em Ubatuba. Na Figura 5, um print da reportagem que anunciava que os bombeiros haviam encontrado o 65º e último corpo.

Figura 5 – Reportagem que anunciava último corpo encontrado no litoral norte



Fonte: Folha de S. Paulo (2023).

No bairro Baleia Verde, de São Sebastião, os bombeiros seguiram na procura de um idoso, porém, não há mais relatos se o homem foi encontrado. Para entender todo o contexto da história, é importante também citar entrevistas exclusivas realizadas por outros meios de comunicação, como uma do site de notícias G1 a (2023) que conversou com moradores sobre os alertas do poder público às chuvas. Em resposta ao veículo, a Defesa Civil Estadual de São Paulo explicou ter enviado alertas em SMS a 34 mil pessoas do litoral, porém, a região conta com mais de 280 mil habitantes e o texto enviado não especificava risco de desabamento. Às jornalistas Thais Matos e Poliana Casemiro, em 22 de fevereiro de 2023, os moradores da Vila Sahy, bairro mais afetado, relataram que o alerta da real intensidade não chegou até eles e que não houve pedidos para deixarem suas casas.

Apesar do risco avisado, a prefeitura de São Sebastião, no entanto, não fez qualquer publicação avisando sobre a possibilidade de chuva com estragos. O alerta municipal foi emitido depois de ter chovido 600 mm em 24 horas. Em nota, a Defesa Civil Estadual disse que o risco foi divulgado na imprensa, em alertas por SMS e nos canais nas redes sociais. O g1 questionou o órgão se as medidas foram suficientes e o motivo de, sabendo do risco, não terem evacuado a área, mas não obteve resposta. A reportagem também questionou a prefeitura sobre o motivo de não terem mobilizado os moradores e evacuado a área antes do deslizamento, mas não obteve resposta (G1 a, 2023, p.5).

No início do outro mês, em março, as famílias que ainda estavam desalojadas foram levadas para hotéis e pousadas. Em maio, elas perderam as estadias e foram orientadas a voltar para suas casas, mesmo as que estavam comprometidas. No mesmo mês, a Folha noticiou a polêmica e mostrou os dois posicionamentos da discussão. O título e subtítulo da reportagem, visualizados na Figura 6, mostram ambos os lados.

Figura 6 – Reportagem da Folha mostrou dois lados de polêmica com governo e famílias das áreas de risco



Fonte: Folha de S. Paulo (2023)

As pessoas seguem morando nas casas em áreas de risco de deslizamentos no litoral norte de São Paulo. Quando há previsão de passagens de ciclone ou fortes chuvas, a Defesa Civil atua com suas ações preventivas com abrigos para que as famílias possam se deslocar. No mês de junho, o Ministério Público entrou com uma ação civil pública contra o governo do estado de São Paulo e a Prefeitura de São Sebastião cobrando uma atualização do mapeamento das áreas de risco da Vila do Sahy, um cronograma de fiscalização das áreas e indenização de R\$ 1 milhão à Defesa Civil de São Sebastião por danos morais também são cobrados (G1 b, 2023), segundo reportagem de 19 de junho.

3.2 LITORAL NORTE DE SÃO PAULO, ANTES DO DESASTRE

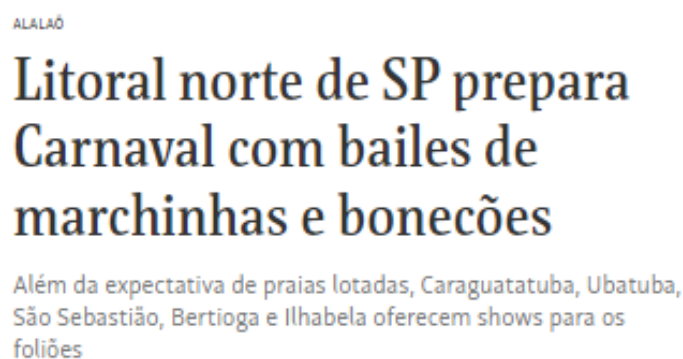
As circunstâncias dos acontecimentos não estão relacionadas a um único fator, como visto em teoria. Por isso, também é preciso contextualizar de que região, economia e cidades se fala. A microrregião de Caraguatatuba, também conhecida como litoral norte de São Paulo, abrange as cidades de Caraguatatuba, Ubatuba, São Sebastião e Ilhabela. Já Bertioga, cidade também afetada, está entre esta região com a de Santos; geograficamente inclusa na Baixada Santista, mas algumas vezes inclusa na região do litoral norte por reportagens. A pegar como exemplo específico, São Sebastião, onde está a região mais afetada e com 64 das 65 mortes, é uma cidade com menos de 90 mil habitantes, segundo a Prefeitura¹². Uma cidade turística de cerca de 30 praias, entre elas, algumas das mais famosas do litoral paulista, como a de Maresias, Brava e Calhetas, tanto frequentada por turistas, quanto por surfistas. De um lado da rodovia Rio-Santos, estão as praias Barra do Sahy e a da Baleia, com condomínios de luxo; do outro, a Vila Sahy representa uma população de trabalhadores que vivem em desigualdade social. O título de uma das reportagens de 24 de fevereiro da Folha de São Paulo h (2023, p.1), “metro quadrado na praia custa quase 12 vezes o da área da tragédia no Sahy”, enfatiza que o litoral norte, em especial São Sebastião, é marcado por cidades procuradas por turistas e de uma população que vive a beira do mar com altos padrões de vida. Em contrapartida, pessoas à beira das zonas de risco vivem de forma cada vez mais constante o terror de perder tudo do dia para a noite. Antes do ocorrido, as reportagens sobre o litoral norte ressaltavam a procura por festas de fim de ano na região, que ajudam a entender o movimento turístico e financeiro do local, como esta, produzida em 3 de janeiro.

¹² Consultados no site: <www.saosebastiao.sp.gov.br/>. Acesso em: 2 jun. 2023

O litoral norte de São Paulo foi um dos destinos mais procurados pelos turistas nos feriados de natal e ano novo em 2022. Levantamento feito pela empresa Veloe, de mobilidade urbana, mostra que as estradas da região tiveram movimento proporcional superior a outros destinos do país, como Rio de Janeiro e Bahia, por exemplo (G1 c, 2023, p.1).

Três meses antes, uma reportagem de 19 de dezembro da Folha de S. Paulo d (2022) anunciava a espera de um milhão de visitantes na temporada de verão, ocupação de todos os 284 hotéis da região e as festas de fim de ano como destaque. Caraguatatuba e São Sebastião tiveram queima de fogos e shows em diversas praias, Ilhabela esperava receber 60 mil turistas entre o natal e ano novo, conforme escrito em 29 de dezembro (Folha de S. Paulo e, 2022). “Cachoeira em Ilhabela vira destino instagramável após passado como lugar secreto” (Folha de S. Paulo f, 2023) foi o título de uma reportagem de 21 de janeiro. E por fim, um dia antes do desastre, em 17 de fevereiro, uma matéria sobre as preparações do carnaval, mais uma época que atrai turistas para a região. “Em Ubatuba, a previsão é de 90% de ocupação, com expectativa de atrair 150 mil turistas. [...] Em Ilhabela, a taxa de ocupação da rede hoteleira está em 93%. A cidade viveu um Carnaval antecipado no dia 10, com os desfiles das cinco escolas de samba e dois blocos” (Folha de S. Paulo g, 2023, p.1 e 2). O print que mostra título e subtítulo desta reportagem pode ser visto na Figura 7.

Figura 7 – Reportagem de 17 de fevereiro, um dia antes do desastre, anunciava preparação das cidades para receber turistas no Carnaval



Fonte: Folha de S. Paulo (2023).

4. METODOLOGIA

Após debatermos conceitos sobre desastres, justiça ambiental, cobertura jornalística, aumento dos eventos climáticos extremos e relevância do acontecimento para a pesquisa de desastres, partimos para a análise, a fim de entender como a cobertura jornalística utiliza os conceitos na prática. A análise de conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise de

comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens” (Bardin, 1994 *apud* Silva; Gobbi; Simão, 2005, p.53). A metodologia pode ser utilizada tanto em pesquisas quantitativas, pela extração de dados de um material analisado, como por exemplo, “a frequência de aparição de certos elementos da mensagem” (Bardin, 1994, p.114); quanto qualitativas, na análise subjetiva de características de um conteúdo específico. A autora define três fases fundamentais para o trabalho, sendo elas: a) pré-análise, com a escolha e exploração do conteúdo analisado e organização das ideias iniciais; b) exploração do material, fase de procedimentos e operações com o material coletado; e c) tratamento dos resultados obtidos e interpretação, ou seja, dar significado e valoração às informações encontradas.

Nosso estudo utiliza de muitas técnicas desta linha de metodologia explicada por Bardin (1994). A proposta é uma abordagem da cobertura jornalística da Folha de São Paulo dos desastres ocorridos no litoral norte de São Paulo, em busca das denominações do desastre e causas do desastre que são apontadas dentro das matérias. Para exploração do material, utilizamos um protocolo autoral de análise, criado sob os conceitos de indicadores sensíveis de Amaral, Lozano Ascencio e Puertas Cristobal (2020). Além disso, quantificamos quantas vezes os índices pluviométricos recordes e a situação dos locais afetados foram explicados ou mencionados, estes últimos sob conceitos de Amaral, Loose e Girardi (2020). A partir do protocolo, para o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, utilizaremos da análise de conteúdo quantitativa, a fim de quantificar quantas vezes os termos/expressões mapeados foram utilizados nas matérias, junto com a parte qualitativa, que reflete por cima destes dados e da observação da cobertura no geral.

4.1 RELEVÂNCIA DA FOLHA DE SÃO PAULO

A Folha de São Paulo ou Folha de S. Paulo é um jornal brasileiro dirigido pelo jornalista Sérgio Dávila, que já foi repórter no mesmo local e cobriu momentos como o atentado às torres gêmeas e a primeira eleição de Obama. A redação do veículo está na cidade de mesmo nome, além de uma sucursal em Brasília, freelancers em todo o país e correspondentes na América Latina, Estados Unidos e Europa. Quanto à estrutura, conta com a edição impressa diária e um site atualizado com as manchetes do momento na capa. As notícias que entram na edição impressa ficam disponíveis também de forma online. No site, o leitor consegue escolher as principais seções que deseja consumir: últimas notícias publicadas, colunas de opinião, acesso ao podcast, editorias de política, economia, mundo, esporte, cultura, f5 (mundo das

celebridades) e a mais importante para este trabalho, cotidiano, onde entram notícias do dia a dia. Algumas outras divisões estão disponíveis no menu: saúde, equilíbrio, ciência, turismo, entre outros especiais como o Datafolha (pesquisas de dados) e o folha social+ (traz temas como empreendedorismo, diversidade, etc). Em continuidade, a estrutura do site ainda possibilita que o leitor escolha subtemas dentro das próprias sessões que tenha interesse de acompanhar. Como por exemplo, dentro da editoria “mundo”, as opções ‘guerra da Ucrânia’, ‘China’, ‘diplomacia brasileira’ e ‘mundo leu’ direcionam para reportagens mais nichadas. O conteúdo do jornal também pode ser acessado em inglês ou espanhol.

Como material pago, o veículo permite que o usuário não assinante possua um número de matérias disponíveis gratuitamente por dia e quando o limite é alcançado, o público tem seu acesso barrado pelo paywall, uma “parede” que leva o consumidor a assinar o jornal. Nas assinaturas digitais premium (digital ilimitado + app Folha + edição Folha) ou digital ilimitado (sem edição Folha)¹³, o leitor tem acesso ilimitado às matérias digitais. Ao liberar o conteúdo como assinante, é possível identificar uma padronização do material: as matérias possuem estrutura com cartola, título no início da página em destaque; subtítulo com letras menores que o título, mas ainda ocupam um espaço privilegiado na página logo abaixo dele; corpo do texto centralizado; data e horário de publicação e atualização à esquerda do texto; a grande maioria, assinatura do jornalista autor entre o subtítulo e o corpo do texto; e imagem destaque com descrição e créditos abaixo dos primeiros parágrafos. Antes do primeiro parágrafo, sempre a localidade de onde o texto saiu, em negrito e letras maiúsculas. Uma aba de comentários permite que o público opine sobre as produções. As matérias de colunistas possuem o mesmo padrão, porém, possuem uma lacuna com o nome, imagem e cargo da pessoa destacados logo antes do título do texto. São mais de 200 colunistas e blogueiros. O site da Folha permite uma cobertura multimídia, vídeos, hiperlinks, gráficos e galeria de imagens podem ser adicionados, como em várias são utilizados.

Outro destaque é para quem consome a Folha de São Paulo. Quanto ao impresso, há um histórico. Em 2000, pelo Datafolha, o jornal entendia seu público como maioria de classes A e B. O leitor típico da Folha tinha em média 40 anos e um alto padrão de renda e de escolaridade. A maioria com formação superior, católicos, casados, com renda individual de até 15 salários. Possuíam TV por assinatura e internet¹⁴. O novo cenário de consumidores da

¹³ Valores referentes à maio de 2023

¹⁴ Dados divulgados pela Folha de S. Paulo. Disponível em:

<www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/quem_e_o_leitor.shtml>. Acesso em: 27 out. 2023.

Folha impressa demonstrado na pesquisa do Kantar IBOPE de 2018¹⁵ é de aumento das classes C. Ela está logo após a B, que marcou 48% do público em nível nacional e 43% na grande São Paulo. As faixas etárias também estão mais diversas, na pesquisa nacional, 21% do público tem entre 25 e 34 anos, mas as outras faixas etárias formam pelo menos 7% dos consumidores cada uma. Já em São Paulo, 45 a 54 anos formam 22% do público, mas as outras idades também ficaram equivalentes no número. Para chegar à análise em questão, é necessário detalhar a importância da Folha em audiência (para entendermos como uma análise deste meio pode contribuir para as ciências da comunicação) e os pilares jornalísticos da empresa (que também contribuem para definir como uma história é contada).

4.1.1 Audiência

O veículo é o principal produto do Grupo Folha, que por sua vez, é um dos principais conglomerados de mídia do país. Alguns dados de audiência podem ser pontos essenciais da autovisão de potência do Grupo. Uma delas é o do Instituto Verificador de Comunicação (IVC) de 2021, divulgada pela própria Folha em 27 de março, onde ela lidera em audiência paga e ficou na frente dos concorrentes na média mensal de circulação total impressa e digital em 2020, com 366.089 exemplares diários pagos (Folha de S. Paulo i, 2021). Esta entidade realiza auditorias de plataformas multimídia com os principais jornais do Brasil, entre os participantes, O Estado de São Paulo, O Globo e o Correio Braziliense, somando 39 títulos na categoria “jornais” e 51 na “websites”. Outros índices validam a popularidade da Folha de São Paulo como um dos principais veículos do cenário atual do jornalismo. O SimilarWeb, um site referência global de serviços de dados e tráfego em redes, estimou uma média de mais de 35 mil visitantes únicos no site entre fevereiro e abril de 2023¹⁶. As redes sociais do veículo, onde são divulgadas as principais matérias, ajudam a entender a dimensão sobre outros públicos. No Instagram, somam 3,6 milhões de seguidores. No Facebook, o número aumenta com 5,4 milhões de curtidas e 5,3 milhões de seguidores. Já no LinkedIn, rede voltada ao trabalho profissional, 2 milhões. E para fechar a lista, no X (antigo Twitter) com 8,8 milhões de pessoas seguindo¹⁷.

O reconhecimento do trabalho jornalístico da Folha não se limita aos leitores, mas também aos prêmios concedidos aos seus jornalistas na categoria. As reportagens vinculadas à

¹⁵ Dados divulgados pela Folha de S. Paulo. Disponível em: <www1.publicidade.folha.com.br/folha/perfil_do_leitor.shtml>. Acesso em: 20 jun 2023.

¹⁶ Exemplar de meses disponível para visualização na versão gratuita do SimilarWeb, que inclui o momento do desastre posteriormente analisada. Disponível em: <similarweb.com/pt/>. Acesso em: 30 jun 2023.

¹⁷ Dados contabilizados até 27 de outubro de 2023

empresa já foram campeãs diversas vezes em premiações como a internacional Maria Moors Cabot e o Esso de Jornalismo. Ademais, também é importante destacar a relevância do jornal em nível global e não apenas estadual: “De acordo com dados do Google Analytics 360, ferramenta de audiência usada internamente, 63% dos usuários da Folha em 2020 estavam fora do estado de São Paulo, onde está a sede do jornal” (Folha de S. Paulo i, 2021, p.2), reportagem de 27 de março. Ao filtrar as opções de busca do Google Trends, outra ferramenta do Google utilizada para entender o comportamento de pesquisa dos usuários na plataforma, nos últimos cinco anos a Folha obteve mais interesse no Distrito Federal, seguido de Rondônia, Espírito Santo e finalmente São Paulo, Paraíba e Roraima¹⁸. O SimilarWeb também contribui nesta discussão, quando aponta a repercussão mundial do site. Embora a grande parte do público esteja no Brasil (87%), 4% dos leitores estão nos Estados Unidos e 2,3% em Portugal, índices consideráveis quando lembramos que embora possua cobertura internacional, a Folha é focada em pautas do país.

4.1.2 Pilares do jornalismo

Não há como negar que o jornalismo da Folha de S. Paulo possui uma relevância nacional no cenário da comunicação. Mesmo que provoque diferentes percepções sobre sua forma de atuar diante os fatos (uma característica padrão de todo veículo midiático), o jornal é hoje uma das principais referências de informação para consumidores diários desta. Como visto no último subcapítulo, a Folha é altamente consumida, mas também premiada. Conforme a própria Folha j ([s.d], p.1):

A Folha se propõe a fazer uma curadoria de notícias, oferecendo conteúdo variado e expondo seus leitores a diversos pontos de vista. O jornalismo profissional praticado concentra-se em temas de informação geral e interesse público, traduzidos em material útil e compreensivo para o maior número de pessoas.

Além disso, são 12 princípios editoriais publicados no Manual da Redação da Folha (2021) com que o veículo manifesta compromisso. Os primeiros se atentam com a veracidade e relevância para a vida coletiva das notícias. Nos conteúdos, ressaltam a importância de promover “os valores do conhecimento, da solução pacífica dos conflitos, da livre-iniciativa, da equalização de oportunidades, da democracia representativa, dos direitos humanos e da evolução dos costumes” (Manual da Redação da Folha, 2021, p.9). O jornalismo da Folha também se diz atento à pluralidade de opiniões, ângulos e imparcial em uma reportagem em

¹⁸ Exemplar de dados disponível por pesquisa de filtros no Google Trends. Disponível em: <trends.google.com.br/trends/explore?geo=BR&q=%2Fm%2F051kz6&hl=pt>. Acesso em: 7 mai. 2023.

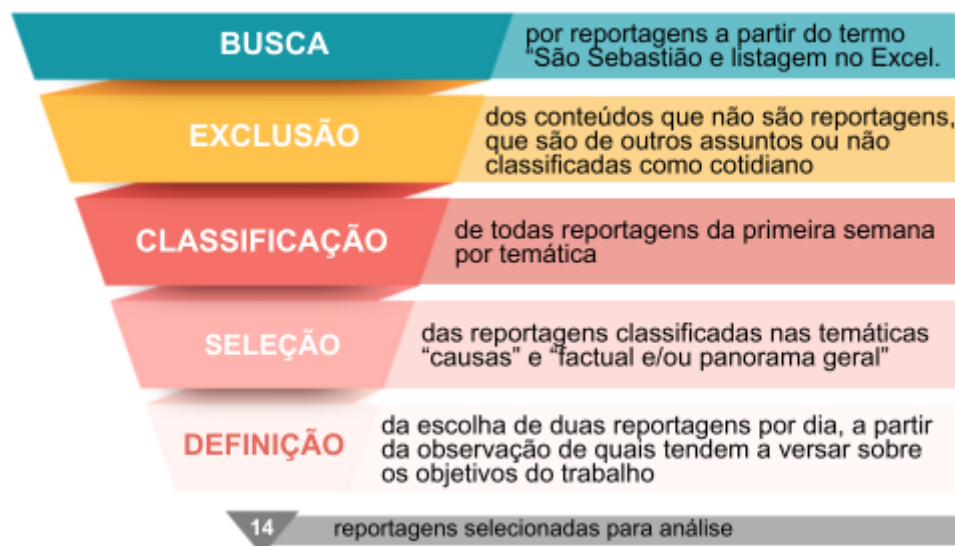
seu sexto princípio. Além disso, garante distinção entre material noticioso e opinativo, combate a censura e agressão à liberdade de expressão e busca corrigir com destaque erros de informação que podem ser cometidos.

Na prática, um estudo de Fabiane Barbosa Moreira e Karla Maria Müller (2006) apontou os valores-notícias das capas do jornal impresso da Folha de São Paulo. Naquele momento, a importância (quantidade de pessoas ou valor monetário envolvido), atualidade, excepcionalidade e proximidade eram os principais valores encontrados nas matérias da análise e o entretenimento ainda era pouco. Embora a própria estrutura do jornal tenha mudado do ano da pesquisa para o presente, ainda é notável a continuidade da atualidade e importância como valores recorrentes nas notícias. Porém, o aumento do uso digital dá espaço para que diversos assuntos estejam em destaque ao mesmo tempo. Isso porque o impresso limita o jornal a filtrar matérias para estarem na capa por dia, enquanto no site, a capa digital pode ser atualizada a qualquer momento (e outros valores podem ser incluídos nesta seleção, como aumento de acesso do público, antes impossível de ser avaliado).

4.2 FILTRAGEM DAS MATÉRIAS

Foram selecionadas 14 reportagens a partir das 171 produções encontradas pelo filtro de busca “São Sebastião” no site do jornal, no período de 19 de fevereiro a 25 de fevereiro de 2023, primeira semana do ocorrido. As chuvas iniciaram na madrugada de sábado (18) para domingo (19), mas os danos ainda não tinham sido registrados pelo plantão. Não há uma aba do site própria para a cobertura do desastre, por isso, para buscar as matérias que envolviam o fato, escolhemos utilizar o termo “São Sebastião” na aba de pesquisa, por se tratar da cidade mais afetada e com maior número de mortos, logo a mais mencionada quando se fala do ocorrido. Devido ao alto volume de reportagens, aplicamos uma série de filtros para chegarmos até as matérias que compõem a análise, especificamente, duas de cada dia da primeira semana. Antes de listar as matérias selecionadas para análise, detalharemos o processo até a chegada nelas. Abaixo, a Figura 8 mostra um funil, que resume os passos de seleção, detalhados abaixo da imagem.

Figura 8 – Funil que resume os passos da filtragem de matérias da pesquisa.



Fonte: Elaborado pela autora

- **Passo 1: Primeiro filtro – Busca no site.** Busca por “São Sebastião” e filtragem de data (19 de fevereiro até 25 de fevereiro de 2023) no site da Folha de São Paulo. As datas foram escolhidas por ser a primeira semana do fato, logo de maior volume, audiência e atualizações da situação do desastre, visto que o último corpo foi encontrado no dia 25. Passamos todas as produções para uma planilha, com data e hora de publicação, título e link (apêndice o e p). Ao todo, 171 matérias constavam no documento (número que também era destacado no site).

- **Passo 2: Segundo filtro – Exclusão a partir da seleção de reportagens referentes ao desastre na editoria cotidiano.** Exclusão de matérias da lista que não eram reportagens (painel do leitor, blogs, colunas de opinião, galeria de fotos, conteúdo de agência internacional, conteúdos da televisão ou podcast), que versam sobre outros assuntos ou que não envolvem o desastre diretamente (por exemplo, uma matéria que falava sobre a agressão que a equipe da Folha sofreu em São Sebastião, circulação de notícias falsas do desastre e pessoas se aproveitando da situação para cometer crimes e irregularidades), e por fim, que não estavam classificadas como cotidiano, editoria que trouxe os assuntos factuais do desastre (foram retiradas as inseridas nas editorias “mercado”, que versa sobre consequências financeiras do desastre; “poder”, com temática de envolvimento político; e “ambiente”, matérias sobre mudanças climáticas). Ao todo, 98 matérias estavam nos termos para serem escolhidas para a análise.

• **Passo 3: Preparação para terceiro filtro – Classificação das reportagens por temática.** Para filtrar ainda mais as matérias, classificamos cada reportagem por assunto, a fim de entender os mais abordados e excluir aquelas reportagens que a probabilidade de versar sobre as causas é menor (e logo, não atendem à proposta do trabalho). As 98 matérias foram definidas nos tópicos explícitos no Quadro 1.

Quadro 1 – Reportagens da cobertura do litoral norte divididas por temáticas

| | 19/2 | 20/2 | 21/2 | 22/2 | 23/2 | 24/2 | 25/2 |
|--|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|----------|----------|
| Consequências: cancelamentos de festas, interrupção de serviços básicos, estradas bloqueadas | 4 | 4 | 3 | 0 | 3 | 0 | 1 |
| Causa: que focam em apresentar/debater causas | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Inserção política: pronúncia e ações de autoridades políticas | 4 | 3 | 0 | 3 | 2 | 0 | 1 |
| Turistas que ficaram presos na cidade | 1 | 1 | 1 | 2 | 1 | 2 | 0 |
| Solidariedade: doações, histórias de acolhimento | 2 | 1 | 1 | 2 | 2 | 0 | 2 |
| Condições climáticas: previsão para próximos dias, explicação do evento meteorológico | 0 | 1 | 1 | 1 | 2 | 0 | 0 |
| Foco nas vítimas: identificação, histórias de quem passou pela situação, quem eram as vítimas | 0 | 4 | 3 | 2 | 6 | 1 | 0 |
| Histórico: retomada de outros desastres, contexto na cidade de antes do ocorrido | 1 | 0 | 0 | 3 | 1 | 2 | 1 |
| Falha do alerta | 0 | 0 | 0 | 2 | 2 | 0 | 0 |
| Factual e/ou panorama geral: buscas dos desaparecidos, retomada do fato e expectativas futuras | 3 | 3 | 2 | 3 | 2 | 2 | 3 |
| Total | 15 | 18 | 11 | 18 | 21 | 7 | 8 |

Cada matéria foi contabilizada uma vez no quadro. Mesmo aquelas que percebemos inclusão em mais que uma temática, na tabela, estão classificadas no tema que lhe cabem mais que os outros, por observação nossa.

• **Passo 4: Terceiro filtro – Seleção das reportagens classificadas nas temáticas “causas” e “factual e/ou panorama geral”.** Para seguir a filtragem, excluimos da lista todas as matérias que não estivessem listadas como “causas” e “factual e/ou panorama geral”. Constatamos que as matérias escolhidas para análise deveriam ser escolhidas primeiramente, a partir das que versassem sobre “causas”. Como apenas uma matéria está nesse tópico, a segunda temática para coletar as matérias foi “factuais e/ou panorama geral”, pois tendem a dialogar mais sobre as causas do que os tópicos excluídos (com prioridade àquelas que possuem o panorama geral em detrimento das que só são factuais). Assim, fechamos em 19 matérias.

• **Passo 5: Definição final – Observação de todas as 19 matérias e seleção específica de duas por dia.** Mesmo após retirar a maioria das matérias e selecionar apenas as causais e factuais, ainda havia mais matérias do que o proposto para analisar. Por isso, o último critério definido para escolher as matérias que serão analisadas foi observar todas as concorrentes e escolher quais entraram por nível de relevância para nossos objetivos (que mais versavam sobre as causas, por exemplo). Abaixo, listamos todas as 19 matérias que restaram após a filtragem. De todas, sinalizamos as escolhidas com cor destaque verde e ao lado direito, explicamos o porquê das escolhas no Quadro 2.

Quadro 2 – Separação das reportagens por dia, sinalização e justificativa de escolhas

| Dia | Títulos das reportagens (marcação das escolhidas) | Temática | Explicação das selecionadas |
|---------------|---|-----------------------------|--|
| Dia 1 19/2 | Chuva recorde deixa 36 mortos, interdita estradas e põe litoral de SP em estado de calamidade | Factual + Panorama geral | A primeira foi escolhida por introduzir o acontecimento (primeiras explicações das causas). Já a segunda, por ter uma maior discussão do tema em várias esferas. A terceira se limita em mencionar a fala do chefe da Defesa Civil, por isso as outras foram escolhidas. |
| | Resgate usa cordas para retirar mais de 50 pessoas ilhadas em São Sebastião | Factual + Panorama geral | |
| | Infelizmente vamos ter muitos óbitos', diz chefe da Defesa Civil sobre litoral paulista | Factual + Panorama geral | |
| | Polícia aciona protocolo especial para identificar mortos pelas chuvas no litoral de SP | Factual | A primeira escolhida foi a quarta desta lista, por |

| | | | |
|---------------|---|--|--|
| Dia 2 20/2 | São Sebastião tem ao menos 40 desaparecidos, diz Tarcísio | Factual + Inserção política | ser da temática prioridade, “causa”. A outra foi a terceira, pois diferente das outras que são focadas em fatos específicos, esta também dá um panorama geral. |
| | Litoral de SP conta 44 mortos nas chuvas históricas; mais de 2.500 estão fora de casa | Factual + Panorama geral | |
| | Cidades no litoral norte paulista já sabem dos riscos, mas não reforçam prevenção | Causa | |
| Dia 3 21/2 | Litoral de SP chega a 48 mortos nas chuvas e entra no 4º dia de busca por sobreviventes | Factual + Panorama geral | Apenas duas estavam entre as temáticas escolhidas na filtragem (“factual + panorama geral”). |
| | São Sebastião transfere ossadas para abrir vagas em cemitério para vítimas de temporal | Factual | |
| Dia 4 22/2 | Áreas instáveis no litoral norte de SP preocupam a Defesa Civil | Factual + Condições climáticas | Das três factuais, as duas primeiras foram escolhidas pela maior proximidade dos temas com o ocorrido. A terceira se limitava em descrever como era o navio que iria ajudar as vítimas, por isso foi descartada. |
| | Justiça autoriza Governo de SP a remover à força pessoas em áreas de risco em São Sebastião | Factual | |
| | Maior navio da Marinha vai a São Sebastião para ajudar vítimas de tragédia | Factual | |
| Dia 5 23/2 | Litoral norte de SP chega a 54 mortos pelo temporal; buscas continuam | Factual + Panorama geral | Apenas duas estavam entre as temáticas escolhidas na filtragem (“panorama geral”). |
| | Com chance mínima de sobreviventes, Exército isola área para entrar com máquinas na Barra do Sahy | Factual + Panorama geral + Foco nas vítimas | |
| Dia 6 24/2 | Chega a 57 o número de mortos pelo temporal no litoral norte de SP | Factual + Panorama geral | Assim como nos dias 3 e 5, apenas duas estavam entre as temáticas escolhidas na filtragem (“panorama geral”). |
| | Liberada, rodovia Rio-Santos tem marcas da tragédia no litoral de SP | Consequências + Panorama geral | |
| Dia 7 25/2 | Desastre no litoral de SP suspende retomada do turismo e traz incerteza em meio ao luto | Panorama geral | Neste último dia, foram priorizadas as que têm um panorama geral. A segunda não foi incluída, pois foca em um recurso utilizado para ajudar nas buscas. |
| | Analisador de sinal de celular ajuda a encontrar corpos no litoral de SP | Factual | |
| | Bombeiros encontram 65º corpo e encerram as buscas no Sahy | Factual + Panorama geral | |

● **Passo 7: Definição final.** Por fim, as 14 matérias definidas para análise se encontram no Quadro 3.

Quadro 3 – Lista de reportagens selecionadas para análise

| | Título | Data |
|-----------|---|-----------------------|
| 01 | Chuva recorde deixa 36 mortos, interditada estradas e põe litoral de SP em estado de calamidade | 19 de fev às 10h04 |
| 02 | Resgate usa cordas para retirar mais de 50 pessoas ilhadas em São Sebastião | 19 de fev às 13h09 |
| 03 | Litoral de SP conta 44 mortos nas chuvas históricas; mais de 2.500 estão fora de casa | 20 de fev às 13h12 |
| 04 | Cidades no litoral norte paulista já sabem dos riscos, mas não reforçam prevenção | 20 de fev às 22h27 |
| 05 | Litoral de SP chega a 48 mortos nas chuvas e entra no 4º dia de busca por sobreviventes | 21 de fev às 11h33 |
| 06 | São Sebastião transfere ossadas para abrir vagas em cemitério para vítimas de temporal | 21 de fev às 14h14 |
| 07 | Áreas instáveis no litoral norte de SP preocupam a Defesa Civil | 22 de fev às 6h30 |
| 08 | Justiça autoriza Governo de SP a remover à força pessoas em áreas de risco em São Sebastião | 22 de fev às 11h19 |
| 09 | Litoral norte de SP chega a 54 mortos pelo temporal; buscas continuam | 23 de fev às 10h27 |
| 10 | Com chance mínima de sobreviventes, Exército isola área para entrar com máquinas na Barra do Sahy | 23 de fev às 12h33 |
| 11 | Chega a 57 o número de mortos pelo temporal no litoral norte de SP | 24 de fev às 10h42 |
| 12 | Liberada, rodovia Rio-Santos tem marcas da tragédia no litoral de SP | 24 de fev às 17h28 |
| 13 | Desastre no litoral de SP suspende retomada do turismo e traz incerteza em meio ao luto | 25 de fev às 10h00 |
| 14 | Bombeiros encontram 65º corpo e encerram as buscas no Sahy | 25 de fev às 20h45 |

4.3 PROTOCOLO DE ANÁLISE

As matérias definidas serão quantificadas por meio de protocolo, para coletar dados que auxiliarão na análise. O protocolo possui as informações básicas de cada matéria: “Título”

e “Horário de publicação e atualização”. No primeiro bloco da tabela, a análise busca entender e quantificar a partir de trechos destacados (trechos entre aspas) quais as denominações dos desastres são utilizadas nos textos das matérias. As opções de classificação foram definidas a partir do indicador sensível de denominação de desastres, de Amaral, Lozano Ascencio e Puertas Cristobal (2020). São as opções:

- Desastre
- Tragédia
- Outro

No segundo bloco da análise, identificamos e quantificamos, também a partir dos trechos destacados, as causas dos desastres citadas nas matérias a partir de conceitos dos mesmos autores:

- Evento climático (chuvas extremas)
- Vulnerabilidade geológicas/ambientais (deslizamentos)
- Vulnerabilidades sociais (caracterização da Vila)
- Inoperância do Poder Público (histórico institucional de vulnerabilidade da região)

Por fim, notou-se em um primeiro contato com a cobertura que mesmo quando não criado uma relação causal entre as problemáticas com o desastre, a mera citação da existência delas faz com que o público associe implicitamente que há essa relação. Vejamos no exemplo: “Alto índice de chuva causou desastre” (relação de causalidade). “Os índices pluviométricos foram os mais altos da região. Os desastres causaram...” (não há relação de causalidade, mas a citação dos índices, se isolados de outras problemáticas – sociais, econômicas, estatais – podem acionar de forma implícita o acontecimento com o desastre). Por isso, um tópico busca quantificar quantas vezes os índices pluviométricos foram mencionados em valores numéricos (pois estes dados denotam mais ênfase do que a mera menção de “ser chuvas recordes”). Um tópico final busca quantificar quantas vezes a menção ou explicação dos locais afetados e suas condições (áreas de risco, pessoas, estruturas das cidades) esteve presente nos textos, visto a importância deste ponto estar presente no debate mesmo que sem uma associação direta ao desastre. Para esta quantificação, foi utilizado aporte teórico do Minimanual para Cobertura Jornalística das Mudanças Climáticas de Amaral, Loose e Girardi (2020). Serão adicionadas todas as explicações que vão, inteiramente ou em partes, de acordo com o que é explicado no tópico 9, intitulado “clima e cidades”, e 10, “clima e perspectiva social”, das dez questões fundamentais para pensarmos nossa realidade.

As cidades brasileiras são resultado de um tipo de desenvolvimento que mantém desigualdades socioespaciais estruturais e possuem regiões em que a ausência do Estado é crônica. Muitas vezes, os argumentos oficiais e midiáticos restringem os danos causados a uma cidade a problemas meteorológicos e são vedadas questões relativas à gestão pública da água, aos direitos sociais de saneamento e à habitação. Enchentes e deslizamentos agravados por chuvas intensas acumuladas, por exemplo, tornam-se desastres frequentes no País quando encontram regiões de moradias frágeis. As mudanças climáticas tendem a intensificar esse cenário, por isso o enfrentamento de seus riscos deve ocorrer em âmbito local. As cidades possuem jurisprudência sobre a criação e alteração da política climática urbana, o que as torna peças-chave no combate aos riscos climáticos. No Brasil, segundo dados da rede C40, a primeira cidade a instituir uma lei municipal de mudanças climáticas foi São Paulo, em 2009 (Valencio; Valencio, 2017 *apud* Amaral; Loose; Girardi, 2020, p.44).

TÓPICO 10

No Brasil ainda temos um déficit de pesquisas sobre os aspectos sociais, culturais e políticos atrelados às mudanças do clima. O tema precisa ser submetido às análises feitas pelas Ciências Sociais e Humanas, pois metas de políticas públicas somente baseadas em resultados das ciências naturais e projeções de modelos com algum grau de incerteza ainda carecem de mecanismos que ensejem efetividade. (Nobre; Marengo, 2017 *apud* Amaral; Loose; Girardi, 2020, p.45)

Os dois trazem exemplos de discussão em âmbito social que devem ser abordadas pelos jornais na cobertura deste tema, por isso serão utilizadas como referências nesta parte do protocolo. O protocolo de análise completo e aplicado pode ser visualizado no Quadro 4.

Quadro 4 – Protocolo de análise das matérias

| | | |
|--------------------------------|----------------------|---------------------------|
| Título da matéria: | | |
| Data: | | |
| | Quantificação | Trechos destacados |
| Denominação do desastre | () Desastre: | |
| | () Tragédia: | |

| | | | |
|---|--|------------------|--|
| | | () Outro | |
| Causas | Evento climático | () Vezes | |
| | Vulnerabilidade geológicas/ambientais | () Vezes | |
| | Vulnerabilidades sociais | () Vezes | |
| | Inoperância do Poder Público | () Vezes | |
| Menção/explicação de índices pluviométricos recordes | | () Vezes | |
| Menção/explicação dos locais afetados (áreas de risco) | | () Vezes | |

5. ANÁLISE

Os subtópicos deste capítulo foram realizados com base nos resultados da protocolização das 14 reportagens. Unimos as principais observações e resultados em subtítulos específicos, a fim de deixar mais compreensível o aglomerado de informações. Todos os protocolos com os trechos destacados de cada reportagem estão disponíveis na parte de apêndices deste trabalho.

5.1 DENOMINAÇÃO PREDOMINANTE É “TRAGÉDIA”

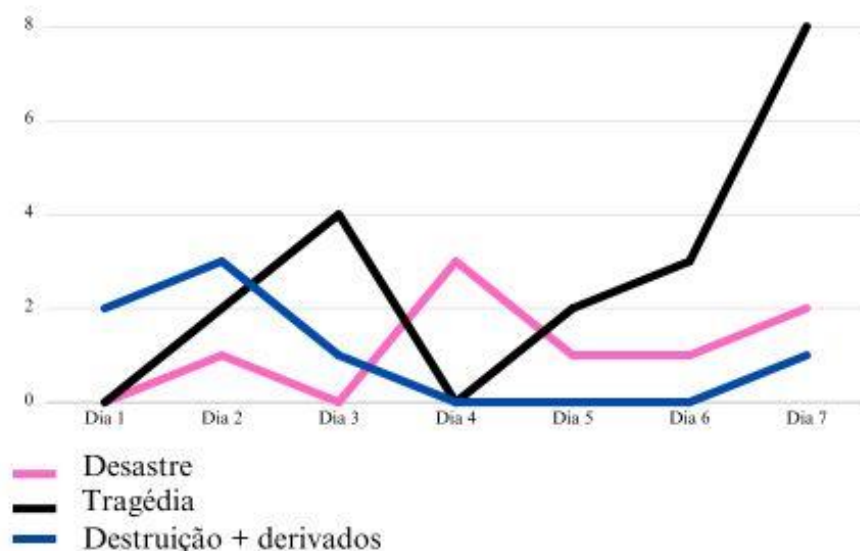
No primeiro tópico de análise, as quantificações foram as seguintes: o total foi de 34 denominações citadas em todas as reportagens. Até metade da análise, há pouca presença de nomeclaturas. Já na segunda metade da semana (da reportagem nº 7 até a nº 14), os termos começaram a ser mais citados dentro dos textos; esse período concentra 21 deles. Assim, os resultados indicaram que a denominação predominante é a de “tragédia”, 19 vezes citada, somando um total de 55,88%. A segunda é “desastre”, com 8 presenças, correspondente a 23,53% das vezes. A última denominação usada foi agrupada em “destruição + derivados”, com total de 7 menções, 20,59%. Neste grupo, estão todas as vezes que foram utilizadas expressões como “destruição”, “rastro de destruição” e “cenário de destruição”. O curioso é que o termo, apesar de não ser muito levantado por pesquisadores e ser mais genérico, foi o primeiro a ser mencionado pela cobertura e apenas ele aparece no primeiro dia. As frases que utilizam da citações do termo, vulgo as primeiras denominações que apareceram na cobertura, podem ser vistas no Quadro 5.

Quadro 5 - Recorte do tópico “Denominação dos desastres”, do protocolo da reportagem nº 1.

| | |
|---|---|
| (0) Desastre | |
| (0) Tragédia | |
| (2) Outro: Rastro de destruição | “As fortes chuvas que atingem o litoral norte de São Paulo desde sábado (18) deixaram um rastro de destruição e mortes ” (p.1) “ Rastro de destruição causado pelas fortes chuvas no bairro do Itatinga (legenda da foto)” |

A partir do gráfico abaixo, também é possível visualizar que as denominações são usadas aleatoriamente entre os dias, sem um padrão, ou seja, não houve um consenso ou uma definição editorial do melhor modo de citar o desastre. Porém, o termo “tragédia” começa a se destacar entre os demais ao final da cobertura. Abaixo, a Figura 9 mostra um gráfico das denominações quantificadas por dia.

Figura 9 – Resultados para denominações quantificadas por dia analisado.



O termo "deslizamento" aparece nos textos, mas não foi contabilizado como denominação pois não aparece enquanto sinônimo de desastre. Geralmente, se remete a uma das consequências da chuva -- e se restringe a abranger só o movimento de terra. Refletido em termos como "chuva causou deslizamentos e tragédias" ou "deslizamentos e desastres". Apenas na matéria nº 13, o desastre é especificado, como “desastre natural”, em “o presidente da associação comercial estima que o saque do FGTS, autorizado em casos de desastres naturais” (Folha de S. Paulo v, 2023, p.6). O uso do termo que atribui toda responsabilidade à condição climática (como visto, o mais adequado seria “desastre misto”), é de responsabilidade da própria equipe do serviço (Governo Federal), que nomeia o desastre assim nos seus meios oficiais. Porém, caberia ao repórter destacar isso no texto; a nossa conclusão só foi feita após entrarmos no site origem – na reportagem, não há indicações de que o termo seja oriundo do órgão.

A partir das classificações de indicadores sensíveis, é possível visualizar que a Folha de S. Paulo priorizou a utilização de termos de ordem imaginária do acontecimento sensacional. Em muitos momentos usou a denominação “desastre”, que é um termo que por si só não constata indicativos de causa e o que está mais próximo do adequado pelo Glossário da Defesa Civil. Porém, por essa neutralidade, seria interessante que em pelo menos um dos momentos se apresentassem a explicação do termo “desastre misto” e a importância de explicar os multifatores atribuídos ao termo.

5.2 CHUVAS SÃO PRINCIPAL CAUSA INDICADA NA COBERTURA

A chuva é, de longe, a maior justificativa como causa das mortes, danos e perdas. Ela está em 41 vezes (70,69%) das 58 relações de causalidade criadas ao longo da primeira semana. Aliás, a chuva é utilizada de gancho para oito títulos de matérias e subtítulos, das 14 reportagens, e aparecem nestas posições de destaque em quase todos os dias da cobertura, como visto no Quadro 6.

Quadro 6 - Recorte de títulos e subtítulos que estão no tópico “Eventos climáticos”, de “Causas”, de todos os protocolos.

| | |
|-------|--|
| 19/02 | “ Chuva recorde deixa 36 mortos, interdita estradas e põe litoral de SP em estado de calamidade” (título nº 1) “Cidade do litoral norte decretou estado de calamidade pública devido ao temporal registrado” (subtítulo nº 2) |
| 20/02 | “Litoral de SP conta 44 mortos nas chuvas históricas” (título nº 3) |
| 21/02 | “Litoral de SP chega a 48 mortos nas chuvas ” (título nº 5) “São Sebastião transfere ossadas para abrir vagas em cemitério para vítimas de temporal ” (título nº 6) |
| 22/02 | “Litoral norte de SP chega a 54 mortos pelo temporal ” (título nº 9) |
| 24/02 | “Chega a 57 o número de mortos pelo temporal no litoral norte de SP” (título nº 11) |
| 25/02 | “São Sebastião (SP) esperava faturamento até 25% maior na temporada para recuperar perdas da pandemia; chuva também atingiu pousadas e lojas” (subtítulo nº 13) |

A vulnerabilidade geológica/ambiental é a segunda que mais aparece, com 16 menções, ou 27,59% do todo. Pelo menos até o terceiro dia, a maioria dos trechos remetem ao mesmo fato (a morte de uma criança em Ubatuba em deslizamentos). Ao final da semana, ela já começa a aparecer como principal causa, como visto no Quadro 7, que mostra um comparativo de como os deslizamentos são colocados como causa no primeiro dia e último dia.

Quadro 7 – Recorte do tópico “Vulnerabilidade geológicas/ambientais”, de “Causas”, dos protocolos da reportagem nº 1 e da nº 14.

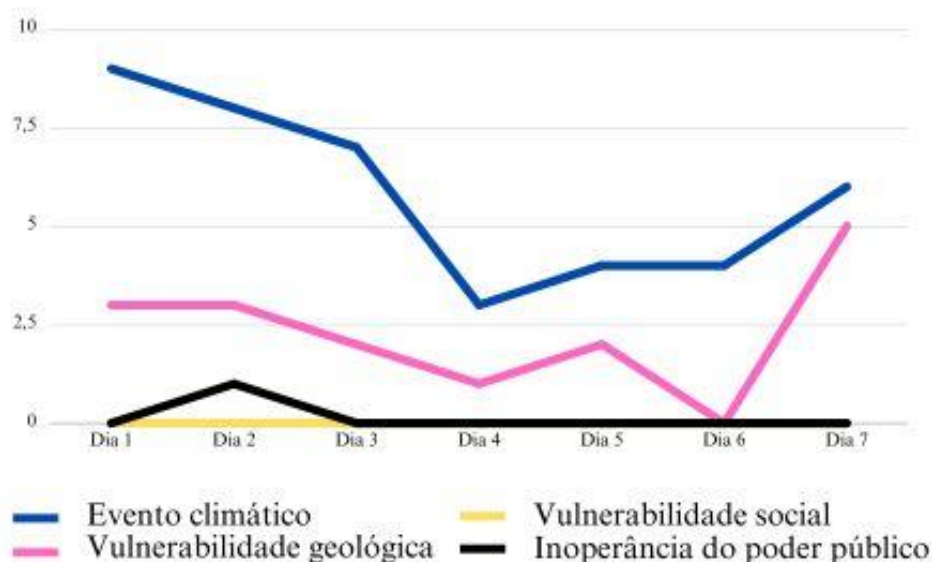
| Nº 1, de 19 de fevereiro | Nº 14, de 25 de fevereiro |
|--|---|
| “Entre os mortos há uma criança de 7 anos, que morreu em um deslizamento de terra em Ubatuba” (p.2) | “O grupo de resgatistas passou sete dias cavando na lama que destruiu casas e invadiu ruas após a chuva” (p.2) |

| | |
|--|--|
| <p>“Durante a madrugada, um deslizamento de terra fez com que uma pedra atingisse uma casa na rua Benedito Alves da Silva, no bairro Estufa, em Ubatuba (220 km de SP)” (p.4)</p> | <p>“Socorristas retiram mais um corpo dos escombros deixados pelos deslizamentos” (legenda de foto)</p> <p>“Na chamada zona quente, local mais atingido pelo deslizamento de terras” (p.4)</p> <p>“Médicos e a população local notaram casos de gastroenterite. O contato com a lama do temporal pode ter sido o responsável pela alta” (p.4)</p> |
|--|--|

Além de pouco referenciado, o deslizamento é mais colocado como consequência das chuvas do que como causa de danos (como explicado acima, a relação causal tende a excluir o desastre/deslizamento e já atribui diretamente à chuva): “Os problemas em São Sebastião não se resumem a Itatinga. Houve quedas de barreira na SP-55, deslizamentos em Juquehy, Vila Sahy e Toque Toque Grande, entre outros, além de vários bairros alagados” (Folha de S. Paulo k, 2023, p.2).

O panorama muda no final da semana, em que uma relação entre chuva → deslizamentos → desastre/tragédia é criada. Ou seja, os deslizamentos são as principais causas diretas dos desastres, função que, até a metade da semana, foi atribuída às chuvas. Nota-se em frases como: “O grupo de resgatistas passou sete dias cavando na lama, que destruiu casas e invadiu ruas após a chuva” (Folha de S. Paulo w, 2023, p.2), da reportagem nº 14 de 25 de fevereiro. A inoperância do poder público foi mencionada apenas uma vez, totalizando 1,72% das causas apresentadas, o que enfatiza a falta de questionamento da cobertura perante o dever das instituições. Ela está no trecho: “Tragédia em São Sebastião é resultado de falta de planejamento urbano e prevenção, segundo especialistas” (Folha de S. Paulo m, 2023, p.3), título da reportagem nº 4 de 20 de fevereiro, que sintetizou uma discussão que poderia estar presente ao longo das reportagens. Por fim, vulnerabilidade social não foi referenciada como causa. Entendemos que o jornalismo não tem obrigação de levar todas as palavras e expressões ao pé da letra – então, em vários momentos as menções equivalentes a “chuvas causaram danos” podem não ter a real intenção vinda do jornalista de culpar somente a chuva, foi apenas uma associação rápida ao fato que o profissional utilizou em busca da clareza da informação. Também, já comentamos os riscos dessas associações despreziosas. Abaixo, a Figura 10 apresenta um gráfico dos resultados para causas quantificados por dia.

Figura 10 – Resultados para causas por dia analisado.



5.3 DENOMINAÇÃO E CAUSAS SE CONFUNDEM

Pelos resultados, é perceptível que as denominações aparecem pouco, ou pelo menos, bem menos do que as causas. Algumas reportagens, como a nº 2, de 19 de fevereiro, a nº 7, de 22 de fevereiro, e a nº 10, de 23 de fevereiro, sequer contabilizam uma denominação. Mas, como citam a existência do desastre sem denominação? Dessa observação, um importante tópico de discussão surge para o trabalho: na maioria das vezes, o desastre não é classificado como um evento próprio, mas como sinônimo de sua principal causa citada. Já vimos que a análise aponta a chuva como causa dos desastres na maioria das frases. Além disso, a cobertura utiliza da causa “chuva” como se fosse o próprio desastre e único associado às mortes, perdas e danos em alguns momentos. Desse modo, as matérias deixam de utilizar de denominações do desastre e citam diretamente as chuvas associadas às consequências. Por exemplo, em vez de utilizar “a chuva causou desastres que resultaram em mortes” (essa associação não estaria completa, mas a título de exemplo: aqui se tem uma relação de chuva como causa dos desastres + a nomenclatura “desastres”), utilizam “a chuva resultou em mortes” (a palavra “chuva” é a causa das mortes, mas também substitui o lugar do substantivo – que deveria ser um sinônimo da nomenclatura desastre, visto que chuva e desastres são conceitos diferentes), como se as chuvas fossem causa direta e única do desastre. A associação busca erroneamente simplificar o processo, o que faz com que em muitos momentos inexista nomenclatura e denominação do desastre.

Um exemplo claro está na reportagem nº 1, de 19 de fevereiro, no trecho: “Os outros 35 mortos são de São Sebastião, a cidade mais afetada pelo temporal” (Folha de S. Paulo a, 2023, p.1). Se focarmos no sentido literal, ‘cidade mais afetada pelo temporal’, deveria fazer associação à cidade em que mais choveu, de maior índice pluviométrico. Porém, não é utilizado desta forma, visto que nas folhas à frente, na mesma matéria, se tem a informação de que “Bertioga foi a cidade que registrou o maior volume de chuvas” (Folha de S. Paulo a, 2023, p.5). Ou seja, quando mencionada como mais afetada pelo temporal, refere-se à que teve mais consequências do desastre: quanto maior a gravidade da cidade, significa que mais ela foi afetada pelo temporal, segundo a premissa da Folha. Com essa ação, excluem a relação de que os danos são gerados por uma fusão de coisas que nem são citados. Vejamos: se Bertioga é a cidade que registrou maior índice pluviométrico, ela deveria ser chamada de ‘mais afetada pelo temporal’. Fica em aberto o porquê São Sebastião sofreu mais danos mesmo tendo chovido menos que outras cidades: Mais pessoas vivendo em áreas de risco? Pior qualidade de planejamento urbano da cidade? Áreas de risco mais suscetíveis a desastres? As questões não são sequer levantadas, pois os danos são descontados na chuva, o que contribui com a interpretação que “conduz a sociedade ao conformismo, contribuindo para a adoção de uma postura inerente e impotente frente às ameaças naturais” (Monteiro; Zanella, 2019, p.45). A chuva também é diretamente associada aos danos em outros trechos da cobertura. Outros momentos em que a chuva é associada diretamente como causa e exclui a denominação sinônimo de “desastre” pode ser visto no Quadro 8.

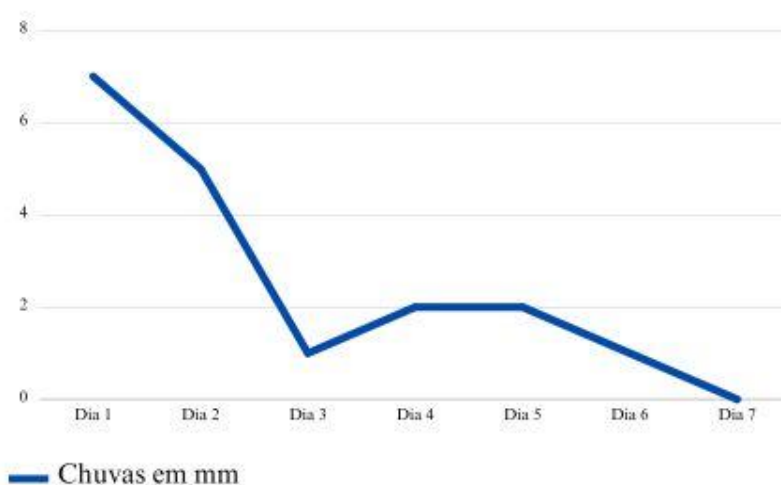
Quadro 8 – Recorte do tópico “Causas”, dos protocolos das reportagens nº 2, nº 6 e nº 8.

| | | |
|----------------|--|---|
| Nº 2, 19/02 | “Glauber Soares, 36, que mora em Itatinga, bairro de São Sebastião (SP), e ajudou no resgate de atingidos pelas fortes chuvas” (legenda de foto) | ‘atingidos pelas fortes chuvas’, leia-se desabrigados, desalojados, vítimas de desastres |
| Nº 6, 21/02 | “...no cemitério municipal para abrir vagas em túmulos para enterrar corpos de vítimas das fortes chuvas que provocaram ao menos 44 mortes” (p.1) | ‘vítimas das fortes chuvas’, leia-se vítimas do desastre |
| Nº 8, 22/02 | “A chuva no litoral norte paulista causou ao menos 48 mortes, sendo 47 em São Sebastião e uma em Ubatuba” (p.3) | ‘a chuva’ leia-se a inoperância, a chuva, a vulnerabilidade social, a vulnerabilidade geológica, ou seja, o desastre misto. |

5.4 AS CHUVAS RECORDES SÃO ENFATIZADAS AO LONGO DA SEMANA

Este tópico ajuda a entender que, mesmo as chuvas sendo a principal causa apontada na análise, a cobertura não se limita a enfatizar os índices pluviométricos apenas nestas partes. Foram 18 vezes citados os dados da chuva ao longo da reportagem. Abaixo, a Figura 11 quantifica as citações por dia analisado.

Figura 11 – Resultados para citação de chuvas em mm citadas por dia analisado.



Na primeira reportagem, esses dados parecem ser um dos pontos mais importantes do texto e reforçam a “atipicidade” da situação. Só nela, os índices são citados seis vezes; alguns com uma explicação que se estende em parágrafos, como visto no Quadro 9, que é um recorte da protocolarização da reportagem nº 1 de 19 de fevereiro, tópico “Menção/explicação de índices pluviométricos recordes”.

Quadro 9 – Recorte do tópico “Menção/explicação de índices pluviométricos recordes”, do protocolo da reportagem nº 1.

“...em menos de 24 horas o acumulado de chuva ultrapassou os **600 mm** em alguns pontos do litoral. As áreas mais atingidas estão entre **Bertioga (683 mm)** e **São Sebastião (627 mm)**. Tais índices pluviométricos são dos maiores já registrados no país em curto período e em situação não decorrente de ciclone tropical.” (p.2)

“A cidade registrou **335 mm de chuva**, segundo a Defesa Civil” (p.4)

“Bertioga foi a cidade que registrou o maior volume de chuvas. Segundo a Defesa Civil, foram **687 mm** nas últimas 24 horas” (p.5)

“Em Caraguatatuba também houve registro de alagamentos. A cidade registrou **acumulado de 395 mm**” (p.6)

“Em 18 horas, **choveu 337 mm** no local, segundo o governo do estado” (p.6)

“Segundo a prefeitura, foram registrados **quase 400 milímetros na cidade**, ultrapassando a previsão de 234 milímetros para todo o mês de fevereiro” (p.7)

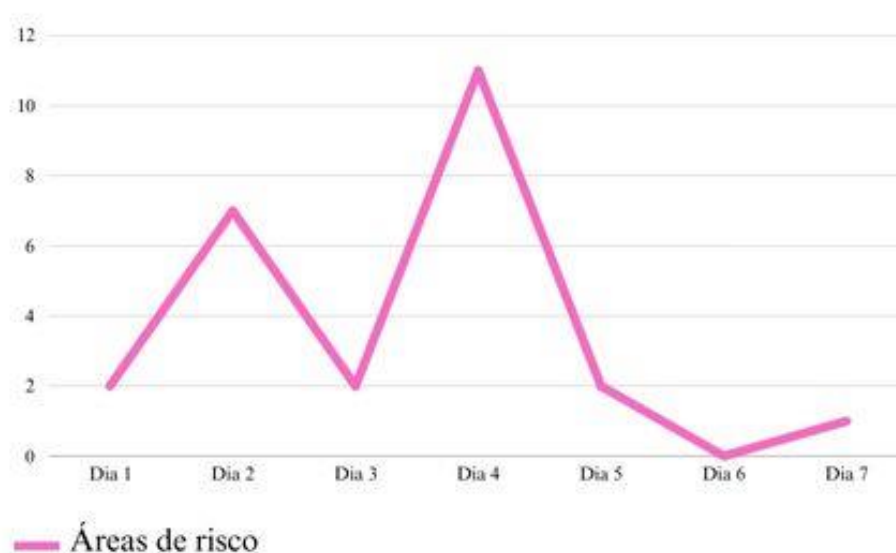
De fato, 300mm, 600mm são índices destacáveis e que merecem destaque no texto. O que se coloca em discussão é o porquê ocupam um espaço maior que os outros tópicos. Em algumas matérias, como na nº 1, de 19 de fevereiro, a primeira menção utiliza o espaço de dois parágrafos para comentar sobre as chuvas, além das outras cinco vezes que também aparece ao longo do texto. O reforço ao longo do texto destes dados também reforça implicitamente a relação causal entre as “chuvas recordes” com o desastre. A ampla afirmação de evento único ao longo dos textos também pode levar ao entendimento de que é único, anormal. As citações vão de encontro com ao que salientou Valencio (2017, p.8), elencado no tópico 2.4 deste trabalho: “se apela para a procura desse algo fora da esfera do mundo social, o monstro, o qual, embora seja celeremente identificado, nominado, classificado e mensurado por parcela da comunidade científica (o furacão, o terremoto, as chuvas), parece ter se manifestado como nunca antes”.

É importante retomar uma fala do geólogo Álvaro Rodrigues dos Santos, ex-diretor de planejamento e gestão do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo, o qual foi citado na reportagem nº 4, do dia 20 de fevereiro. Este trecho não está protocolado por não preencher os requisitos da análise, porém, foi separado exclusivamente para esta observação que gera debate aos dados apresentados: “A serra do Mar tem um dos maiores índices pluviométricos do país, sempre foi assim. Nessa região acontecem chuvas extremas, com recorrência estimada de dez anos, como a que atingiu o litoral norte de São Paulo” (Folha de S. Paulo m, 2023, p.4). Ou seja, embora sejam chuvas recordes, conforme o próprio especialista consultado pela Folha, não são uma surpresa tamanhos índices, são inclusive, uma tendência. Porém, mesmo após a explicação, seguem explorando os altos índices ao longo da cobertura. A fala do especialista não é mencionada em mais nenhuma reportagem analisada. Depois desse primeiro momento, por volta da reportagem nº 6, os índices parecem vir com menos intensidade e frequência, não ocupando grande destaque, mas como uma das informações ambientais do acontecimento.

5.5 EXPLICAÇÕES SOCIAIS TENDEM A APARECER COM FALAS DE FONTES

Mesmo que não levantadas nas causas das vulnerabilidades sociais, trazer o perfil das pessoas afetadas e demais explicações das áreas de risco que se aproximem das conceituações de Amaral, Loose e Girardi (2020) no Minimanual no Cobertura Jornalística das Mudanças Climáticas é imprescindível em outros momentos da cobertura também, para fazer o público entender os multifatores do desastre. Há uma evolução neste tópico, em que se percebem 25 citações desses dados. Abaixo, a Figura 12 quantifica as citações por dia analisado.

Figura 12 – Resultados para citação de áreas de risco citadas por dia analisado.



Neste tópico, outro ponto também é levantado: a cobertura não é constante nos resultados, não aprende com as próprias apurações, em um momento aborda áreas de risco, em outros não, diferente dos índices pluviométricos, que na maioria das reportagens se fazem presentes como uma informação do desastre. Enquanto a reportagem nº 8 aborda oito vezes explicações sobre o tema (de forma explorada e entendível), a maioria após ela não aborda, mesmo que os jornalistas já tenham a apuração sobre áreas de risco naquele momento (e entendido com especialistas a relação entre elas e os desastres). Foi percebido que na primeira reportagem, que introduz o caso, embora um vídeo mostre os deslizamentos em imagens feitas por pessoas, não há no texto explicação de que as áreas atingidas são de risco, estão em locais de deslizamentos ou características da população afetada. A primeira menção do termo “áreas de risco” aparece apenas na página 6, com uma informação básica que se repete em várias outras matérias: “Há monitoramento nas áreas de risco” (Folha de S. Paulo a, 2023, p.1). A

partir do segundo dia, muitas das vezes as áreas de risco foram trazidas nas matérias quando retomavam uma fala do presidente Lula: “Lula pediu que não sejam mais construídas casas em encostas de morros, a fim de evitar novas tragédias” (Folha de S. Paulo k, 2023, p.2). Ou seja, a explicação ou menção da questão social é mostrada (em muitos momentos, de maneira bem superficial) quando outros personagens elencam esta para o contexto, seja por meio de falas oficiais como a de Lula, seja por especialistas consultados em reportagens que foram mais profundas de apuração, como visto no Quadro 10.

Quadro 10 - Recorte do tópico “Menção/explicação dos locais afetados (áreas de risco)”, dos protocolos das reportagens nº 1, nº 3, nº 5 e nº 9.

| | |
|----------------|--|
| Nº 1, 19/02 | “Há monitoramento nas áreas de risco” (p.6) |
| Nº 3, 20/03 | “Lula pediu que não sejam mais construídas casas em encostas de morros , a fim de evitar novas tragédias” (p.2) “O presidente também pediu que a Prefeitura de São Sebastião indique um terreno seguro para construir moradias e transferir os moradores que têm casas em área de risco ” (p.5) “Há monitoramento nas áreas de risco ” (p.10) |
| Nº 5, 21/02 | “Lula pediu que não sejam mais construídas casas em encostas de morros , a fim de evitar novas tragédias” (p.5) “O presidente pediu que a Prefeitura de São Sebastião indique um terreno seguro para construir moradias e transferir os moradores que têm casas em área de risco ” (p.6) |
| Nº 9, 23/02 | “Lula pediu que não sejam mais construídas casas em encostas de morros a fim de evitar novas tragédias” (p.7) “O presidente pediu que a Prefeitura de São Sebastião indique um terreno seguro para construir moradias e transferir os moradores que têm casas em área de risco ” (p.8) |

As reportagens nº 4, de 20 de fevereiro “Cidades no litoral norte paulista já sabem dos riscos, mas não reforçam prevenção” (Folha de S. Paulo m, 2023, p.1) e a nº 7 “Áreas instáveis no litoral norte de SP preocupam a Defesa Civil” (Folha de S. Paulo p, 2023, p.1), de 22 de fevereiro se destacam, pois mesmo que instigadas por fontes, seguem com menções da situação além das falas, mesmo que timidamente, em um contexto de panorama da situação. Seus trechos sobre menção/explicação das áreas de risco podem ser vistos no Quadro 11.

Quadro 11 - Recorte do tópico “Menção/explicação dos locais afetados (áreas de risco)”, do protocolo da reportagem nº 4 e nº 7.

| | |
|------------------------|--|
| <p>Nº 4, 20/02</p> | <p>“A ocupação urbana, apesar de ser um problema histórico, ainda pode ter saída” (p.3)</p> <p>“É aí que se destaca o caráter social do problema, com parcelas mais pobres ocupando áreas de risco e falta de infraestrutura urbana, como sistemas de drenagem” (p.4)</p> <p>“Eduardo Mario Menciondo, coordenador científico do Ceped...diz que o Brasil já sabe como evitar mortes entre classes mais vulneráveis” (p.4)</p> <p>“Ele defende mais investimento nos sistemas de Defesa Civil, com prioridade para melhorar alertas na escala de bairros e favelas”</p> |
| <p>Nº 7, 22/02</p> | <p>“Áreas instáveis no litoral norte de SP preocupam a Defesa Civil” (título)</p> <p>“destacando que ainda existem pessoas vivendo nas áreas consideradas perigosas para deslizamentos” (p.1)</p> <p>“criou vários abrigos para receber as pessoas que moram em áreas de risco” (p.2)</p> |

Mas, a reportagem nº 8, de 22 de fevereiro, “Justiça autoriza Governo de SP a remover à força pessoas em áreas de risco em São Sebastião” (Folha de S. Paulo q, 2023, p.1), surpreendeu em relação às demais reportagens, visto seu alto teor de conteúdo que explica a condição de vulnerabilidade das pessoas que vivem em áreas de risco e mais se aproxima das conceituações trazidas no tópico 9 e 10 do Minimanual, como visto no Quadro 12.

Quadro 12 - Recorte do tópico “Menção/explicação dos locais afetados (áreas de risco)”, do protocolo da reportagem nº 8.

| |
|--|
| <p>“Justiça autoriza Governo de SP a remover à força pessoas em áreas de risco em São Sebastião” (título)</p> <p>“Gestão Tarcísio consegue liminar que permite atuar caso morador não queira deixar suas casas em locais com risco” (subtítulo)</p> <p>“A Justiça de Caraguatatuba concedeu nesta quarta-feira (22) uma liminar (decisão provisória) que permite a remoção compulsória de pessoas que vivem em áreas de risco em São Sebastião” (p.1)</p> <p>“A liminar é restrita a pessoas que não desejam deixar suas casas, mas que residem em locais com risco de deslizamentos ou desastres” (p.2)</p> |
|--|

“...para fazer, em último caso, a remoção contra a vontade das pessoas que estão em residência em **áreas de risco**’, afirmou o governador” (p.2)

“Na decisão...considerou que o "desastre em andamento" no litoral paulista justifica a flexibilização do direito à moradia diante dos direitos à vida, à saúde e **à segurança dos moradores de áreas de risco**” (p.3)

“Ademais, ela deve ser usada como última ferramenta e aplicada apenas em face daquele que, estando em **situação de risco real**, se recusar a deixar sua residência’, diz” (p.3)

"Imagina o seguinte: **quem não tem nada, construiu aquela casa com sacrifício**, a pessoa se apega àquela casa e não quer sair’, exemplificou” (p.3)

Como os próprios títulos já dizem, as três últimas matérias citadas versam sobre a preocupação de instituições públicas com as áreas de risco. São as únicas reportagens que entram no tópico das explicações sociais sem a motivação pelas fontes. As reportagens que vão atrás de fontes para falar sobre o assunto, e não ao contrário. Mesmo que siga com uma baixa relação de causalidade entre desastre e inoperância do poder público e vulnerabilidades sociais, as matérias começam a trazer que há reconhecimento e entendimento da problemática que é a existência de pessoas vivendo nas áreas de risco, que antes mal tinham sido citadas como afetadas pelo desastre.

6. OBSERVAÇÕES GERAIS DA COBERTURA

Ao filtrar as reportagens escolhidas, antes da análise tivemos que entender a estrutura da cobertura da Folha na primeira semana de modo geral. A partir disso, algumas considerações foram feitas. A primeira: mesmo antes do desastre, a Folha já pautava em suas reportagens o aumento de temperatura, desastres e mudanças climáticas. Por isso, aparentemente, a Folha parece entender a calamidade da situação climática de instabilidade e constante aumento de temperatura, por não limitar-se a tratar do assunto apenas quando situações extremas acontecem, mas enfatizam a problemática ao longo do ano. Um exemplo é a reportagem “Fim de semana de desfiles e blocos em SP tem risco de tempestades, alerta Defesa Civil” (Folha de S. Paulo x, 2023, p.1), de 17 de fevereiro, que como importante papel do jornalismo enquanto serviço da sociedade, disseminou o alerta de chuvas e riscos de deslizamentos (mesmo que a Defesa Civil tenha se equivocado quanto aos índices pluviométricos, informando números muito menores do que a realidade). A segunda consideração é como o “jornalismo sentado”, prática crescente nas redações explicada no tópico 2.3 por Neveu (2006 *apud* Waltz, 2015),

tem afetado a produção rotineira. Mesmo que muitos jornalistas ainda estejam de frente ao fato – e estes geralmente trazem visões mais aprofundadas do tema, devido ao contato com as pessoas e observação do cenário – a cobertura factual e que mencionou as causalidades do desastre da Folha pareceu, na maioria das reportagens analisadas, utilizar de repórteres em redações, sem muito aprofundamento nos novos fatos. Por exemplo, diversas foram as reportagens mencionando que políticos disseram algo (tanto nas matérias que versavam sobre factual quanto inserção política). Exemplos: “Lula interrompe folga e anuncia visita a regiões afetadas pelas chuvas em SP” (Folha de S. Paulo y, 2023, p.1) de 19 de fevereiro, mas mesmo puxando o gancho para o factual, nenhum dos textos busca explorar as falas, com menção de especialistas, fontes não oficiais, etc. Porém, é importante reforçar que existem outras condições que podem ter sido resultantes nesse processo de cobertura, como o difícil acesso aos locais ilhados.

Outro reflexo observado das reportagens é que os textos utilizam muito da estratégia de replicar apuração, em especial nas analisadas, mas outras observadas para a filtragem também possuíam essa característica. Por exemplo, na matéria nº 1, de 19 de fevereiro, um subtítulo busca explicar a situação de cada cidade com a chuva. Ele também foi colocado em reportagens do dia 20, e alguns tópicos foram reescritos e inseridos no dia 21. O mesmo acontece com pronunciamento de políticos, índices pluviométricos, informações das estradas, todas replicadas ao longo da cobertura, com suas devidas atualizações quando ocorriam. Essa estratégia auxilia o leitor que não tem costume de se atualizar do fato, quando abre uma matéria em qualquer dia, já entende a situação e o panorama do acontecimento. Porém, essa prática se tornou perigosa para a análise deste trabalho, pois fez com que as reafirmações das causas (principalmente da chuva, a mais citada) também se expandissem e se reforçassem em cada matéria. Por isso, a chuva foi tão citada como causa, os deslizamentos foram citados várias vezes pela morte da criança de Ubatuba e o tópico de áreas de risco, nas poucas vezes que entrou, foi citado apenas com a fala do Lula (que pediu para que parassem de ser construídas casas nessas áreas). Isso reflete uma prática de pouca apuração (mesmo que algumas reportagens possuam cerca de quatro a cinco jornalistas assinando e atualizações, às vezes, um dia após a primeira publicação) e mais interesse pelo factual como *hard news*¹⁹: toda vez que um novo fato era lançado, ele era inserido nos três primeiros parágrafos e logo a apuração/texto dos últimos produtos já entrava para compor a matéria.

¹⁹ Do inglês “notícias quentes”, notícias novas, de última hora, de fatos que acabaram de acontecer.

A principal problemática é que quando a vulnerabilidade social e inoperância do poder público são citadas, esses enfoques não são replicado para o noticiário factual (que são as que mostram para o leitor o panorama da situação, podendo ser uma das mais procuradas para quem quer saber atualizações do acontecimento). Mas, de fato, existem reportagens dentro e fora da análise que enfatizam muito bem os problemas sociais dos desastres. Mesmo que não analisados, desde o início do contato com o *corpus* notou-se um exemplo marcante: uma preocupação constante dos colunistas em levantar também a justiça social como causa do desastre. Uma coluna que supre essas necessidades é a nomeada “Quando a lama bate à porta” (Folha de S. Paulo c, 2023, p.1), de José Henrique Mariante, produzida em 25 de fevereiro, e “Precisamos falar sobre racismo ambiental” (Folha de S. Paulo a2, 2023, p.1), de Txai Suruí, publicada em 24 de fevereiro, que relataram no texto a falta de infraestrutura e descaso com as pessoas das áreas atingidas. Além disso, um editorial da Folha b (2023, p.1), publicado em 19 de fevereiro, “Tragédia recorrente”, enfatizou o entendimento da empresa sobre a importância e necessidade de aprofundamento do tema. Aqui há outro ponto: a Folha entende que nesse caso inexistente imparcialidade e o veículo se posiciona de forma a denunciar a carência do serviço público com as pessoas, o que é um grande avanço para o jornalismo. “Mas urgente também é implementar um plano de redistribuição de imóveis e de recursos públicos, incentivado por meio de tributação progressiva e indução de investimento privado socialmente relevante. Áreas de risco são faceta de uma distorção mais duradoura” (Folha de S. Paulo b, 2023, p.2). O que se nota é que a Folha precisa de meios para expandir essas ideologias para seus jornalistas e a cobertura de desastres. Apesar do posicionamento, em nenhum momento a equipe da Folha leva questionamentos em relação às pessoas em áreas de risco às autoridades e fontes oficiais que têm o dever de protegê-las, mesmo que estas fontes apareçam muito nas reportagens analisadas. O que sabemos pela observação geral da cobertura é que uma gama de reportagens questionou a falha do alerta da Defesa Civil, mas não há indícios de outras cobranças a partir do que foi analisado.

Além disso, Pavanello (2022) fez uma observação das coberturas dos efeitos do temporal em abril de 2019, no Rio de Janeiro, que também se encaixa nesta. Acontece que, assim como relatado no trabalho da pesquisadora, a Folha utilizou da editoria “cotidiano” para englobar a grande maioria das reportagens da cobertura, o que pode criar a ilusão de que é um caso rotineiro, de normalidade. Porém, um avanço positivo perante este trabalho pode ser feito na cobertura jornalística. Diz ela: “Os assuntos que viraram pauta estão relacionados, em sua maioria, com as dimensões físicas do temporal e as consequências para os moradores de bairros nobres, focando em transtornos momentâneos como a interrupção de vias e pontos de

alagamento. As notícias que abordam as consequências às famílias moradoras de regiões pobres são poucas” (Pavanello, 2022, p.13). Nesta nova análise, percebe-se que as dimensões do temporal e consequências de moradores de bairros nobres (neste caso, turistas) ainda são colocadas em pauta. Mas, a cobertura avança em prestar maior atenção às consequências para famílias moradoras dos bairros atingidos.

No geral, a cobertura segue o observado por Lengert, Zanovello e Moraes (2020) em 2016. A Folha de S. Paulo entende a importância de falar sobre a emergência climática, visto pela quantidade de reportagens e profissionais dispostos a cobrir o desastre e em textos estratégicos, como o editorial. Outra observação positiva que pode ser feita, com uma vista por cima, é que a cobertura da Folha se destaca em relação a outras problemáticas sempre levantadas como faltosas pela pesquisa em comunicação: percebe-se nas 14 matérias da primeira semana que versam sobre o “foco nas vítimas: identificação, histórias de quem passou pela situação, quem eram as vítimas”, que os jornalistas não pouparam esforços para ouvir fontes não oficiais e vítimas, dar voz às suas histórias e valorizar cada vida perdida contando sobre quem eram. Além disso, cumpriram o papel da mídia de incentivar ajuda ao focarem 10 reportagens em ações solidárias e como doar às vítimas.

7. PROPOSTAS

Este trabalho também busca contribuir com as redações, no sentido de oferecer recomendações que auxiliam um jornalista ou um editor, observando sua árdua rotina em que necessita de agilidade. De maneira geral, uma apuração rebuscada leva o jornalista a identificar a questão social e esgotar a questão deficitária dos desastres. Mas, há de se considerar que, como acontecimentos multicausais, os desastres possuem muitas vertentes e nem todo trabalho/fonte vai conseguir esgotar o conteúdo. Também, a rotina das redações não permite que os jornalistas tenham tempo útil de ler, entender e assimilar todos os tópicos do tema para escreverem reportagens com suporte teórico que supra as necessidades da comunidade. Por isso, estas recomendações não dizem respeito ao conteúdo que as coberturas de desastres devem ter (o Minimanual já presta este trabalho), mas passos que podem ser seguidos para **auxiliar a redação jornalística a chegar em pontos chaves para incluírem nos textos**²⁰. Os tópicos foram formulados a partir da observação da teoria e depois condições de aplicação pela análise. As práticas da Folha contribuíram para a realização da lista, tanto quando não

²⁰ As recomendações não descartam ou ajudam a quebrar processos da apuração – elas tentam auxiliar o jornalista a utilizar da apuração para chegar com maior facilidade à fontes especialistas, testemunhas, fatos e informações da cobertura de desastres.

realizaram o que explicado na teoria, quanto quando realizaram e a prática ganhou destaque na cobertura.

7.1 REALIZAR RONDAS DE DESASTRES, PRINCIPALMENTE APÓS ALERTAS

Retomada da teoria/prática

A Defesa Civil havia emitido um alerta na sexta-feira, dia 17 de fevereiro, para o volume de chuvas que atingiu pontos do estado nos dias 18 e 19. Embora a chuva tenha sido muito maior em índices do que alertado, os 250 que ‘foram previstos’ já indicavam chances de deslizamento e outras consequências. A partir do registro pelos jornais e órgãos oficiais, não há indícios claros de que horas os deslizamentos começaram e atingiram a população, apenas que iniciaram na madrugada de sábado (18) para domingo (19). A primeira reportagem da Folha sobre os estragos que a chuva causou foi publicada às 5h31min, referente à liberação de trecho da Rio-Santos. A matéria adiciona alguns tweets da MetSul sobre a situação da chuva na cidade, mas não vai a fundo. A primeira publicação sobre o fato na Folha foi publicada somente às 10h04 da manhã do dia 19 de fevereiro. Ao buscar no Google com filtro do dia, percebe-se que a linha dos jornais não foi diferente – a maioria publicou o fato entre 10h e 12h. Porém, o G1 publicou uma reportagem sobre os estragos que já atingiam pessoas às 5h15, com vídeos e o que se sabia até o momento, o que indica a existência de subsídios para a cobertura dos desastres poderem iniciarem. Aqui não há a busca de uma pressão e cobrança de jornalistas para serem mais ágeis, porém, tal demora pode ter surgido por mero desconhecimento dos profissionais do que ocorria – visto que o caso ainda não tinha sido exposto em nenhum local. A partir desta hipótese, a primeira recomendação para todas as redações diz respeito a como estar mais próxima e o quanto antes de acontecimentos de desastres,

Aplicação

1) Pedir aprofundamento dos alertas quando postados pela Defesa Civil: às vezes, as emissões podem ser amplas e supérfluas. A emitida em São Paulo, por exemplo, alertava a várias regiões e não especificamente. Nessa hora, é válido questionar a Defesa Civil sobre o mapeamento das regiões de risco: O mapeamento está atualizado? Quais áreas estão sob maior risco com este evento? O que os moradores devem fazer? Que medidas a Defesa Civil já tomou/está tomando?

2) Criar uma lista de contatos diretos com coordenadores da Defesa Civil de cada região que o alerta foi emitido. Os representantes precisam ser contatados antes de qualquer ocorrência, para garantir que estarão de plantão e disponíveis para contato. Pedir, se possível, que disponibilizem atualizações ao longo do período. Os números precisam ser compartilhados com todos os jornalistas envolvidos.

3) Na noite, os profissionais do plantão devem seguir acompanhando sites de atualização das situações: às vezes, redes sociais são a forma mais rápida de conseguir informações. Alternativas no X: MetSul (@metsul); Inmet (@inmet_); Defesas Cívicas Estaduais/Municipais (ex: @defesacivilsp; @defesacivil_rio; @DefesaCivilRS; @defesacivilpoa); Climatempo (@climatempo). Além disso, é possível acionar os coordenadores das Defesas Cívicas das listas, de momentos em momentos (a combinar com o agente), para entender a situação atual: Quais são os níveis dos rios próximos? Em quantos metros atingem as cotas de alerta e inundação? As chuvas causaram algum dano nas estradas/vegetação? Há registros de deslizamentos? Já há algum chamado da comunidade?

4) Este ponto é um pouco mais elaborado e precisa ser planejado antes dos alertas. É um diferencial que os jornalistas tenham contatos de representantes das comunidades que moram em áreas de risco: um líder comunitário, um vizinho que conhece os moradores e é de confiança do local. O jornalismo pode criar um canal com estas fontes não oficiais para que se sintam seguras de relatar as vivências que se sintam confortáveis, e acompanhar a situação do local, a partir de relatos: Como está o cenário do bairro? Qual o sentimento das pessoas? A Defesa Civil os orientou neste momento? Há alguma irregularidade? É possível fazer imagens preservando a segurança? Estes conteúdos, quando divulgados, podem ajudar a própria comunidade, na denúncia da situação e acionamento mais rápido da Defesa Civil.

5) Se o jornal tiver algum meio de comunicação com o público, divulgar para em momentos-chaves, a comunidade contribuir com imagens e relatos dos ocorridos. Para aquelas pequenas redações que tenham a possibilidade de criar o contato, é crucial que façam. Um número de whatsapp pode ser um diferencial: é uma ferramenta bastante utilizada no Brasil e não burocratiza comunicações, nem todos os públicos têm acesso a ligações ou e-mails.

7.2 INCORPORAÇÃO DE JORNALISTAS ESPECIALISTAS NAS REDAÇÕES OU PARCERIA COM PESQUISADORES DAS UNIVERSIDADES

Retomada da teoria/prática

Como trouxemos nos capítulos referentes ao jornalismo, Santos (2004) diz que é normal que um jornalista generalista enfatize o acontecimento dramático e deixe de buscar pelas origens do problema. Na prática, se percebeu que esta foi exatamente a principal problemática da cobertura da Folha: reportagens que focaram no ocorrido, nos desdobramentos e quando não relacionavam a chuva com a causa dos desastres, reforçavam o quanto ela foi extraordinária e atípica. Este tópico pode levantar o seguinte pensamento: Para que especialistas em redações, se estes são consultados e têm espaço no jornalismo justamente para oferecer informações técnicas? Há de mencionar o trecho teórico de Valencio (2012), que jornalistas, quando buscam especialistas, acabam sempre indo atrás de meteorologistas, climatologistas, geologistas e hidrologistas.

Aplicação

Jornalistas especializados em mudanças climáticas poderão fazer um papel que especialistas consultados podem não ser capazes: tornar a pauta mais fundamentada, a partir de seus conhecimentos do tema e do conhecimento jornalístico. É importante ressaltar também a diferença entre jornalistas especializados e segmentados: os segmentados são profissionais generalistas, mas que escrevem para editoriais específicas, ou seja, não possuem formação específica na área, apenas estão lotados nestas; os especialistas, embora não haja uma definição criteriosa, devem ter amparo científico sobre os temas, seja por uma graduação na área, especialização, mestrado, doutorado e até pós-doutorado, mas também há de se considerar os jornalistas que são segmentados há anos no mesmo tema, que de tanta prática, eventos ou cursos são capazes de esgotar o assunto. São duas propostas em busca deste amparo:

1) A criação de uma vaga específica para jornalistas especializados no tema de mudanças climáticas, seja para atuar como repórter e produzir os conteúdos ou para criar aporte teórico e consultoria aos repórteres que serão designados a escrever sobre.

ou

2) A elaboração de convênios/acordos com pesquisadores ou departamentos de comunicação das Universidades para a prestação de consultoria e apoio em reportagens: pesquisadores de jornalismo que estarão em união com os jornalistas de redações para elaborar conteúdos de mudanças climáticas de entendimento social e conteúdo rico em diversos fatores. Esta opção parece mais viável financeiramente para as empresas.

7.3 EVITAR JUÍZOS DE VALORES QUE CRIEM CONCEPÇÃO DE FATALIDADE

Retomada da teoria/prática

O termo “desastre natural” foi destacado por Monteiro e Zanella (2019) como um enaltecimento de uma ‘concepção fatalista’, trazendo uma ideia de que a natureza atua sem outros responsáveis nos desastres e motiva uma postura inerente às problemáticas. Outras expressões tem esse poder segundo Amaral, Lozano Ascencio e Puertas Cristobal (2020), como “fatalidade” e “temporal matou”. Na prática da Folha, viu-se que as equipes abstiveram qualquer juízo de valor fatalista. O termo “desastre natural” apareceu apenas uma vez, em um conceito que replicava o que foi escrito no site do Governo Federal, não sendo total responsabilidade do trabalho jornalístico, mas, na reportagem não há indicações de que o termo seja oriundo do órgão.

Aplicação

Este tópico foi criado para compartilhar a atitude da Folha de não utilizar estas expressões, mas também alertar que expressões como ‘desastre natural’ são constantemente utilizadas por órgãos públicos (inclusive, o próprio “Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais”, instituição responsável pela atuação governamental contra desastres), mas não por isso que precisam ser replicadas (ou podem, com uma sinalização de que o termo foi originário do órgão e que o jornal não concorda com tal expressão). Outros termos podem ter uma concepção fatalista sem o conhecimento prévio do jornalista – termos usados e replicados como o correto, tanto pela sociedade civil quanto por órgãos oficiais. Então, a recomendação é que o jornalista busque, ao máximo, ser isento de juízos de valores que criem relações de fatalidade, como: “não há culpados”, “foi uma fatalidade”, “a chuva matou”, “um evento atípico/anormal”. Ao realizar entrevistas, principalmente ao vivo, a tendência é que as entidades oficiais se manifestem no sentido de retirarem suas culpas do ocorrido. Nesse momento, é crucial que o jornalista, principalmente se leigo no assunto, não demonstre

concordância (mesmo com a cabeça, uma prática às vezes involuntária). Ele pode, inconscientemente, estar excluindo uma luta importante da pauta dos desastres.

7.4 ADOÇÃO DE PRÁTICAS EDITORIAIS QUE ENFATIZEM A PROBLEMÁTICA DOS DESASTRES

Retomada da teoria/prática

Também já visto, Dornelles (2008) indica a necessidade da mídia assumir, no tema dos desastres, uma posição parcial que reforce o compromisso com a cidadania. Amaral, Loose e Girardi (2020) explicam o exemplo do jornal britânico The Guardian, que em acordo editorial, concluíram substituir em seus textos o termo “mudanças climáticas” por “emergência, colapso ou crise climática”, a fim de reforçar a importância do tema. No mesmo sentido, Amaral, Lozano Ascencio e Puertas Cristobal (2020) reforçam que tais termos dão sentido de gravidade aos eventos. Este pequeno gesto pode transformar a forma que o público assimila as características de um evento extremo, visto que como também reforçado ao longo do trabalho, na nomeação, “se encontra o poder de incluir ou de excluir, de qualificar ou desqualificar, de legitimar ou não, de dar voz, publicizar e tornar público” (Berger, 2003, p.22). Na análise, viu-se que a Folha não seguiu a mesma linha, visto que os textos utilizam de expressões e relações causais sem uma padronização na utilização dos termos.

Aplicação

Jornais de todos os portes podem adotar medidas que criem novos imaginários no público em relação aos desastres, diferentes do atual cenário de tendência à associação apenas à chuva a partir das palavras. O exemplo do The Guardian é interessante de ser seguido, principalmente por jornais nacionais, que são inspiração e de acompanhamento de redações com foco estadual e local. O uso ou explicação da expressão “desastre misto” pode gerar uma visão distinta no telespectador, que está acostumado com “desastre natural”. A palavra por si só gera interesse em entender a outra parte do ‘misto’, o que pode gerar maior repercussão ao debate social, dúvida e aprendizado, que os próprios jornais podem ao mesmo tempo desencadear e trazer explicações nas reportagens. Tanto a expressão de desastres quanto a sugerida pelo jornal britânico são uma das várias possibilidades de pequenos ajustes que podem ser repetidos nas reportagens do tema, a fim de divulgar a relevância do tema atualmente.

7.5 ALINHAMENTO DA REDAÇÃO

Retomada da teoria/análise

A análise nos mostrou que a cobertura não é constante nos resultados, não aprende com as próprias apurações: em um momento aborda áreas de risco, em outros não. Ou seja, parece que os conteúdos elaborados não são consumidos pelos colegas, que quando atribuídos à função da cobertura fazem reportagens sem base do que já foi publicado na Folha. Além disso, o editorial da Folha, “Tragédia recorrente”, enfatizou o entendimento da empresa sobre a importância e necessidade de aprofundamento do tema; porém, esta linha também não é seguida nas reportagens.

Aplicação

Ao entender que o editorial de uma empresa não é acolhido pelas reportagens, percebe-se que a estrutura da redação está com ruídos de comunicação. Desta vez, o não-agir da Folha fez surgir uma característica que se vê necessária: o alinhamento daqueles jornalistas e assistentes que farão a cobertura do desastre, visto que, às vezes, uma equipe pode ser tão subdividida que as informações de critérios não chegam a todos. Estes profissionais precisam estar interligados e algumas técnicas podem auxiliar nesta união:

1) Reuniões diárias/semanais de coberturas de desastres: ao longo do ano e, se possível, em momentos de coberturas de desastres, reuniões podem ser o método mais fácil para que os jornalistas entendam e compartilhem ideias das necessidades da cobertura antes mesmo delas acontecerem. Também pode ser um método mais rápido do que no dia a dia, em que as informações passam por várias pessoas e no fim, cada um possui uma declaração diferente e incompleta.

2) E-mail ou documento compartilhado com todos os jornalistas envolvidos na ação, em que possa haver o compartilhamento de ideias e dúvidas

3) Criação de uma equipe extraordinária especial para estes momentos, em que receberão orientações ao longo do ano, para, quando acontecerem os eventos, estejam preparados para atuar com seus conhecimentos, regras e tenham editores referência que estão supervisionando e cuidando da equipe de desastres. Eles devem receber uma remuneração especial para a função.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma como o jornalismo pauta um acontecimento pode influenciar na disseminação, opinião pública e visão da população sobre um determinado tema e até em ações governamentais, visto que o trabalho dos meios de comunicação impulsiona debates sociais e, logo, pressão em ações efetivas de organizações oficiais. A falta de denominação correta ou escassa menção de uma problemática pode fazer com que o jornalismo utilize da força da mídia para promover temas de interesse público de maneira incompleta e pouco eficaz. Quando se trata de desastres mistos, as coberturas tendem a criar relações de causalidade com o alto índice de chuvas, mas por vezes acabam excluindo da pauta outros debates importantes, como a inoperância do poder público, a justiça climática e as vulnerabilidades sociais, visto que um desastre é, na maioria das vezes, multicausal e envolve uma reflexão sob aspectos anteriores, posteriores e do momento do fato. Para entender a relevância de se atentar a estes fatos, também foi preciso elencar a importância social do jornalismo, mas também discutir sobre suas limitações e a atual desvalorização da profissão.

Desta forma, o presente trabalho teve como objetivo geral analisar como o acontecimento foi denominado e quais as explicações foram acionadas pela Folha de São Paulo no desastre ocorrido no litoral norte de São Paulo em 2023. Para isso, utilizamos de um protocolo autoral baseado em Amaral, Lozano Ascencio e Puertas Cristobal (2020) e com conceitos de Amaral, Loose e Girardi (2020), que buscava identificar as denominações e as causas justificadas na cobertura, a fim de responder a questão-problema “Como o acontecimento foi denominado e quais as explicações foram acionadas pela Folha de São Paulo, na primeira semana da cobertura, para as causas do desastre ocorrido no litoral norte de São Paulo em 2023?” e mais: quantificar se mesmo sem relação de causalidade havia a menção dos índices pluviométricos e áreas de risco em outros momentos dos textos. Foram 14 matérias selecionadas, duas de cada dia da primeira semana do ocorrido, de 19 a 25 de fevereiro de 2023. Para escolher quais entrariam na análise, montamos um procedimento de filtro, em que excluímos matérias que não eram noticiosas, classificamos as temáticas centrais de cada reportagem e selecionamos as que versavam sobre causas, factual e dessem panorama da situação, por entender que estas estavam mais propensas a citarem as causas, denominações, e, pela relevância que elas têm, visto que são o alvo de leitores que buscam se informar de atualizações do ocorrido.

Os resultados obtidos a partir da análise das reportagens da Folha de São Paulo revelam algumas considerações relevantes. Em primeiro lugar, foi quantificado que a palavra

“tragédia” é a que mais se destaca na cobertura, aparecendo 55,88% das vezes. Por isso, pode-se classificar a utilização de termos de ordem imaginária do acontecimento sensacional, segundo os indicadores sensíveis. As causas são utilizadas várias vezes como substituição do conceito de “desastre”, por isso, denominações aparecem bem menos que causas. Quanto a estas, possuem dados enfáticos: 70,69% das causas dos desastres são atribuídas aos eventos climáticos. O dado reflete que uma importante discussão ainda está em falta na Folha, visto que a inoperância dos poderes públicos aparece como justificativa uma vez e as vulnerabilidades sociais nenhuma. De fato, as chuvas – e principalmente, o aumento e maior intensidade delas – são uma causa crucial da ocorrência de cada vez mais desastres. Sua frequência e índices precisam ser destacados, pois estão relacionados a um outro grande problema: o aquecimento global. Porém, ao limitar um grande espaço da cobertura apenas para ele, a Folha destitui poder para a denúncia do descaso público perante pessoas que moram em áreas de risco e a ineficácia das ações que deveriam ser preventivas quando um desastre atinge esta magnitude de perdas e mortes.

Por fim da análise, menções e explicações referentes às chuvas em mm foram 18 vezes, enquanto sobre áreas de risco, 25 vezes. Apesar do número menor, os índices pluviométricos são mais detalhados e ocupam um espaço maior que as áreas de risco, que por sua vez são várias vezes citadas em uma frase. Entretanto, a presença das explicações das áreas de risco, mesmo que às vezes pequena, precisa ser destacada e incentivada. As vulnerabilidades e inoperância seguem precisando ser relacionadas às causas, mas explicar o contexto das pessoas que vivem nesses locais situa o público e pode despertar o interesse de buscar o tema cada vez mais. Os destaques são para as reportagens nº 4 e 8, “Justiça autoriza Governo de SP a remover à força pessoas em áreas de risco em São Sebastião” (Folha de S. Paulo q, 2023, p.1), de 22 de fevereiro, e “Cidades no litoral norte paulista já sabem dos riscos, mas não reforçam prevenção” (Folha de S. Paulo m, 2023, p.1), de 20 de fevereiro, que muito bem enfatizam mais lados do problema, mas, os conhecimentos compartilhados nelas não são replicados em outras produções, mesmo que os jornalistas utilizam esta prática com várias frases e informações ao longo da cobertura.

É importante destacar que entendemos que as matérias selecionadas para análise possuem um foco específico de factual e panorama do fato, apenas uma parte de uma cobertura que pode ter mencionado mais as vulnerabilidades em outro tipo de matéria não analisada. Por isso, achamos necessário, além da análise, visitar o conteúdo produzido na semana em geral, e destacamos também no trabalho as reportagens que não se encaixam na proposta da pesquisa, mas que foram destaque na função de contribuir para o serviço do jornalismo. Ressaltando que

estas produções honrosas não anulam a importância do discurso de denúncia se fazer presente em todas as matérias, principalmente factuais de atualização do fato, por serem procuradas por quem busca entender mais sobre os desdobramentos do acontecimento.

Como observações gerais da cobertura, é notável a importância que o jornal atribui ao tema de desastres, perceptível logo na filtragem da metodologia, pela quantidade de conteúdo sobre o acontecimento sobre mudanças climáticas, eventos extremos e desastres e, principalmente, pela variedade de subtemas explorados dentro do assunto – só contabilizados aqui, foram 10. Antes mesmo do ocorrido, a gravidade já era abordada e a emissão de alertas da Defesa Civil está na pauta da Folha, o que sugere uma preocupação prévia com os eventos que podem contribuir para desastres mistos. Alguns pontos de melhora podem permear a cobertura, como um jornalismo mais especializado no tema, além de ser visível como a prática do “jornalismo sentado”, em que os profissionais não estão mais tão próximos ao fato, mas em maioria nas redações, afeta a qualidade e detalhes das informações. Isso pode resultar em uma cobertura factual, que se concentra em relatar os eventos imediatos, mas pode carecer de análises mais aprofundadas.

Esta pesquisa forneceu insights importantes sobre a forma como a Folha de São Paulo cobriu o desastre no litoral norte de São Paulo em 2023. Revelou a importância de uma abordagem mais aprofundada e analítica na cobertura de desastres, particularmente quando se trata de eventos relacionados a questões climáticas e ambientais. Além disso, chamou a atenção para a dificuldade que uma redação jornalística tem de equilibrar a produção de notícias imediatas com uma discussão profunda de todas as causas dos desastres, que geralmente são descobertas a partir de tempo de pesquisa e apuração, a fim de fornecer uma cobertura jornalística mais completa e informativa que contribua e levante debates na sociedade e, logo, a mobilize para cobrar seus direitos dos poderes públicos. Essas considerações finais destacam a importância contínua de um jornalismo de qualidade na compreensão e resposta a desastres mistos e eventos climáticos extremos, visto que pelos dados apresentados, os acontecimentos tendem a aumentar. Mesmo com avanços, a chuva ainda é apresentada como um “monstro” a ser combatido pela cobertura; algo anormal, atípico e único – essa é a informação destaque, mesmo que desmentida por especialistas.

Por essa constância, cada vez mais desastres serão pautas da mídia. O ambiente acadêmico deve, de alguma forma, seguir analisando a área e contribuindo com suas percepções e descobertas. Por isso, pesquisas futuras podem aprofundar o entendimento sobre como a mídia cobre desastres. Primeiramente, uma comparação entre diferentes veículos de comunicação, como jornais e redes de notícias, poderia ser realizada para analisar como variam

as abordagens jornalísticas. Também é possível investigar como a cobertura jornalística influencia a opinião pública e as políticas governamentais. Uma abordagem multinacional seria igualmente enriquecedora, comparando a cobertura de desastres em diferentes países. Essa pesquisa pode lançar luz sobre como a cultura, as políticas e os interesses locais moldam a abordagem jornalística. Por fim, coletar e analisar o feedback do público em relação à cobertura de desastres é fundamental para entender as percepções e expectativas das pessoas em relação à mídia.

Por fim, é necessário salientar a importância de uma maior conexão da academia de jornalismo com o ambiente das redações. Pesquisadores em comunicação e jornalistas podem trabalhar juntos para qualificar temas como a cobertura de desastres: enquanto um é especialista e tem o conhecimento dos rumos que a matéria precisa seguir, o outro tem o texto em suas mãos para divulgar discussões de contribuição social a partir de seu veículo de grande repercussão. Um conteúdo compartilhado com ambos os lados pode contribuir para as redações em questão de aprimoramento, para os pesquisadores, que poderão entender cada vez mais de perto as limitações da prática, mas principalmente para o público, que vai ter em suas mãos um conteúdo de qualidade, de especialização e que motive a entender e transformar realidades e direitos. O jornalismo tem o dever de informar com clareza, qualidade e para todos os públicos.

REFERÊNCIAS

AÇÃO climática urgente pode garantir um futuro habitável para todos. Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, Nova York, julho de 2023. Disponível em: <ipcc.ch/report/ar6/syr/downloads/press/IPCC_AR6_SYR_PressRelease_es.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2023.

ADGHIRNI, Zélia Leal. Jornalismo online: em busca do tempo real. Salvador: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2002.

ALSINA, Miquel Rodrigo. A construção da notícia. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

ALVES, Schirlei. JULGAMENTO DE INFLUENCER MARIANA FERRER TERMINA COM TESE INÉDITA DE ‘ESTUPRO CULPOSO’ E ADVOGADO HUMILHANDO JOVEM. Intercept Brasil, 3 nov. 2020. Disponível em: <intercept.com.br/2020/11/03/influencer-mariana-ferrer-estupro-culposo/>. Acesso em: 1 out. 2023.

AMARAL, Márcia Franz; ASCENCIO, Carlos Lozano; CRISTOBAL, Esther Puertas. Indicadores para análise das narrativas jornalísticas sobre desastres: em busca das invisibilidades e saliências. Equador: Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicação, 2020.

AMARAL, Márcia Franz; LOOSE, Eloísa Beling; GIRARDI, Ilza Maria Tourinho (orgs). Minimanual para a cobertura jornalística das mudanças climáticas [recurso eletrônico], 1. ed. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2020.

AMARAL, Rosângela do; GUTJAHR, Mirian Ramos. Desastres Naturais. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 2015.

ÁREAS instáveis no litoral norte de SP preocupam a Defesa Civil. Folha de S. Paulo p, São Paulo, 22 fev. 2023. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/areas-instaveis-no-litoral-norte-de-sp-preocupam-a-defesa-civil.shtml>. Acesso em: 24 set. 2023.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições Setenta, 1994.

BASTOS, Helder. Ciberjornalistas em Portugal: Práticas, papéis e ética. Lisboa: Livros Horizonte, 2011.

BERGER, Christa. Campos em confronto: a terra e o texto. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

BOLETIM: Fundo Social arrecada 300 toneladas de donativos. Prefeitura de São Sebastião, São Sebastião, 26 de fev. 2023. Disponível em: <www.saosebastiao.sp.gov.br/noticia.asp?id=N2622023121036>. Acesso em: 3 mai. 2023.

BRADFIELD, Lyon. Enhanced seasonal rainfall in northern Venezuela and the extreme events of December 1999. Estados Unidos: Journal of Climate, 2003.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Planalto, 1988. Disponível em: <planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 18 set. 2020.

BRASIL. Decreto nº 9.073, de 5 de junho de 2017. Promulga o Acordo de Paris sob a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, celebrado em Paris, em 12 de dezembro de 2015, e firmado em Nova Iorque, em 22 de abril de 2016. Brasília, Disponível em: <planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/D9073.html>. Acesso em: 20 jul. 2023.

BRASIL. Mapeamento de riscos em encostas e margem de rios. Ministério das Cidades/Instituto de Pesquisas Tecnológicas, 2007.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Cartilha Aristeu Guida da Silva. Brasília, 2020.

BRASIL. Protocolo de Kyoto: a convenção sobre mudança do clima: O Brasil e a convenção – quadro das nações unidas. Brasília, 1997.

CARDOSO, William; MISSIONEIRO, Mathilde. Clima de 'pós-pandemia' já toma conta de turistas no litoral norte de SP. Folha de S. Paulo d, São Paulo, 19 de dez. de 2022. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/12/clima-de-pos-pandemia-ja-toma-conta-de-turistas-no-litoral-norte-de-sp.shtml>. Acesso em: 4 mai. 2023.

CARMO, Roberto Luiz do. Urbanização e Desastres: Desafios para a Segurança Humana no Brasil. In: CARMO, Roberto do (org); VALENCIO, Norma (org). Segurança Humana no Contexto dos Desastres. São Carlos: RiMa Editora, 2014.

CASTELANI, Clayton. Com chance mínima de sobreviventes, Exército isola área para entrar com máquinas na Barra do Sahy. Folha de S. Paulo s, São Paulo, 23 fev. 2023. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/com-chance-minima-de-sobreviventes-exercito-isola-area-para-entrar-com-maquinas-e-retirar-corpos.shtml>. Acesso em: 24 set. 2023.

CASTRO, Antonio Luiz (org). Glossário de Defesa Civil, Estudos de Riscos e Medicina de Desastres. Secretaria Nacional de Defesa Civil (SEDEC), 5ª ed, 2020. Disponível em: <antigo.mdr.gov.br/images/stories/ArquivosDefesaCivil/ArquivosPDF/publicacoes/glossario.pdf>. Acesso em 10 set. 2023.

CASTRO, Cleber Marques de; PEIXOTO, Maria Naíse de Oliveira; RIO, Gisela Aquino Pires. Riscos ambientais e geografia: conceituações, abordagens e escalas. Anuário do Instituto de Geociências, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das mídias. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARRON, Jean; DE BONVILLE, Jean. Natureza e transformação do Jornalismo. Florianópolis: Insular, 2016.

COUTINHO, Marcos Pellegrini; LONDE, Luciana de Resende; SANTOS, Leonardo Bacelar Lima; LEAL, Paulo Jorge Vaitsman. Instrumentos de planejamento e preparo dos municípios brasileiros à Política de Proteção e Defesa Civil. São Paulo: SciELO, 2015.

DORNELLES, Beatriz. O fim da objetividade e da neutralidade no jornalismo cívico e ambiental. *Brazilian journalism research*, v. 4, n. 2, p. 121-131, jul./dez, 2008.

ECKSTEIN, David; KUNZEL, Vera; SCHÄFER, Laura. GLOBAL CLIMATE RISK INDEX 2021. Berlim: Germanwatch, 2021.

EFEITO estufa e aquecimento global. Disponível em: <antigo.mma.gov.br/informma/item/195-efeito-estufa-e-aquecimento-global.html>. Acesso em: 10 jul. 2023.

ESCOBAR, Herton; ABDALLA, Beatriz. Dados comprovam aumento de eventos climáticos extremos em São Paulo. São Paulo: Jornal USP, 2020.

FERNANDES, Samuel. Justiça autoriza Governo de SP a remover à força pessoas em áreas de risco em São Sebastião. Folha de S. Paulo q, São Paulo, 22 fev. 2023. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/justica-autoriza-governo-de-sp-a-remover-a-forca-pessoas-em-areas-de-risco-em-sao-sebastiao.shtml>. Acesso em: 24 set. 2023.

FILHO, Adelmo Genro. O segredo da pirâmide. Porto Alegre: tchê! editora, 1987.

FOLHA é o jornal mais nacional do país e o de maior audiência e circulação. Folha de S. Paulo i, São Paulo, 27 mar. 2021. Disponível em: <folha.uol.com.br/poder/2021/03/folha-e-o-jornal-mais-nacional-e-o-de-maior-audiencia-e-circulacao.shtml>. Acesso em: 2 mai 2023

GARONI, Márcio; BRAGA, Maria José; CASTRO, Samira de. Brasília: Federação Nacional dos Jornalistas, 2023.

GIDDENS, Anthony. A política da mudança climática. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

GRANCHI, Giulia. De leptospirose a tétano: os riscos à saúde trazidos por enchentes e deslizamentos de terra. BBC News, São Paulo, 18 de fev. de 2023. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/geral-60440469>. Acesso em: 09 out. 2023

Instituto de Pesquisas Tecnológicas. Elaboração do Plano Municipal de Redução de Riscos (PMRR) para o Município de São Sebastião, SP. São Paulo, 2018.

JANONE, Lucas. A cada desastre natural no Brasil, em média, 3,4 mil pessoas são afetadas. CNN, Rio de Janeiro, 11 abr. 2022. Disponível em: <cnnbrasil.com.br/nacional/a-cada-desastre-natural-no-brasil-em-media-34-mil-pessoas-sao-afetadas/>. Acesso em: 20 out. 2023.

KLINTOWITZ, Danielle et. al. Racismo ambiental e justiça socioambiental nas cidades. São Paulo: Instituto Pólis, 2022. Disponível em: <polis.org.br/estudos/racismo-ambiental/#>. Acesso em: 1 jul 2023.

KOBIYAMA, Masato; MENDONÇA, Magaly; MORENO, Davis; MARCELINO, Isabela; MARCELINO, Emerson; GONÇALVES, Edson; BRAZETTI, Leticia; GOERL, Roberto; MOLLERI, Gustavo; RUDORFF, Frederico. Prevenção de desastres naturais: Conceitos básicos. Brasília: Lideres, 2006.

LACERDA, Lucas. Cidades no litoral norte paulista já sabem dos riscos, mas não reforçam prevenção. Folha de S. Paulo m, São Paulo, 20 fev. 2023. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/cidades-no-litoral-norte-paulista-ja-sabem-dos-riscos-mas-nao-reforcam-prevencao.shtml>. Acesso em: 24 set. 2023.

LENGERT, Mathias; ZANOVELLO, Rosiane; MORAES, Cláudia Herte de. Eventos extremos e mudança climática no discurso dos jornais Folha de São Paulo e O Globo em 2016. Florianópolis: Revista PerCursos, v. 21, n.46, p. 54 - 82, maio/ago, 2020.

LINDELL, Michael; PRATER, Carla; PERRY, Ronald. Fundamentals of Emergency Management. Emmitsburg: Emergency Management Institute, 2006.

LITORAL Norte de SP foi um dos destinos mais procurados do país no final do ano, aponta levantamento. G1 c, São Paulo, 3 de jan. 2023. Disponível em: <g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2023/01/03/litoral-norte-de-sp-foi-um-dos-destinos-mais-procurados-do-pais-no-final-do-ano-aponta-levantamento.ghtml>. Acesso em: 30 mai. 2023

LOPES, Karoline Fernandes Pinto; XAVIER, Yanko Marcius de Alencar. Desastres naturais no contexto das mudanças climáticas. Natal: Repositório UFPR, 2023.

MACEDO, Eduardo Soares de; SANDRE, Lucas Henrique. Mortes por deslizamentos no Brasil: 1988 a 2022. São Paulo: Revista Brasileira de Geologia de Engenharia e Ambiental, v.12, n.1, p.110-117, 2022.

MAGALHÃES, Regina; VENDRAMINI, Annelise. Os impactos da quarta revolução industrial. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2018.

MANUAL da Redação. 22ª edição. São Paulo: Publifolha, 2021.

MARANDOLA JR, Eduardo; D'ANTONA, Álvaro de Oliveira. Vulnerabilidade: Problematizando e Operacionalizando o Conceito. In: CARMO, Roberto do (org); VALENCIO, Norma (org). Segurança Humana no Contexto dos Desastres. São Carlos: RiMa Editora, 2014.

MARANDOLA JR., Eduardo e HOGAN, Daniel J. Vulnerabilidade do lugar vs. vulnerabilidade sociodemográfica: implicações metodológicas de uma velha questão. Revista Brasileira de Estudos de População, São Paulo, v.26, n.2, p.161-181, jul./dez, 2009.

MARCHEZINI, Victor. A produção simbólica dos desastres naturais: composições, seleções e recortes. Rio de Janeiro: Interseções, v. 16, n. 1, p. 174-196, jun, 2014.

MARENGO, José Antonio. Mudanças climáticas, condições meteorológicas extremas e eventos climáticos no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Brasileira de Desenvolvimento Sustentável, 2009.

MARIANTE, José Henrique. Quando a lama bate à porta. Folha de S. Paulo c, São Paulo, 25 fev. 2023. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/colunas/jose-henrique-mariante-ombudsman/2023/02/quando-a-lama-bate-a-porta.shtml>. Acesso em: 3 out. 2023.

MATOS, Thais; CASEMIRO, Poliana. Tragédia no Litoral Norte de SP: moradores da Vila Sahy dizem que não receberam alerta de deslizamento. G1 a, São Paulo, 22 de fev. 2023. Disponível em: <g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/02/22/moradores-da-vila-sahy-dizem-que-nao-receberam-alerta-de-deslizamento.ghtml>. Acesso em: 30 mai. 2023.

MENON, Isabella. Bombeiros encontram 65° corpo e encerram as buscas no Sahy. Folha de S. Paulo w, São Paulo, 25 fev. 2023. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/numero-de-mortos-no-litoral-norte-de-sp-chega-a-59-no-7o-dia-de-buscas.shtml>. Acesso em: 24 set. 2023.

MENON, Isabella. Liberada, rodovia Rio-Santos tem marcas da tragédia no litoral de SP. Folha de S. Paulo u, São Paulo, 24 fev. 2023. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/liberada-rodovia-rio-santos-tem-marcas-da-tragedia-no-litoral-de-sp.shtml>. Acesso em: 24 set. 2023.

MILANETTI, Alexandre. Pesquisa inédita da Unifesp revela aumento dos eventos extremos de temperatura do ar na costa do Brasil. Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 25 de abri. 2023. Disponível em: <unifesp.br/noticias-antiores/item/6404-pesquisa-inedita-da-unifesp-revela-aumento-dos-eventos-extremos-de-temperatura-do-ar-na-costa-do-brasil>. Acesso em: 20 jul. 2023.

MONTEIRO, Jander Barbosa; ZANELLA, Maria Elisa. Desnaturalizando o desastre: as diferentes concepções teóricas que envolvem o conceito de desastre natural. Sobral: Revista Casa da Geografia da Sobral, 2019.

MOREIRA, Fabiane Barbosa; MULLER, Karla Maria. Os valores-notícia no jornalismo impresso: análise das 'características substantivas' das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo. Porto Alegre: Repositório UFRGS, 2006.

MOVIMENTO de massa. Ministério da Ciência, Tecnologias e Inovação, Brasília, 26 mai. 2021. Disponível em: <gov.br/cemaden/pt-br/paginas/ameacas-naturais/movimento-de-massa>. Acesso em: 20 out. 2023.

MP cita 'omissão histórica' do Estado e Prefeitura de São Sebastião e cobra mapeamento de áreas de risco na Barra do Sahy. G1 b, São Paulo, 19 de jun. 2023. Disponível em: <g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2023/06/19/mp-diz-que-estado-e-prefeitura-de-sao-sebastiao-foram-omissos-em-tragedia-e-cobra-mapeamento-de-areas-de-risco-na-barra-do-sahy.ghtml>. Acesso em: 30 jun. 2023.

MURRAY, Alan; SKENE, Keith; HAYNES, Kathryn. The Circular Economy: An Interdisciplinary Exploration of the Concept and Application in a Global Context. Journal of Business Ethics, v. 140, n. 3, p. 369–380, 2017.

NETO, Francisco Lima; CASTELANI, Clayton; OLIVEIRA, Cláudio; MAZZO, Aline; PIOVEZAN, Stephanie. Chuva recorde deixa 36 mortos, interdita estradas e põe litoral de SP em estado de calamidade. Folha de S. Paulo a, 19 de fev. 2023. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/crianca-de-7-anos-morre-em-deslizamento-de-terra-em-ubatuba-sp.shtml>. Acesso em: 1 abr. 2023.

NETO, Francisco Lima; DIAS, Paulo Eduardo. Litoral de SP conta 44 mortos nas chuvas históricas; mais de 2.500 estão fora de casa. Folha de S. Paulo l, São Paulo, 20 fev. 2023. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/litoral-de-sp-counta-36-mortos-nas-chuvas-historicas-mais-de-2400-estao-fora-de-casa.shtml>. Acesso em: 24 set. 2023.

NETO, Francisco Lima; PAGNAN, Rogério; MENON, Isabella. Chega a 57 o número de mortos pelo temporal no litoral norte de SP. Folha de S. Paulo t, São Paulo, 24 fev. 2023. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/sobe-para-54-o-numero-de-mortos-pelo-temporal-no-litoral-norte-de-sp-buscas-continuam.shtml>. Acesso em: 24 set. 2023.

NETO, Francisco Lima. Fim de semana de desfiles e blocos em SP tem risco de tempestades, alerta Defesa Civil. Folha de S. Paulo x, São Paulo, 17 fev. 2023. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/numero-de-mortos-no-litoral-norte-de-sp-chega-a-59-no-7o-dia-de-buscas.shtml>. Acesso em: 1 out. 2023.

NETO, Francisco Lima. Litoral de SP chega a 48 mortos nas chuvas e entra no 4º dia de busca por sobreviventes. Folha de S. Paulo n, São Paulo, 21 fev. 2023. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/litoral-de-sp-chega-a-44-mortos-nas-chuvas-e-entra-no-3o-dia-de-busca-por-sobreviventes.shtml>. Acesso em: 24 set. 2023.

NETO, Francisco Lima. Litoral norte de SP chega a 54 mortos pelo temporal; buscas continuam. Folha de S. Paulo r, São Paulo, 23 fev. 2023. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/litoral-de-sp-chega-a-49-mortos-na-chuva-e-entra-no-5o-dia-de-buscas-por-sobreviventes.shtml>. Acesso em: 24 set. 2023.

NEVEU, Erick. Sociologia do jornalismo. São Paulo: Loyola, 2006.

NOBRE, Carlos; MARENCO, José (org.). Mudanças climáticas em rede: um olhar interdisciplinar. 1ª ed. São José dos Campos, SP: INCT, 2017.

O jornal mais influente do Brasil. Folha de S. Paulo j, São Paulo. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/institucional/o_grupo.shtml>. Acesso em: 16 mai. 2023.

OLIVEIRA, Cláudio; TOLEDO, Marcelo. Resgate usa cordas para retirar mais de 50 pessoas ilhadas em São Sebastião. Folha de S. Paulo k, São Paulo, 19 de fev. 2023. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/resgate-usa-cordas-para-retirar-mais-de-50-pessoas-ilhadas-em-sao-sebastiao.shtml>. Acesso em: 24 set. 2023.

OLIVEIRA, Cláudio. São Sebastião transfere ossadas para abrir vagas em cemitério para vítimas de temporal. Folha de S. Paulo o, São Paulo, 21 fev. 2023. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/sao-sebastiao-transfere-ossadas-para-abrir-vagas-em-cemiterio-para-vitimas-de-temporal.shtml>. Acesso em: 24 set. 2023.

PAVANELLO, Alice Bianchini. O lugar das mulheres na narrativa jornalística de cobertura de desastres. João Pessoa: Intercom, 2022.

PERGUNTAS frequentes. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Disponível em: <inpe.br/faq/index.php?pai=9>. Acesso em: 28 out. 2023.

PERUYERA, Matias. O primeiro jornal e a primeira teoria. In: NICOLATO, Roberto (org). Teorias do jornalismo. Curitiba: InterSaberes, 2019.

PESCARINI, Fábio; CASTELANI, Clayton. Metro quadrado na praia custa quase 12 vezes o da área da tragédia no Sahy. Folha de S. Paulo h, São Paulo, 24 fev. 2023. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/metro-quadrado-na-praia-custa-quase-12-vezes-o-da-area-da-tragedia-no-sahy.shtml>. Acesso em: 15 mai. 2023.

PIOVEZAN, Stefhanie. 'Estamos desesperados para voltar para São Paulo', diz turista ilhado em São Sebastião. Folha de S. Paulo z, São Paulo, 19 de fev. 2023. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/estamos-desesperados-para-voltar-para-sao-paulo-diz-turista-ilhado-em-sao-sebastiao.shtml>. Acesso em: 7 nov. 2023.

PRIMEIRA morte de vítima das fortes chuvas é confirmada em São Sebastião. Prefeitura de São Sebastião, São Sebastião, 19 fev. 2023. Disponível em: <saosebastiao.sp.gov.br/noticia.asp?ID=N1922023145337>. Acesso em: 20 mai. 2023.

RAMONET, Ignacio. A Tirania da Comunicação. Petrópolis: Editora Vozes, 2010

RAMMÊ, Rogério Santos. Da justiça ambiental aos direitos e deveres ecológicos. Caxias do Sul> EDUCS, 2012.

RANZOLIN, Cristina. Jornal do Almoço. RBSTV, Porto Alegre, 7 de set. 2023. Disponível em: <globoplay.globo.com/v/11928291/>. Acesso em: 3 nov. 2023.

RIBEIRO, Alexsandro. A teoria do gatekeeper. In: NICOLATO, Roberto. Teorias do jornalismo. Curitiba: InterSaberes, 2019.

RIPPLE, William; WOLF, Christopher; NEWSOME, Thomas; BARNARD, Phoebe. World Scientists' Warning of a Climate Emergency. Oxford: BioScience, v. 70, n. 1, 2020. Disponível em: <academic.oup.com/bioscience/article/70/1/8/5610806>. Acesso em: 31 mai 2023

ROSSI, André. Litoral de SP volta a festejar Réveillon com público e shows grátis. Folha de S. Paulo e, São Paulo, 29 dez. 2022. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/12/litoral-de-sp-volta-a-festejar-reveillon-com-publico-e-shows-gratis.shtml>. Acesso em: 4 mai. 2023.

ROSSI, André. Litoral norte de SP prepara Carnaval com bailes de marchinhas e bonecões. Folha de S. Paulo g, São Paulo, 17 fev. 2023. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/litoral-norte-de-sp-prepara-carnaval-com-bailes-de-marchinhas-e-bonecoes.shtml>. Acesso em: 6 mai. 2023.

SANTOS, Rogério. A fonte não quis revelar: Um estudo sobre a produção das notícias. Porto: Campo das Letras, 2004.

SDR, International Strategy for Disaster Reduction. Living with risk: a global review of disaster reduction initiatives. New York And Geneva: United Nations, 2004.

SILVA, Cristiane Rocha; GOBBI, Beatriz Christo; SIMÃO, Ana Adalgisa. O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. Organizações rurais & agroindustriais, v. 7, n. 1, p. 70-81, 2005.

SILVA, Fabio Coelho Netto Santos; BEHR, Klaus Ramalho Von. Mudanças climáticas: desastre e negacionismo. Revista Gestão em Conhecimento, v.6, n.6, 2020.

SOUZA, Elise Azambuja. COBERTURA DO DESASTRE SOCIOAMBIENTAL EM MARIANA/MG PELO PORTAL EM.COM.BR: DAS FONTES AOS ENUNCIADORES. Santa Maria: Repositório UFSM, 2019.

SURUÍ, Txai. Precisamos falar sobre racismo ambiental. Folha de S. Paulo a2, São Paulo, 24 fev. 2023. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/colunas/txai-surui/2023/02/precisamos-falar-sobre-racismo-ambiental.shtml>. Acesso em: 3 out. 2023.

TEMPERATURA média global tem 50% de chance de exceder 1,5°C até 2026. ONU News, Brasília, 20 mai. 2022. Disponível em: <brasil.un.org/pt-br/181236-temperatura-m%C3%A9dia-global-tem-50-de-chance-de-exceder-1-5%C2%B0c-at%C3%A9-2026>. Acesso em: 30 jun. 2023.

TOMAZELLI, Idiana; MARQUES, José. Lula interrompe folga e anuncia visita a regiões afetadas pelas chuvas em SP. Folha de S. Paulo y, São Paulo, 19 fev. 2023. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/ministro-da-integracao-vai-viajar-as-regioes-afetadas-pelas-chuvas-em-sp-nesta-segunda.shtml>. Acesso em: 3 out. 2023.

TOMINAGA, Lídia Keiko; SANTORO, Jair; AMARAL, Rosangela. Desastres Naturais: conhecer para prevenir. São Paulo: Instituto Geológico, 2009.

TRAGÉDIA recorrente. Folha de S. Paulo b, São Paulo, 19 fev. 2023. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/opiniao/2022/02/tragedia-recorrente.shtml>. Acesso em: 3 out. 2023.

TRAJBER, Rachel; OLIVATO, Débora; MARCHEZINE, Victor. Conceitos e termos para a gestão de riscos de desastres na educação. Brasília: Cemaden, 2017.

TRECHO da Rio-Santos, em Ubatuba, é liberado após vistoria. Folha de S. Paulo b2, 19 de fev. 2023. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/trecho-da-rio-santos-em-ubatuba-e-interditado-devido-as-chuvas.shtml>. Acesso em: 12 nov. 2023.

UITTO, Juha. The geography of disaster vulnerability in megacities: a theoretical framework. Grã-Bretanha: Applied Geography, v.18, n.1, 1998.

VALENCIO, Norma Felicidade Lopes da Silva. A ordem invisível por detrás do caos aparente: arquitetura do poder e desfiliação social no contexto de desastre. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2017

VALENCIO, Norma Felicidade Lopes da Silva. Para além do “dia do desastre” – o caso brasileiro. Curitiba: Editora Appris, 2012.

VALENCIO, Norma; VALENCIO, Arthur. Cobertura jornalística sobre desastres no Brasil: dimensões sociopolíticas marginalizadas no debate público. *Estudios en Comunicación Social* Disertaciones, v. 10, p. 153, 2017.

VALENCIO, Norma; VALENCIO, Arthur. OS DESASTRES COMO INDÍCIOS DA VULNERABILIDADE DO SISTEMA NACIONAL DE DEFESA CIVIL: O CASO BRASILEIRO. Coimbra: Territorium, 2011.

VALENCIO, Norma. Entre sirenes, rotas de fuga e exercícios de simulação: vida cotidiana sob os riscos de desastres. Rio de Janeiro: Saúde debate, 2020.

VALLADARES, Lícia Prado. A invenção da favela: do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VENTORINI, Silvia Elena; PÔSSEA, Évelyn Marcia; Santos, Thiago Gonçalves; ROMUALDO, Juliano Batista. Mapeamento digital para indicação preliminar de áreas suscetíveis a desastres mistos. *Revista Geografias*, 2017.

VIANA, Aline Silveira; COSTA, Reijane Salazar; TROMBETTA, Clecir Maria; POLETTO, Ivo; IBRAHIM, Samira Younes; GAZEN, Izaura Fátima; SÁ, Luiz Henrique. Saúde Humana e Saúde Ambiental em Contexto de Desastre. In: CARMO, Roberto do (org); VALENCIO, Norma (org). *Segurança Humana no Contexto dos Desastres*. São Carlos: RiMa Editora, 2014.

WALTZ, Igor. O “Jornalista Sentado” e Condições de Produção: considerações sobre práticas profissionais na comunicação em rede. São Paulo: UNESP, 2015.

WISNER, Benetal. *Atrisk: naturalhazards, people’s vulnerability and disasters*. 2. ed. New York: La Red, 2003.

ZYLBERKAN, Mariana; FRAISSAT, Zanone. Cachoeira em Ilhabela vira destino instagramável após passado como lugar secreto. *Folha de S. Paulo* f, São Paulo, 21 jan. 2023. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/01/cachoeira-em-ilhabela-vira-destino-instagramavel-apos-passado-como-lugar-secreto.shtml>. Acesso em: 6 mai. 2023.

ZYLBERKAN, Mariana. Desastre no litoral de SP suspende retomada do turismo e traz incerteza em meio ao luto. *Folha de S. Paulo* v, São Paulo, 25 fev. 2023. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/desastre-no-litoral-suspende-retomada-do-turismo-e-traz-incerteza-em-meio-ao-luto.shtml>. Acesso em: 24 set. 2023.

APÊNDICES

Nesta seção, estão dois elementos que foram usado de base para o trabalho. Do apêndice A até o N, o protocolo de cada matéria, mencionado na metodologia e que foi usado como base para análise. Depois, o apêndice O até P estão as duas listas de filtragem das matérias, utilizadas para selecionar as 14 reportagens finais da análise. As técnicas que foram utilizadas dentro das tabelas para a filtragem estão descritas no tópico da metodologia, nos passos 1 até 7.

APÊNDICE A – PROTOCOLO MATÉRIA 1

| | | |
|--|---|---|
| <p>Título da matéria: Chuva recorde deixa 36 mortos, interdita estradas e põe litoral de SP em estado de calamidade</p> <p>Data: 19 de fevereiro, às 10h04</p> <p>Atualizado: 20 de fevereiro, às 15h36</p> | | |
| | <p>Quantificação</p> | <p>Trechos destacados</p> |
| <p>Denominação do desastre</p> | <p>(0) Desastre</p> | |
| | <p>(0) Tragédia</p> | |
| | <p>(2) Outro: Rastro de destruição</p> | <p>“As fortes chuvas que atingem o litoral norte de São Paulo desde sábado (18) deixaram um rastro de destruição e mortes” (p.1)</p> <p>“Rastro de destruição causado pelas fortes chuvas no bairro do Itatinga (legenda da foto)</p> |
| <p>Evento climático</p> | <p>(6) Vezes</p> | <p>“Chuva recorde deixa 36 mortos, interdita estradas e põe litoral de SP em estado de calamidade” (título)</p> <p>“As fortes chuvas que atingem o litoral norte de São Paulo desde sábado (18) deixaram um rastro de destruição e mortes” (p.1)</p> <p>“Rastro de destruição causado pelas</p> |

| | | | |
|---|---|-------------|--|
| Causas | | | <p>fortes chuvas no bairro do Itatinga” (legenda da foto)</p> <p>“A Prefeitura de São Sebastião (197 km de SP) decretou estado de calamidade pública após as fortes chuvas causarem deslizamentos de terra” (p.4)</p> <p>“A chuva também causou estragos no Guarujá (93 km de SP), na Baixada Santista” (p.7)</p> <p>“O Cemaden (Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais) colocou a região sul do arquipélago em estado de atenção devido às fortes chuvas” (p.6)</p> |
| | Vulnerabilidades geológicas/ambientais | (2) Vezes | <p>“Entre os mortos há uma criança de 7 anos, que morreu em um deslizamento de terra em Ubatuba” (p.2)</p> <p>“Durante a madrugada, um deslizamento de terra fez com que uma pedra atingisse uma casa na rua Benedito Alves da Silva, no bairro Estufa, em Ubatuba (220 km de SP)” (p.4)</p> |
| | Vulnerabilidades sociais | (0) Vezes | |
| | Inoperância do Poder Público | (0) Vezes | |
| Menção/explicação de índices pluviométricos recordes | (6) Vezes | | <p>“...em menos de 24 horas o acumulado de chuva ultrapassou os 600 mm em alguns pontos do litoral. As áreas mais atingidas estão entre Bertioga (683 mm) e São Sebastião (627 mm). Tais índices pluviométricos são dos maiores já registrados no país em curto período e em situação não decorrente de ciclone tropical.” (p.2)</p> |

| | | |
|---|-----------|---|
| | | <p>“A cidade registrou 335 mm de chuva, segundo a Defesa Civil” (p.4)</p> <p>“Bertioga foi a cidade que registrou o maior volume de chuvas. Segundo a Defesa Civil, foram 687 mm nas últimas 24 horas” (p.5)</p> <p>“Em Caraguatatuba também houve registro de alagamentos. A cidade registrou acumulado de 395 mm” (p.6)</p> <p>“Em 18 horas, choveu 337 mm no local, segundo o governo do estado” (p.6)</p> <p>“Segundo a prefeitura, foram registrados quase 400 milímetros na cidade, ultrapassando a previsão de 234 milímetros para todo o mês de fevereiro” (p.7)</p> |
| Menção/explicação dos locais afetados (áreas de risco) | (1) Vez | “Há monitoramento nas áreas de risco ” (p.6) |

APÊNDICE B - PROTOCOLO MATÉRIA 2

| | | |
|--|---|---|
| <p>Título da matéria: Resgate usa cordas para retirar mais de 50 pessoas ilhadas em São Sebastião</p> <p>Data: 19 de fevereiro, às 13h09</p> | | |
| | Quantificação | Trechos destacados |
| Denominação do desastre | (0) Desastre | |
| | (0) Tragédia | |
| | (0) Outro: | |
| Causas | Evento climático | (3) Veze <p>“As fortes chuvas que atingiram o litoral norte... fizeram com que mais de 50 pessoas tivessem de ser resgatadas de suas casas” (p.1)</p> <p>“Cidade do litoral norte decretou estado de calamidade pública devido ao temporal registrado” (subtítulo)</p> <p>“Glauber Soares, 36, que mora em Itatinga, bairro de São Sebastião (SP), e ajudou no resgate de atingidos pelos fortes chuvas” (legenda de foto)</p> |
| | Vulnerabilidades geológicas/ambientais | (1) Veze <p>“Em Ubatuba, uma criança de 7 anos morreu nesta madrugada após uma pedra deslizar e atingir a casa em que estava” (p.3)</p> |
| | Vulnerabilidades sociais | (0) Veze |
| | Inoperância do Poder Público | (0) Veze |
| Menção/explicação de índices pluviométricos recordes | (1) Veze <p>“Em Barra do Una, Juquehy, Cambury e Boiçucanga choveu mais de 400 milímetros durante a madrugada” (p.2)</p> | |

| | | |
|---|-----------|---|
| Menção/explicação dos locais afetados (áreas de risco) | (1) Vez | “Como há previsão de mais chuva para o decorrer deste domingo, principalmente à noite, as pessoas estão sendo retiradas das áreas de risco como forma de prevenção” (p.3) |
|---|-----------|---|

APÊNDICE C - PROTOCOLO MATÉRIA 3

| <p>Título da matéria: Litoral de SP conta 44 mortos nas chuvas históricas; mais de 2.500 estão fora de casa</p> <p>Data: 20 de fevereiro, às 13h12</p> <p>Atualizado: 21 de fevereiro, às 10h57</p> | | | | | | | | | |
|--|---|--|--------------------|--|--|----------------|---|---|---|
| | <table border="1"> <thead> <tr> <th>Quantificação</th> <th>Trechos destacados</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>(0) Desastre</td> <td></td> </tr> <tr> <td>(1) Tragédia</td> <td>“Lula pediu que não sejam mais construídas casas em encostas de morros, a fim de evitar novas tragédias” (p.2)“</td> </tr> <tr> <td>(2) Outro: Rastro de destruição</td> <td>“Rastro de destruição causado pelas chuvas no bairro do Itatinga” (legenda de foto) “O recorde de chuva que atingiu o litoral norte de São Paulo desde sábado deixou também um rastro de destruição” (p.8)</td> </tr> </tbody> </table> | Quantificação | Trechos destacados | (0) Desastre | | (1) Tragédia | “Lula pediu que não sejam mais construídas casas em encostas de morros, a fim de evitar novas tragédias ” (p.2)“ | (2) Outro: Rastro de destruição | “ Rastro de destruição causado pelas chuvas no bairro do Itatinga” (legenda de foto) “O recorde de chuva que atingiu o litoral norte de São Paulo desde sábado deixou também um rastr o de destruição ” (p.8) |
| Quantificação | Trechos destacados | | | | | | | | |
| (0) Desastre | | | | | | | | | |
| (1) Tragédia | “Lula pediu que não sejam mais construídas casas em encostas de morros, a fim de evitar novas tragédias ” (p.2)“ | | | | | | | | |
| (2) Outro: Rastro de destruição | “ Rastro de destruição causado pelas chuvas no bairro do Itatinga” (legenda de foto) “O recorde de chuva que atingiu o litoral norte de São Paulo desde sábado deixou também um rastr o de destruição ” (p.8) | | | | | | | | |
| Denominação do desastre | | | | | | | | | |
| Causas | <table border="1"> <tbody> <tr> <td>Evento climático</td> <td>(8) Vezes</td> <td> <p>“Litoral de SP conta 44 mortos nas chuvas históricas” (título)</p> <p>“As chuvas históricas que atingem cidades do litoral de São Paulo ...já deixaram 44 mortos” (p.1)</p> <p>“Rastro de destruição causado pelas chuvas no bairro do Itatinga” (legenda de foto)</p> <p>“O recorde de chuva que atingiu o litoral norte de São Paulo desde sábado deixou também um rastro de destruição” (p.6)</p> <p>“Temporal alagou rua do bairro Camburi, em São Sebastião (SP)” (legenda de foto)</p> <p>“À Folha, o prefeito de São Sebastião disse que, após as chuvas, a cidade ficou totalmente ilhada” (p.9)</p> <p>“O Cemaden (Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais) colocou a região</p> </td> </tr> </tbody> </table> | Evento climático | (8) Vezes | <p>“Litoral de SP conta 44 mortos nas chuvas históricas” (título)</p> <p>“As chuvas históricas que atingem cidades do litoral de São Paulo ...já deixaram 44 mortos” (p.1)</p> <p>“Rastro de destruição causado pelas chuvas no bairro do Itatinga” (legenda de foto)</p> <p>“O recorde de chuva que atingiu o litoral norte de São Paulo desde sábado deixou também um rastro de destruição” (p.6)</p> <p>“Temporal alagou rua do bairro Camburi, em São Sebastião (SP)” (legenda de foto)</p> <p>“À Folha, o prefeito de São Sebastião disse que, após as chuvas, a cidade ficou totalmente ilhada” (p.9)</p> <p>“O Cemaden (Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais) colocou a região</p> | | | | | |
| Evento climático | (8) Vezes | <p>“Litoral de SP conta 44 mortos nas chuvas históricas” (título)</p> <p>“As chuvas históricas que atingem cidades do litoral de São Paulo ...já deixaram 44 mortos” (p.1)</p> <p>“Rastro de destruição causado pelas chuvas no bairro do Itatinga” (legenda de foto)</p> <p>“O recorde de chuva que atingiu o litoral norte de São Paulo desde sábado deixou também um rastro de destruição” (p.6)</p> <p>“Temporal alagou rua do bairro Camburi, em São Sebastião (SP)” (legenda de foto)</p> <p>“À Folha, o prefeito de São Sebastião disse que, após as chuvas, a cidade ficou totalmente ilhada” (p.9)</p> <p>“O Cemaden (Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais) colocou a região</p> | | | | | | | |

| | | |
|---|---|--|
| | | <p>sul do arquipélago em estado de atenção devido às fortes chuvas que atingiram a cidade” (p.10)</p> <p>“A chuva também causou estragos no Guarujá, na Baixada Santista” (p.10)</p> |
| | Vulnerabilidades geológicas/ambientais | <p>(2) Vezes</p> <p>“Entre os mortos há uma criança de 7 anos, vítima de um deslizamento de terra em Ubatuba” (p.7)</p> <p>“Durante a madrugada de domingo, um deslizamento de terra fez com que uma pedra atingisse uma casa na rua Benedito Alves da Silva” (p.9)</p> |
| | Vulnerabilidades sociais | <p>(0) Vezes</p> |
| | Inoperância do Poder Público | <p>(0) Vezes</p> |
| Menção/explicação de índices pluviométricos recordes | <p>(5) Vezes</p> | <p>“De acordo com o governo do estado, em menos de 24 horas o acumulado de chuva ultrapassou os 600 mm em alguns pontos do litoral.” (p.7)</p> <p>“A cidade registrou 335 mm de chuva, segundo a Defesa Civil.” (p.9)</p> <p>“Bertioga foi a cidade que registrou o maior volume de chuvas. Segundo a Defesa Civil, foram 687 mm em 24 horas.” (p.10)</p> <p>“Em Caraguatatuba também houve alagamentos. A cidade registrou acumulado de 395 mm.” (p.10)</p> <p>“Segundo a prefeitura, foram registrados quase 400 mm de chuva na cidade, ultrapassando a previsão de 234 mm para todo o mês de fevereiro” (p.11)</p> |
| Menção/explicação dos locais afetados (áreas de risco) | <p>(3) Vezes</p> | <p>“Lula pediu que não sejam mais construídas casas em encostas de morros, a fim de evitar novas tragédias” (p.2)</p> |

| | | |
|--|--|---|
| | | <p>“O presidente também pediu que a Prefeitura de São Sebastião indique um terreno seguro para construir moradias e transferir os moradores que têm casas em área de risco” (p.5)</p> <p>“Há monitoramento nas áreas de risco” (p.10)</p> |
|--|--|---|

APÊNDICE D - PROTOCOLO MATÉRIA 4

| | | | |
|--|---|--------------------------------|---|
| <p>Título da matéria: Cidades no litoral norte paulista já sabem dos riscos, mas não reforçam prevenção</p> <p>Data: 20 de fevereiro, às 22h27</p> | | | |
| | | Quantificação | Trechos destacados |
| Denominação do desastre | | (1) Desastre | “As cidades do litoral norte de São Paulo atingidas por fortes chuvas no último fim de semana já têm documentos que deveriam orientar seu crescimento e a resposta a desastres , evitando mortes” (p.1) |
| | | (1) Tragédia | “ Tragédia em São Sebastião é resultado de falta de planejamento urbano e prevenção, segundo especialistas” (subtítulo) |
| | | (1) Outro: Destruição | “Imagens feitas por drone mostram destruição da lama na barra do Sahy” (legenda da foto) |
| Causas | Evento climático | (0) Veze s | |
| | Vulnerabilidades geológicas/ambientais | (1) Ve z | “Imagens feitas por drone mostram destruição da lama na barra do Sahy” (legenda da foto) |
| | Vulnerabilidades sociais | (0) Veze s | |
| | Inoperância do Poder Público | (1) Ve z | “Tragédia em São Sebastião é resultado de falta de planejamento urbano e prevenção , segundo especialistas” (subtítulo) |
| Menção/explicação de índices pluviométricos recordes | | (0) Veze s | |
| Menção/explicação dos locais afetados (áreas de risco) | | (4) Veze s | <p>“A ocupação urbana, apesar de ser um problema histórico, ainda pode ter saída” (p.3)</p> <p>“É aí que se destaca o caráter social do problema, com parcelas mais pobres ocupando áreas de risco e</p> |

| | | |
|--|--|--|
| | | <p>falta de infraestrutura urbana, como sistemas de drenagem” (p.4)</p> <p>“Eduardo Mario Mendiando, coordenador científico do Ceped...diz que o Brasil já sabe como evitar mortes entre classes mais vulneráveis” (p.4)</p> <p>“Ele defende mais investimento nos sistemas de Defesa Civil, com prioridade para melhorar alertas na escala de bairros e favelas”</p> |
|--|--|--|

APÊNDICE E – PROTOCOLO MATÉRIA 5

| | | | |
|--|---|--|---|
| <p>Título da matéria: Litoral de SP chega a 48 mortos nas chuvas e entra no 4º dia de busca por sobreviventes</p> <p>Data: 21 de fevereiro, às 11h33</p> <p>Atualizado: 22 de fevereiro, às 18h52</p> | | | |
| | | <p>Quantificação</p> | <p>Trechos destacados</p> |
| Denominação do desastre | | (0) Desastre | |
| | | (1) Tragédia | “Lula pediu que não sejam mais construídas casas em encostas de morros, a fim de evitar novas tragédias ” (p.5) |
| | | (1) Outro: Rastro de destruição | “O recorde de chuva que atingiu o litoral norte de São Paulo desde sábado deixou também um rastro de destruição ” (p.8) |
| Causas | Evento climático | (3) Vezes | <p>“Litoral de SP chega a 48 mortos nas chuvas” (título)</p> <p>“O número de mortos chegou a 48 em decorrência das chuvas históricas que atingiram o litoral norte paulista” (p.1)</p> <p>“O recorde de chuva que atingiu o litoral norte de São Paulo desde sábado deixou também um rastro de destruição” (p.8)</p> |
| | Vulnerabilidades geológicas/ambientais | (1) Veze | “Entre os mortos há uma criança de 7 anos, vítima de um deslizamento de terra em Ubatuba” (p.8) |
| | Vulnerabilidades sociais | (0) Vezes | |
| | Inoperância do Poder Público | (0) Vezes | |
| Menção/explicação de índices pluviométricos recordes | | (1) Veze | “De acordo com o governo do estado, em menos de 24 horas o acumulado de chuva ultrapassou os 600 mm em alguns pontos do litoral” (p.8) |

| | | |
|--|--------------------|--|
| <p>Menção/explicação dos locais afetados (áreas de risco)</p> | <p>(2) Vezes</p> | <p>“Lula pediu que não sejam mais construídas casas em encostas de morros, a fim de evitar novas tragédias” (p.5)</p> <p>“O presidente pediu que a Prefeitura de São Sebastião indique um terreno seguro para construir moradias e transferir os moradores que têm casas em área de risco” (p.6)</p> |
|--|--------------------|--|

APÊNDICE F – PROTOCOLO MATÉRIA 6

| | | |
|---|--|---|
| <p>Título da matéria: São Sebastião transfere ossadas para abrir vagas em cemitério para vítimas de temporal</p> <p>Data: 21 de fevereiro, às 14h14</p> | | |
| | <p>Quantificação</p> <p>Trechos destacados</p> | |
| <p>Denominação do desastre</p> | <p>(0) Desastre</p> | |
| | <p>(3) Tragédia</p> | <p>“Objetivo é abrir cerca de 30 novas vagas, diante da tragédia na cidade do litoral norte” (subtítulo)</p> <p>“É o caso, por exemplo, segundo a prefeitura, de uma mulher de Pernambuco que morava na Vila Sahy e perdeu as filhas e o marido na tragédia” (p.3)</p> <p>“A unidade suspeita que os pais do garoto tenham morrido na tragédia e tenta localizar familiares” (p.3)</p> |
| | <p>() Outro:</p> | |
| <p>Causas</p> | <p>Evento climático</p> | <p>(4) Vezes</p> <p>“São Sebastião transfere ossadas para abrir vagas em cemitério para vítimas de temporal” (título)</p> <p>“...no cemitério municipal para abrir vagas em túmulos para enterrar corpos de vítimas das fortes chuvas que provocaram ao menos 44 mortes” (p.1)</p> <p>“As chuvas históricas que atingiram cidades do litoral desde sábado (18) já deixaram 44 mortos” (p.1)</p> <p>“Cemitério de São Sebastião passa por transferência de ossadas para liberar vagas para enterrar vítimas das fortes chuvas” (legenda de foto)</p> |

| | | | |
|--|---|-------------|---|
| | Vulnerabilidades geológicas/ambientais | (1) Vez | “Embora em tese o total de vítimas possa ultrapassar as 70 sepulturas que estão sendo preparadas para as vítimas dos deslizamentos ” (p.2) |
| | Vulnerabilidades sociais | (0) Vezes | |
| | Inoperância do Poder Público | (0) Vezes | |
| | Menção/explicação de índices pluviométricos recordes | (0) Vezes | |
| | Menção/explicação dos locais afetados (áreas de risco) | (0) Vezes | |

APÊNDICE G – PROTOCOLO MATÉRIA 7

| | | | |
|---|---|----------------------|--|
| <p>Título da matéria: Áreas instáveis no litoral norte de SP preocupam a Defesa Civil</p> <p>Data: 22 de fevereiro, às 6h30</p> | | | |
| | | Quantificação | Trechos destacados |
| Denominação do desastre | | (0) Desastre | |
| | | (0) Tragédia | |
| | | (0) Outro: | |
| Causas | Evento climático | (1) Vez | “O número de mortos chegou a 46 em decorrência das chuvas no último final de semana” (p.3) |
| | Vulnerabilidades geológicas/ambientais | (0) Vezes | |
| | Vulnerabilidades sociais | (0) Vezes | |
| | Inoperância do Poder Público | (0) Vezes | |
| Menção/explicação de índices pluviométricos recordes | | (2) Vezes | <p>“Segundo o Climatempo, até a sexta-feira (24) são previstos cerca de 200 mm de chuva” (p.2)</p> <p>“A Defesa Civil Estadual já previa que o litoral norte seria atingido por fortes chuvas, com 200 mm de precipitação, mas o que se viu foi um fenômeno muito maior” (p.3)</p> |
| Menção/explicação dos locais afetados (áreas de risco) | | (3) Vezes | <p>“Áreas instáveis no litoral norte de SP preocupam a Defesa Civil” (título)</p> <p>“destacando que ainda existem pessoas vivendo nas áreas consideradas perigosas para deslizamentos” (p.1)</p> <p>“criou vários abrigos para receber as pessoas que moram em áreas de risco” (p.2)</p> |

APÊNDICE H – PROTOCOLO MATÉRIA 8

| | | | |
|--|--|-----------------------|--|
| <p>Título da matéria: Justiça autoriza Governo de SP a remover à força pessoas em áreas de risco em São Sebastião</p> <p>Data: 22 de fevereiro, às 11h19</p> <p>Atualizado: 22 de fevereiro, às 19h10</p> | | | |
| | | Quantificação | Trechos destacados |
| Denominação do desastre | | (3) Desastre | <p>“Gestão Tarcísio consegue liminar que permite atuar caso morador não queira deixar suas casas em locais com risco de deslizamentos ou desastres” (subtítulo)</p> <p>“A liminar é restrita a pessoas que não desejam deixar suas casas, mas que residem em locais com risco de deslizamentos ou desastres” (p.2)</p> <p>“Na decisão, o juiz Paulo Guilherme de Faria, da Vara de Caraguatatuba, considerou que o ‘desastre em andamento’” (p.3)</p> |
| | | () Tragédia | |
| | | () Outro | |
| Causas | Evento climático | (2) Vezes | <p>"A medida aqui determinada tem caráter preventivo e provisório, devendo cessar tão logo a situação climática esteja favorável" (p.3)</p> <p>“A chuva no litoral norte paulista causou ao menos 48 mortes, sendo 47 em São Sebastião e uma em Ubatuba” (p.3)</p> |
| | Vulnerabilidade geológicas/ambientais | (1) Vez | <p>“Área devastada por deslizamento na Vila Sahy, a mais atingida pelo temporal do último fim de semana em São Sebastião” (subtítulo)</p> |
| | Vulnerabilidades sociais | (0) Vezes | |
| | Inoperância do Poder Público | (0) Vezes | |

| | | |
|--|-------------|---|
| Menção/explicação de índices pluviométricos recordes | (0) Vezes | |
| Menção/explicação dos locais afetados (áreas de risco) | (8) Vezes | <p>“Justiça autoriza Governo de SP a remover à força pessoas em áreas de risco em São Sebastião” (título)</p> <p>“Gestão Tarcísio consegue liminar que permite atuar caso morador não queira deixar suas casas em locais com risco” (subtítulo)</p> <p>“A Justiça de Caraguatatuba concedeu nesta quarta-feira (22) uma liminar (decisão provisória) que permite a remoção compulsória de pessoas que vivem em áreas de risco em São Sebastião” (p.1)</p> <p>“A liminar é restrita a pessoas que não desejam deixar suas casas, mas que residem em locais com risco de deslizamentos ou desastres” (p.2)</p> <p>“...para fazer, em último caso, a remoção contra a vontade das pessoas que estão em residência em áreas de risco’, afirmou o governador” (p.2)</p> <p>“Na decisão...considerou que o "desastre em andamento" no litoral paulista justifica a flexibilização do direito à moradia diante dos direitos à vida, à saúde e à segurança dos moradores de áreas de risco” (p.3)</p> <p>“Ademais, ela deve ser usada como última ferramenta e aplicada apenas em face daquele que, estando em situação de risco real, se recusar a deixar sua residência’, diz” (p.3)</p> <p>"Imagina o seguinte: quem não tem nada, construiu aquela casa com sacrifício, a pessoa se apegava àquela casa e não quer sair’, exemplificou” (p.3)</p> |

APÊNDICE I – PROTOCOLO MATÉRIA 9

| | | | |
|---|--|--|--|
| <p>Título da matéria: Litoral norte de SP chega a 54 mortos pelo temporal; buscas continuam</p> <p>Data: 23 de fevereiro, às 10h27</p> <p>Atualizado: 24 de fevereiro, às 7h24</p> | | | |
| | | <p>Quantificação</p> <p>Trechos destacados</p> | |
| Denominação do desastre | | (1) Desastre | “Desde domingo, as unidades de Saúde do Estado no litoral norte estão em alerta para receber os possíveis feridos do desastre que atingiu a região” (p.6) |
| | | (2) Tragédia | “Desde o início da tragédia , a população passou a sofrer com o desabastecimento de água” (p.4) “Lula pediu que não sejam mais construídas casas em encostas de morros a fim de evitar novas tragédias ” (p.7) |
| | | (0) Outro | |
| Causas | Evento climático | (3) Vezes | “Litoral norte de SP chega a 54 mortos pelo temporal ” (título) “Subiu para 54 o número de mortos em decorrência das chuvas históricas ” (p.1) “A Secretaria de Estado da Saúde informou que 28 adultos e seis crianças vítimas das chuvas foram atendidas” (p.6) |
| | Vulnerabilidade geológicas/ambientais | (1) Veze | “Bombeiros, Exército e voluntários trabalham no resgate de vítimas dos deslizamentos ” (subtítulo) |
| | Vulnerabilidades sociais | (0) Vezes | |
| | Inoperância do Poder Público | (0) Vezes | |
| Menção/explicação de índices pluviométricos recordes | | (2) Vezes | “De acordo com o governo do estado, em menos de 24 horas o acumulado de chuva ultrapassou os 600 mm ” (p.8) |

| | | |
|--|--------------------|---|
| | | <p>“Esse volume comparado com o registrado no último final de semana parece pouco, já que algumas estações chegaram a registrar acumulados da ordem de 600 mm em 24 horas” (p.9)</p> |
| <p>Menção/explicação dos locais afetados (áreas de risco)</p> | <p>(2) Vezes</p> | <p>“Lula pediu que não sejam mais construídas casas em encostas de morros a fim de evitar novas tragédias” (p.7)</p> <p>“O presidente pediu que a Prefeitura de São Sebastião indique um terreno seguro para construir moradias e transferir os moradores que têm casas em área de risco” (p.8)</p> |

APÊNDICE J – PROTOCOLO MATÉRIA 10

| | | | |
|--|--|----------------------|---|
| <p>Título da matéria: Com chance mínima de sobreviventes, Exército isola área para entrar com máquinas na Barra do Sahy</p> <p>Data: 23 de fevereiro, às 12h33</p> <p>Atualizado: 23 de fevereiro, às 15h33</p> | | | |
| | | Quantificação | Trechos destacados |
| Denominação do desastre | | (0) Desastre | |
| | | (0) Tragédia | |
| | | (0) Outro | |
| Causas | Evento climático | (1) Vez | “O número de mortos chegou a 49 em decorrência das chuvas históricas ” (p.3) |
| | Vulnerabilidade geológicas/ambientais | (1) Vez | “Próximo de um locais que o rio de lama devastou” (p.5) |
| | Vulnerabilidades sociais | () Vezes | |
| | Inoperância do Poder Público | (0) Vezes | |
| Menção/explicação de índices pluviométricos recordes | | (0) Vezes | |
| Menção/explicação dos locais afetados (áreas de risco) | | (0) Vezes | |

APÊNDICE K – PROTOCOLO MATÉRIA 11

| | | |
|---|--|--|
| <p>Título da matéria: Chega a 57 o número de mortos pelo temporal no litoral norte de SP</p> <p>Data: 24 de fevereiro, às 10h42</p> <p>Atualizado: 24 de fevereiro, às 18h18</p> | | |
| | Quantificação | Trechos destacados |
| Denominação do desastre | (1) Desastre | “Corpo é retirado da Barra do Sahy, local mais atingido pelo desastre ” (p.2) |
| | (2) Tragédia | “A Polícia Militar de São Paulo informou na tarde desta sexta (24) que chegou a 57 o número de mortos na tragédia causada pela chuvas históricas” (p.1) “Desde o início da tragédia , a população passou a sofrer com o desabastecimento de água” (p.2) |
| | (0) Outro | |
| Causas | Evento climático | (2) Vezes “Chega a 57 o número de mortos pelo temporal no litoral norte de SP” (título) “A Polícia Militar de São Paulo informou na tarde desta sexta (24) que chegou a 57 o número de mortos na tragédia causada pela chuvas históricas ” (p.1) |
| | Vulnerabilidade geológicas/ambientais | (0) Vezes |
| | Vulnerabilidades sociais | (0) Vezes |
| | Inoperância do Poder Público | (0) Vezes |
| Menção/explicação de índices pluviométricos recordes | (1) Vez | “Naquele fim de semana, em menos de 24 horas o acumulado de chuva ultrapassou os 600 mm em alguns pontos do litoral” (p.5) |
| Menção/explicação dos locais afetados (áreas de risco) | (0) Vezes | |

APÊNDICE L – PROTOCOLO MATÉRIA 12

| | | | |
|---|--|-----------------------|--|
| <p>Título da matéria: Liberada, rodovia Rio-Santos tem marcas da tragédia no litoral de SP</p> <p>Data: 24 de fevereiro, às 17h28</p> <p>Atualizado: 24 de fevereiro, às 19h05</p> | | | |
| | | Quantificação | Trechos destacados |
| Denominação do desastre | | (0) Desastre | |
| | | (1) Tragédia | “Liberada, rodovia Rio-Santos tem marcas da tragédia no litoral de SP” (título) |
| | | (0) Outro | |
| Causas | Evento climático | (2) Veze s | <p>“É a partir do quilômetro 136 que o motorista já começa a notar os estragos causados pela tempestade, que resultou na morte de ao menos 57 pessoas” (p.2)</p> <p>“Entre os automóveis que voltam do litoral há diversos guinchos com carros que, ao que tudo indica, foram danificados devido às chuvas de domingo” (p.4)</p> |
| | Vulnerabilidade geológicas/ambientais | (0) Veze s | |
| | Vulnerabilidades sociais | (0) Veze s | |
| | Inoperância do Poder Público | (0) Veze s | |
| Menção/explicação de índices pluviométricos recordes | | (0) Veze s | |
| Menção/explicação dos locais afetados (áreas de risco) | | (0) Veze s | |

APÊNDICE M – PROTOCOLO MATÉRIA 13

| <p>Título da matéria: Desastre no litoral de SP suspende retomada do turismo e traz incerteza em meio ao luto</p> <p>Data: 25 de fevereiro, às 10h00</p> <p>Atualizado: 26 de fevereiro, às 22h4</p> | | | | | | | | | | | | | | |
|---|--|---|---------------|--------------------|-------------------------|----------------|---|----------------|---|------------------------------------|--|--------|------------------|--|
| | <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>Quantificação</th> <th>Trechos destacados</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td rowspan="3">Denominação do desastre</td> <td>(2) Desastre</td> <td> <p>“Desastre no litoral de SP suspende retomada do turismo e traz incerteza em meio ao luto” (título)</p> <p>“O presidente da associação comercial estima que o saque do FGTS, autorizado em casos de desastres naturais” (p.6)</p> </td> </tr> <tr> <td>(4) Tragédia</td> <td> <p>“Além disso, o Sebrae vai cadastrar os estabelecimentos afetados pela tragédia” (p.4)</p> <p>“Na padaria da rua principal, um funcionário perdeu a vida durante a tragédia” (p.5)</p> <p>“Operário de obras no bairro, Antonio Miranda, 53, está sem trabalho desde o dia da tragédia” (p.6)</p> <p>“Junto com o cenário de destruição, a procura de clientes por imóveis parou desde o dia da tragédia” (p.6)</p> </td> </tr> <tr> <td>(1) Outro: Cenário de destruição</td> <td> <p>“Junto com o cenário de destruição, a procura de clientes por imóveis parou desde o dia da tragédia” (p.6)</p> </td> </tr> <tr> <td>Causas</td> <td>Evento climático</td> <td> <p>(5) Vezes</p> <p>“São Sebastião (SP) esperava faturamento até 25% maior na temporada para recuperar perdas da pandemia; chuva também atingiu pousadas e lojas” (subtítulo)</p> <p>“Na rua principal, os comerciantes ainda nem tinham ideia do tamanho do prejuízo causado pelo temporal histórico que deixou ao menos 57 mortos” (p.2)</p> </td> </tr> </tbody> </table> | | Quantificação | Trechos destacados | Denominação do desastre | (2) Desastre | <p>“Desastre no litoral de SP suspende retomada do turismo e traz incerteza em meio ao luto” (título)</p> <p>“O presidente da associação comercial estima que o saque do FGTS, autorizado em casos de desastres naturais” (p.6)</p> | (4) Tragédia | <p>“Além disso, o Sebrae vai cadastrar os estabelecimentos afetados pela tragédia” (p.4)</p> <p>“Na padaria da rua principal, um funcionário perdeu a vida durante a tragédia” (p.5)</p> <p>“Operário de obras no bairro, Antonio Miranda, 53, está sem trabalho desde o dia da tragédia” (p.6)</p> <p>“Junto com o cenário de destruição, a procura de clientes por imóveis parou desde o dia da tragédia” (p.6)</p> | (1) Outro: Cenário de destruição | <p>“Junto com o cenário de destruição, a procura de clientes por imóveis parou desde o dia da tragédia” (p.6)</p> | Causas | Evento climático | <p>(5) Vezes</p> <p>“São Sebastião (SP) esperava faturamento até 25% maior na temporada para recuperar perdas da pandemia; chuva também atingiu pousadas e lojas” (subtítulo)</p> <p>“Na rua principal, os comerciantes ainda nem tinham ideia do tamanho do prejuízo causado pelo temporal histórico que deixou ao menos 57 mortos” (p.2)</p> |
| | Quantificação | Trechos destacados | | | | | | | | | | | | |
| Denominação do desastre | (2) Desastre | <p>“Desastre no litoral de SP suspende retomada do turismo e traz incerteza em meio ao luto” (título)</p> <p>“O presidente da associação comercial estima que o saque do FGTS, autorizado em casos de desastres naturais” (p.6)</p> | | | | | | | | | | | | |
| | (4) Tragédia | <p>“Além disso, o Sebrae vai cadastrar os estabelecimentos afetados pela tragédia” (p.4)</p> <p>“Na padaria da rua principal, um funcionário perdeu a vida durante a tragédia” (p.5)</p> <p>“Operário de obras no bairro, Antonio Miranda, 53, está sem trabalho desde o dia da tragédia” (p.6)</p> <p>“Junto com o cenário de destruição, a procura de clientes por imóveis parou desde o dia da tragédia” (p.6)</p> | | | | | | | | | | | | |
| | (1) Outro: Cenário de destruição | <p>“Junto com o cenário de destruição, a procura de clientes por imóveis parou desde o dia da tragédia” (p.6)</p> | | | | | | | | | | | | |
| Causas | Evento climático | <p>(5) Vezes</p> <p>“São Sebastião (SP) esperava faturamento até 25% maior na temporada para recuperar perdas da pandemia; chuva também atingiu pousadas e lojas” (subtítulo)</p> <p>“Na rua principal, os comerciantes ainda nem tinham ideia do tamanho do prejuízo causado pelo temporal histórico que deixou ao menos 57 mortos” (p.2)</p> | | | | | | | | | | | | |

| | | | |
|--|---|-------------|---|
| | | | <p>“Funcionários de imobiliária em Juquehy, em São Sebastião, retiram lama após temporal que provocou alagamentos e mortes” (legenda de foto)</p> <p>“o mobiliário que sobreviveu ao temporal secava de forma desordenada” (p.5)</p> <p>“Com a enchente, ele perdeu todo o estoque e parte do equipamento” (p.5)</p> |
| | Vulnerabilidade geológicas/ambientais | (1) Vez | "diz o gerente da pousada que teve a casa invadida pela lama " |
| | Vulnerabilidades sociais | (0) Vezes | |
| | Inoperância do Poder Público | (0) Vezes | |
| | Menção/explicação de índices pluviométricos recordes | (0) Vezes | |
| | Menção/explicação dos locais afetados (áreas de risco) | (1) Vez | “A maior parte dos funcionários dos estabelecimentos comerciais mora nos bairros mais afetados, construídos no morro do outro lado da rodovia Rio-Santos, no sentido oposto ao da praia” (p.5) |

APÊNDICE N – PROTOCOLO MATÉRIA 14

| <p>Título da matéria: Bombeiros encontram 65º corpo e encerram as buscas no Sahy</p> <p>Data: 25 de fevereiro, às 20h45</p> <p>Atualizado: 26 de fevereiro, às 22h39</p> | | Quantificação | Trechos destacados |
|---|---|----------------|--|
| <p>Denominação do desastre</p> | | (0) Desastre | |
| | | (4) Tragédia | <p>“Significa que pegaram todos os boletins de ocorrência de desaparecidos feitos após a tragédia” (p.2)</p> <p>“Em meio aos desafios do atendimento à tragédia” (p.4)</p> <p>“Após as tragédias, o índice subiu para 30%” (p.4)</p> <p>“Porém, o local, não tem tantas marcas da tragédia quanto a praia da Baleia” (p.5)</p> |
| | | () Outro | |
| <p>Causas</p> | <p>Evento climático</p> | (1) Vez | <p>“Os bombeiros, voluntários e militares encontraram neste domingo o corpo da 65ª vítima do temporal que assolou o litoral norte” (p.1)</p> |
| | <p>Vulnerabilidade geológicas/ambientais</p> | (4) Vezes | <p>“O grupo de resgatistas passou sete dias cavando na lama que destruiu casas e invadiu ruas após a chuva” (p.2)</p> <p>“Socorristas retiram mais um corpo dos escombros deixados pelos deslizamentos” (legenda de foto)</p> <p>“Na chamada zona quente, local mais atingido pelo deslizamento de terras” (p.4)</p> <p>“Médicos e a população local notaram casos de gastroenterite. O</p> |

| | | | |
|--|---|-------------|--|
| | | | contato com a lama do temporal pode ter sido o responsável pela alta” (p.4) |
| | Vulnerabilidades sociais | (0) Vezes | |
| | Inoperância do Poder Público | (0) Vezes | |
| | Menção/explicação de índices pluviométricos recordes | (0) Vezes | |
| | Menção/explicação dos locais afetados (áreas de risco) | (0) Vezes | |

APÊNDICE O – TABELA 1, COM TODAS PRODUÇÕES
DA PRIMEIRA SEMANA SOBRE O TEMA

| DATA | TÍTULO | FORMATO | LINK |
|----------------------|---|---------------|---|
| 19.fev.2023 às 10h04 | Chuva recorde deixa 36 mortos, interditada estradas e põe litoral de SP em estado de calamidade | Notícia | folha.uol.com.br/ |
| 19.fev.2023 às 11h11 | Chuvas provocam morte, interdição de estrada e calamidade pública no Litoral | Fotos | https://fotografia.folha.com.br/ |
| 19.fev.2023 às 11h26 | São Sebastião decreta calamidade após temporal deixar desabrigados | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 19.fev.2023 às 13h09 | Resgate usa cordas para retirar mais de 50 pessoas ilhadas em São Sebastião | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 19.fev.2023 às 13h55 | Gerardo Falcões abre arrecadação de recursos para ajudar vítimas das chuvas no litoral de SP | Opinião | https://www1.folha.com.br/ |
| 19.fev.2023 às 14h05 | Temporal que atingiu São Sebastião é evento climático extremo, diz meteorologista | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 19.fev.2023 às 14h23 | Bertioga registra maior temporal da história e cancela Carnaval | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 19.fev.2023 às 14h57 | Rio-Santos tem tráfego liberado parcialmente e Mogi-Bertioga segue com interdições; veja como | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 19.fev.2023 às 15h41 | Forças Armadas vão ajudar no resgate de vítimas no litoral de SP, diz Tarcísio | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 19.fev.2023 às 15h54 | É grande a possibilidade de que o número de mortes em São Sebastião aumente, diz prefeito | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 19.fev.2023 às 18h02 | ONG diz ter contado 17 corpos em comunidade isolada de São Sebastião | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 19.fev.2023 às 18h03 | Lula interrompe folga e anuncia visita a regiões afetadas pelas chuvas em SP | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 19.fev.2023 às 18h18 | Cidades do litoral norte de SP têm falhas em sinal de telefone e internet após temporal | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 19.fev.2023 às 18h35 | Estamos desesperados para voltar para São Paulo', diz turista ilhado em São Sebastião | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 19.fev.2023 às 19h44 | Saiba como ajudar os afetados pela chuva no litoral norte de SP | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 19.fev.2023 às 21h37 | Infelizmente vamos ter muitos óbitos', diz chefe da Defesa Civil sobre litoral paulista | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 19.fev.2023 às 23h17 | Moradores do litoral norte de SP sofrem com desabastecimento de água | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 20.fev.2023 à 1h43 | Polícia aciona protocolo especial para identificar mortos pelas chuvas no litoral de SP | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 20.fev.2023 às 5h30 | Litoral norte de SP ainda deve ter chuva fraca; mortes chegam a 36 | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 20.fev.2023 às 8h27 | São Sebastião tem ao menos 40 desaparecidos, diz Tarcísio | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 20.fev.2023 às 12h02 | Ministério dos Transportes diz que não faltarão recursos para recuperar estradas em SP | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 20.fev.2023 12h03 | El record de lluvias deja muerte y destrucción en el litoral de São Paulo | Agência | https://www1.folha.com.br/ |
| Feb.20.2023 12:15 | Record Rainfall Brings Death and Destruction to Coast of São Paulo | Agência | https://www1.folha.com.br/ |
| 20.fev.2023 às 13h05 | Chuva volta a atingir litoral paulista; sobreviventes estão isolados | Blog | https://www1.folha.com.br/ |
| 20.fev.2023 às 13h12 | Litoral de SP conta 44 mortos nas chuvas históricas; mais de 2.500 estão fora de casa | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 20.fev.2023 às 13h20 | Mais de 18 mil pessoas ainda estão sem água em São Sebastião, diz Sabesp | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 20.fev.2023 às 13h44 | Telefonema acorda e salva família de temporal em Bertioga | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 20.fev.2023 às 14h09 | Lula vai a São Sebastião e pede fim de construções em encostas de morros | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 20.fev.2023 às 15h10 | Vítimas com múltiplas fraturas são maioria em hospital improvisado em São Sebastião | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 20.fev.2023 às 15h29 | Hospital tenta localizar parentes de menino de 3 anos vítima das chuvas no litoral de SP | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 20.fev.2023 às 16h21 | Quem pode pagar sai de helicóptero enquanto Sahy vive 'cenário de guerra', diz hóspede ilhado | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 20.fev.2023 às 17h09 | Após tragédia em São Sebastião, fila em mercado chega a 5 horas | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 20.fev.2023 às 17h10 | Minha Casa, Minha Vida terá linha para realocar moradores de encostas | Opinião | https://www1.folha.com.br/ |
| 20.fev.2023 às 17h35 | São Sebastião vira palco de união de Lula e Tarcísio | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 20.fev.2023 às 18h27 | Parceria Lula e Tarcísio após chuvas vira contraponto a Bolsonaro e incomoda aliados de ex-pr | Notícia Poder | https://www1.folha.com.br/ |
| 20.fev.2023 às 18h56 | Governo unifica data de pagamento do Bolsa Família para atingidos por chuvas em SP | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 20.fev.2023 às 19h08 | Tarcísio diz que pode não ter sobrado rodovia em trechos 'arrastados' da Rio-Santos, no litoral d | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 20.fev.2023 às 19h22 | Sobrevivente da tragédia em Angra fica ilhada em São Sebastião | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 20.fev.2023 às 20h41 | Veja fotos dos estragos provocados pela chuva na rodovia Rio-Santos | Fotos | https://fotografia.folha.com.br/ |
| 20.fev.2023 às 21h30 | Tragédia recorrente | Opinião | https://www1.folha.com.br/ |
| 20.fev.2023 às 22h04 | Veja fotos da tragédia em São Sebastião | Fotos | https://fotografia.folha.com.br/ |
| 20.fev.2023 às 22h27 | Cidades no litoral norte paulista já sabem dos riscos, mas não reforçam prevenção | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 20.fev.2023 às 22h56 | Após chuvas no litoral, casal acolhe 34 vizinhos e percorre trilha para voltar a São Paulo | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 21.fev.2023 às 9h51 | Enxurrada de lama levou meu filho de 8 meses, diz morador de São Sebastião | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 21.fev.2023 às 10h03 | Sem internet para usar Pix e cartão, turistas peregrinam em busca de dinheiro em São Sebastião | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 21.fev.2023 às 11h30 | Repórter da Globo chora ao relatar ganância em tragédia do litoral: R\$ 93 um litro d'água | Televisão | https://g1.globo.com/ |
| 21.fev.2023 às 11h33 | Litoral de SP chega a 48 mortos nas chuvas e entra no 4º dia de busca por sobreviventes | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 21.fev.2023 12h01 | São Paulo cuenta muertos, desalojados y evacuados tras las lluvias torrenciales en su costa | Agência | https://www1.folha.com.br/ |
| Feb.21.2023 12:18 | São Paulo Counts the Deaths and the Homeless after Storm on The Coast | Agência | https://www1.folha.com.br/ |
| 21.fev.2023 às 13h30 | Litoral norte de SP deve ter pancadas de chuva nesta tarde; veja previsão | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 21.fev.2023 às 13h51 | Prefeituras divulgam nomes de 20 vítimas das chuvas no litoral de São Paulo | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 21.fev.2023 às 13h54 | Travessia Ilhabela-São Sebastião pela balsa é retomada | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 21.fev.2023 às 14h14 | São Sebastião transfere ossadas para abrir vagas em cemitério para vítimas de temporal | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 21.fev.2023 às 14h19 | Após registrar 20 km de lentidão, Anchieta-Imigrantes tem tráfego normal | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 21.fev.2023 às 14h51 | É importante dividir responsabilidade na hora do desastre, diz ministro de Lula sobre parceria c | Opinião | https://www1.folha.com.br/ |
| 21.fev.2023 às 16h22 | Com pás e baldes, bombeiros buscam 30 pessoas soterradas em rua na Barra do Sahy | Notícia | https://www1.folha.com.br/ |
| 21.fev.2023 às 16h55 | A culpa não é da chuva: é do racismo ambiental | Opinião | https://www1.folha.com.br/ |
| 21.fev.2023 às 17h03 | Operação em São Sebastião encontra três crianças vivas e não tem prazo para acabar | Opinião | https://www1.folha.com.br/ |

| | | | |
|----------------------|--|------------------|---|
| 21.fev.2023 às 18h05 | Tarcísio se reúne com empresários para planejar parcerias na recuperação da tragédia no litoral | Opinião | https://www1.folh |
| 21.fev.2023 às 18h24 | Ex-Secom de Bolsonaro é atingido pelas chuvas e diz que 'está de olho' em relatos | Opinião | https://www1.folh |
| 21.fev.2023 às 18h28 | Helicópteros particulares ajudam a levar comida a São Sebastião, diz ONG que virou posto de c | Notícia | https://www1.folh |
| 21.fev.2023 às 20h53 | Ministério da Fazenda costurou ação com empresários para levar produtos às vítimas da chuva | Opinião | https://www1.folh |
| 21.fev.2023 às 21h56 | São Sebastião teve mais chuva em 2 dias do que em 2 meses de verão | Blog | https://www1.folh |
| 21.fev.2023 às 21h56 | Grupo resgata cães e gatos em escombros e áreas de risco após temporal no litoral norte de SP | Blog | https://www1.folh |
| 21.fev.2023 às 22h08 | Equipe de reportagem do jornal O Estado de S. Paulo é agredida em São Sebastião (SP) | Assunto | https://www1.folh |
| 21.fev.2023 às 22h31 | Datena visita área da tragédia em São Sebastião e acaba caindo na lama; veja vídeo | Televisão | https://g6.folha.uo |
| 21.fev.2023 às 23h14 | Estradas do litoral de SP estão bloqueadas em 20 pontos; veja quais são | Notícia | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 2h09 | Procon alerta para altas abusivas de preços no litoral de SP | Notícia | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 4h00 | Pior tragédia no litoral norte de SP matou 500 em Caraguatatuba em 1967 | Notícia | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 5h00 | Podcast: as chuvas históricas no litoral de São Paulo e a contenção de eventos climáticos extren | Podcast | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 6h00 | Turistas pegam carona em lancha para deixar São Sebastião (SP) | Notícia | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 6h30 | Seleção portuguesa se classifica para Copa do Mundo de futebol feminino; veja fotos de hoje | Fotos | https://fotografia.f |
| 22.fev.2023 às 6h30 | Áreas instáveis no litoral norte de SP preocupam a Defesa Civil | Notícia | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 9h10 | Um morre e três ficam feridos em deslizamentos de terra em Mauá (ABC) | Notícia Tema | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 10h49 | Vítimas foram atingidas por rio de lama quando tentavam fugir em São Sebastião | Notícia | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 11h19 | Justiça autoriza Governo de SP a remover à força pessoas em áreas de risco em São Sebastião | Notícia | https://www1.folh |
| 22.feb.2023 12h10 | Con palas y cubos, equipos buscan supervivientes bajo lodo y escombros en la costa de São Pau | Agência | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 12h18 | Tamoios faz Operação Subida para saída de turistas do litoral norte | Notícia | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 12h47 | Governador de SP aciona policiais para evitar saques em São Sebastião | Notícia | https://www1.folh |
| Feb 22 2023 1:17 | With Shovels and Buckets, Teams Search for Survivors under The Mud and Debris on the Coas | Agência | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 14h26 | Governo de SP foi alertado de risco no Sahy 48 horas antes, diz centro federal | Notícia | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 15h24 | Prever extremos como chuvas em SP é desafio para a ciência', diz Carlos Nobre | Notícia Ambiente | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 16h24 | Chef produz 10 mil marmitas e lidera arrecadação para vítimas do litoral de SP | Notícia | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 16h41 | Governo Lula antecipa pagamento de benefícios para população atingida pelas chuvas em SP | Notícia | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 17h07 | Veja fotos do porta-aviões Atlântico, maior navio da Marinha do Brasil | Fotos | https://fotografia.f |
| 22.fev.2023 às 17h13 | O rastro de destruição das chuvas que atingiram São Sebastião, no litoral de SP | Fotos | https://fotografia.f |
| 22.fev.2023 às 17h19 | Gerando Falcões alcança R\$ 5 milhões em doações para vítimas da chuva | Opinião | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 17h23 | Duto que liga São Sebastião a Cubatão segue inoperante, diz Petrobras | Notícia Mercado | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 17h23 | Maior navio da Marinha vai a São Sebastião para ajudar vítimas de tragédia | Notícia | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 17h46 | Litoral norte de São Paulo deve ter chuva todo dia até sexta-feira (24) | Notícia | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 17h53 | Família mantém esperança de encontrar desaparecida em tragédia no litoral de SP | Notícia | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 17h55 | Equipes fazem buscas por vítimas das chuvas em São Sebastião, no litoral de SP | Fotos | https://fotografia.f |
| 22.fev.2023 às 17h56 | Ministro afirma que 4 milhões vivem em áreas de alto risco de deslizamento de terras no país | Notícia | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 18h12 | Após chuvas no litoral, deputados pedem 5 anos de prisão para alta abusiva de preço no comércio | Opinião | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 18h48 | Chuvas provocaram série de deslizamentos de terra em São Sebastião, no litoral de SP | Fotos | https://fotografia.f |
| 22.fev.2023 às 19h15 | Governo federal prevê rodovias liberadas no litoral de SP até o final de semana | Opinião | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 19h37 | Precisamos pensar no recomeço da vida para as vítimas da chuva, diz empresária | Opinião | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 19h56 | Chuva causou destruição em São Sebastião | Fotos | https://fotografia.f |
| 22.fev.2023 às 20h39 | Tragédia no litoral norte indica necessidade de aprimorar previsão de chuvas | Notícia | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 20h40 | Equipes da Defesa Civil de Guarujá foram aos morros da cidade alertar sobre temporal | Notícia | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 21h00 | As culpas pela tragédia | Opinião | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 21h09 | Voluntários fazem controle contra desvio de doações após chuva em São Sebastião | Notícia | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 22h58 | Nosso Carnaval se tornou um grande luto', afirma leitor | Painel do leitor | https://www1.folh |
| 22.fev.2023 às 23h15 | Promotoria notificou São Sebastião sobre risco de deslizamento em 2020 | Notícia | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 2h32 | São Sebastião entra em estado de atenção, diz prefeitura | Notícia | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 10h21 | Correios vão doar 20 toneladas de itens como roupa e material escolar aos atingidos pela chuva | Opinião | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 10h27 | Litoral norte de SP chega a 54 mortos pelo temporal; buscas continuam | Notícia | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 10h55 | Dono de hotel na Barra do Sahy critica falta de aviso de tempestade | Notícia | https://www1.folh |
| 23.feb.2023 11h05 | La Justicia autoriza la evacuación forzosa de personas que se encuentran en áreas de riesgo en e | Agência | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 11h06 | Perdi mãe, irmã, padasto e sobrinha, conta morador de São Sebastião | Notícia | https://www1.folh |
| Feb 23 2023 11:55 | Justice Authorizes Removal of People in Risk Areas on The Coast of São Paulo | Agência | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 12h33 | Com chance mínima de sobreviventes, Exército isola área para entrar com máquinas na Barra d | Notícia | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 13h22 | PM flagra turistas indo para o litoral norte e pede que ninguém vá para a região | Notícia | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 13h23 | Casal e filha de 2 anos continuam desaparecidos em Jaquehy | Notícia | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 13h30 | Estão todos enterrados aí, diz pedreiro que perdeu família em São Sebastião (SP) | Notícia | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 13h45 | Após tragédia, Tarcísio admite falhas e diz que governo de SP vai instalar sirenes em áreas de r | Notícia | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 13h52 | PM prende grupo por saquear lojas após chuvas no litoral norte de São Paulo | Notícia Tema | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 14h33 | Moradores de Maresias rebatem prefeito sobre habitação popular: 'Quería colocar casas em um | Opinião | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 14h58 | Saiba quem são as vítimas da tragédia no litoral norte de São Paulo | Notícia | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 15h15 | Polícia Civil reforça trabalho do Procon contra preços abusivos em São Sebastião | Opinião | https://www1.folh |

| | | | |
|----------------------|---|------------------|---|
| 23.fev.2023 às 15h15 | Só o alerta não resolve, diz ministro da Integração em São Sebastião | Notícia | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 16h30 | Clima é força que define rumos da história | Opinião | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 16h56 | Na chuva, fui me guiando pelos berros, com pessoas chamando pai, mãe', diz médico | Notícia | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 17h20 | Serviços de telefonia são restabelecidos no litoral norte de SP, dizem empresas | Notícia | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 18h03 | Tarcísio defende prédios mais altos em São Sebastião para ampliar moradia | Notícia | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 18h14 | Plano de contingência é essencial em desastres naturais; veja como funciona | Notícia | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 19h10 | Laissez-faire imobiliário e racismo ambiental | Opinião | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 19h24 | Caixa anuncia novas medidas com linhas de crédito e auxílio para vítimas da chuva | Opinião | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 20h04 | Casarão vazios criam vila fantasma após chuva em São Sebastião (SP) | Notícia | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 20h16 | Irmãs mortas em deslizamento no litoral norte são enterradas em São Paulo | Notícia | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 20h20 | Fizemos imobilização com madeira e isopor', diz médica voluntária em São Sebastião | Notícia | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 20h24 | Após cinco dias, trecho fechado da Rio-Santos é liberado ao tráfego | Notícia | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 20h35 | Chuva extrema no litoral norte de SP foi resultado de coincidência meteorológica | Notícia | https://www1.folh |
| 23.fev.2023 às 21h08 | Moradores abandonam casarões após tragédia em São Sebastião | Fotos | https://fotografia.f |
| 23.fev.2023 às 22h10 | Exames de DNA ajudarão a identificar vítimas após chuva em São Sebastião (SP) | Notícia | https://www1.folh |
| 24.fev.2023 às 6h17 | Alcaraz passa para as semifinais do Rio Open e soldados ucranianos no aniversário da guerra; | Fotos | https://fotografia.f |
| 24.fev.2023 às 10h10 | Notícias falsas e boatos geram revolta e ameaças em São Sebastião | Notícia/Tema | https://www1.folh |
| 24.fev.2023 às 10h42 | Chega a 57 o número de mortos pelo temporal no litoral norte de SP | Notícia | https://www1.folh |
| 24.fev.2023 às 11h30 | Tragédia anunciada no litoral da desigualdade | Blog | https://www1.folh |
| 24.fev.2023 às 11h47 | Lluvia extrema em São Paulo fue resultado de coincidência de fenômenos meteorológicos | Agência | https://www1.folh |
| 24.fev.2023 às 12h07 | Las lluvias en São Sebastião dejan un pueblo fantasma de casa vacías | Agência | https://www1.folh |
| 24.fev.2023 às 13h02 | Metro quadrado na praia custa quase 12 vezes o da área da tragédia no Sahy | | https://www1.folh |
| Feb.24.2023 1:05PM | Extreme Rainfall in São Paulo Is Result of Meteorological Coincidence | Agência | https://www1.folh |
| Feb.24.2023 1:14PM | Empty Mansions Create Ghost Village after Rain in São Sebastião | Agência | https://www1.folh |
| 24.fev.2023 às 13h26 | PSOL quer apressar votação de projeto para auxiliar vítimas das chuvas em São Sebastião | Opinião | https://www1.folh |
| 24.fev.2023 às 14h40 | Como evitar uma nova tragédia como a de São Sebastião? | Opinião | https://www1.folh |
| 24.fev.2023 às 15h24 | Vítima encontrada sem vida falou com a família pouco antes de desabamento em São Sebastião | Notícia | https://www1.folh |
| 24.fev.2023 às 17h05 | Petrobras leva petróleo a Cubatão por navios após chuvas paralisarem duto | Notícia/Mercado | https://www1.folh |
| 24.fev.2023 às 17h28 | Liberada, rodovia Rio-Santos tem marcas da tragédia no litoral de SP | Notícia | https://www1.folh |
| 24.fev.2023 às 18h37 | Chef Eudes, o gigante de São Sebastião | Blog | https://www1.folh |
| 24.fev.2023 às 19h22 | Governo de SP vai desapropriar área para construir casas em São Sebastião | Notícia | https://www1.folh |
| 24.fev.2023 às 19h28 | "Temos preciosidades em um patrimônio histórico completamente abandonado", diz leitor | Painel do leitor | https://www1.folh |
| 24.fev.2023 às 19h33 | Precisamos falar sobre racismo ambiental | Opinião | https://www1.folh |
| 24.fev.2023 às 19h56 | Empresários do litoral norte de SP pedem que governo não tire turistas da região | Notícia | https://www1.folh |
| 24.fev.2023 às 21h00 | São Sebastião tem queda nos royalties do petróleo em meio à tragédia | Opinião | https://www1.folh |
| 24.fev.2023 às 22h01 | PM cria bloqueios em São Sebastião para orientar turista a deixar a cidade | Notícia | https://www1.folh |
| 25.fev.2023 às 0h55 | Bloquinho Pet tem cãocurso de fantasias, oferece vacina e recebe doações para animais do litor | Blog | https://www1.folh |
| 25.fev.2023 às 10h00 | Desastre no litoral de SP suspende retomada do turismo e traz incerteza em meio ao luto | Notícia | https://www1.folh |
| 25.fev.2023 às 11h00 | Helena Rizzo acolhe turistas argentinas que ficaram ilhadas na Barra do Sahy | Notícia | https://www1.folh |
| 25.fev.2023 às 12h00 | Três Poderes: Tarcísio e Lula são os vencedores da semana e Zambelli, a perdedora | Opinião | https://www1.folh |
| 25.fev.2023 às 12h57 | Tráfego no litoral norte segue liberado para veículos leves e pesados com interdições | Notícia | https://www1.folh |
| 25.fev.2023 às 13h00 | Tarcísio expõe desbolsoneirização com diálogo e presença na tragédia do litoral | Notícia/Poder | https://www1.folh |
| 25.fev.2023 às 15h02 | Alckmin diz que governo estuda usar moradias em Bertioiga para abrigar vítimas de São Sebastião | Notícia | https://www1.folh |
| 25.fev.2023 às 15h30 | Brasil precisa ver tragédia da chuva como momento de reflexão moral e ética, diz Gerardo Falc | Opinião | https://www1.folh |
| 25.fev.2023 às 16h00 | Governo de SP deixa de usar R\$ 7 bi em ações de combate às enchentes | Notícia | https://www1.folh |
| 25.fev.2023 às 16h31 | Analizador de sinal de celular ajuda a encontrar corpos no litoral de SP | Notícia | https://www1.folh |
| 25.fev.2023 às 16h59 | Máquina de moer gente | Opinião | https://www1.folh |
| 25.fev.2023 às 17h00 | Terra indígena em Bertioiga recebe doações após chuva no litoral de SP | Notícia | https://www1.folh |
| 25.fev.2023 às 20h45 | Bombeiros encontram 65º corpo e encerram as buscas no Sahy | Notícia | https://www1.folh |
| 25.fev.2023 às 21h00 | Leitores falam como o poder público deve proteger o povo de desastres climáticos | Painel do leitor | https://www1.folh |
| 25.fev.2023 às 23h15 | Quando a lama bate à porta | Opinião | https://www1.folh |

APÊNDICE P – TABELA 2, FILTRADA APENAS
COM NOTÍCIAS E CLASSIFICADAS POR TEMÁTICA

| | | | | |
|----------------------|---|---------|---|--------------------------------|
| 19.fev.2023 às 10h04 | Chuva recorde deixa 36 mortos, interdita estradas e pbe litoral de SP em estado de calamidade | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | factual + panorama |
| 19.fev.2023 às 11h26 | São Sebastião decreta calamidade após temporal deixar desabrigados | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | inserção política |
| 19.fev.2023 às 13h09 | Resgate usa cordas para retirar mais de 50 pessoas ilhadas em São Sebastião | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | factual + panorama |
| 19.fev.2023 às 14h05 | Temporal que atingiu São Sebastião é evento climático extremo, diz meteorologista | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | histórico |
| 19.fev.2023 às 14h23 | Bertioga registra maior temporal da história e cancela Carnaval | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | consequências |
| 19.fev.2023 às 14h37 | Rio-Santos tem tráfego liberado parcialmente e Mogi-Bertioga segue com interdições; veja como estão estradas do litoral de SP | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | consequências |
| 19.fev.2023 às 15h41 | Forças Armadas vão ajudar no resgate de vítimas no litoral de SP, diz Tarcísio | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | inserção política |
| 19.fev.2023 às 15h54 | É grande a possibilidade de que o número de mortes em São Sebastião aumente, diz prefeito | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | inserção política |
| 19.fev.2023 às 18h02 | ONG diz ter contado 17 corpos em comunidade isolada de São Sebastião | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | solidariedade |
| 19.fev.2023 às 18h03 | Lula interrompe folga e anuncia visita a regiões afetadas pelas chuvas em SP | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | inserção política |
| 19.fev.2023 às 18h18 | Cidades do litoral norte de SP têm falhas em sinal de telefone e internet após temporal | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | consequências |
| 19.fev.2023 às 18h35 | Estamos desesperados para voltar para São Paulo', diz turista ilhado em São Sebastião | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | turistas que ficaram presos |
| 19.fev.2023 às 19h44 | Saiba como ajudar os afetados pela chuva no litoral norte de SP | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | solidariedade |
| 19.fev.2023 às 21h37 | Infelizmente vamos ter muitos óbitos', diz chefe da Defesa Civil sobre litoral paulista | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | factual + panorama |
| 19.fev.2023 às 23h17 | Moradores do litoral norte de SP sofrem com desabastecimento de água | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | consequências |
| 20.fev.2023 às 1h43 | Policia aciona protocolo especial para identificar mortos pelas chuvas no litoral de SP | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | factual |
| 20.fev.2023 às 5h30 | Litoral norte de SP ainda deve ter chuva fraca; mortes chegam a 36 | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | condições climáticas |
| 20.fev.2023 às 8h27 | São Sebastião tem ao menos 40 desaparecidos, diz Tarcísio | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | factual + inserção política |
| 20.fev.2023 às 12h02 | Ministério dos Transportes diz que não faltarão recursos para recuperar estradas em SP | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | consequências |
| 20.fev.2023 às 13h12 | Litoral de SP conta 44 mortos nas chuvas históricas; mais de 2.500 estão fora de casa | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | factual + panorama geral |
| 20.fev.2023 às 13h20 | Mais de 18 mil pessoas ainda estão sem água em São Sebastião, diz Sabesp | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | consequências |
| 20.fev.2023 às 13h44 | Telefônema acorda e salva família de temporal em Bertioga | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | foco nas vítimas |
| 20.fev.2023 às 14h09 | Lula vai a São Sebastião e pede fim de construções em encostas de morros | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | inserção política |
| 20.fev.2023 às 15h10 | Vítimas com múltiplas fraturas são maioria em hospital improvisado em São Sebastião | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | foco nas vítimas |
| 20.fev.2023 às 15h29 | Hospital tenta localizar parentes de menino de 9 anos vítima das chuvas no litoral de SP | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | foco nas vítimas |
| 20.fev.2023 às 16h21 | Quem pode pagar sai de helicóptero enquanto Sahy vive 'cenário de guerra', diz hospede ilhada | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | turistas que ficaram presos |
| 20.fev.2023 às 17h09 | Após tragédia em São Sebastião, fila em mercado chega a 5 horas | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | consequências |
| 20.fev.2023 às 17h33 | São Sebastião vira palco de união de Lula e Tarcísio | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | inserção política |
| 20.fev.2023 às 18h56 | Governo unifica data de pagamento do Bolsa Família para atingidos por chuvas em SP | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | inserção política |
| 20.fev.2023 às 19h08 | Tarcísio diz que pode não ter sobrado rodovia em trechos 'arrastados' da Rio-Santos, no litoral de SP | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | consequências |
| 20.fev.2023 às 19h22 | Sobrevivente da tragédia em Angra fica ilhada em São Sebastião | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | foco nas vítimas |
| 20.fev.2023 às 22h27 | Cidades no litoral norte paulista já sabem dos riscos, mas não reforçam prevenção | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | causa |
| 20.fev.2023 às 22h56 | Após chuvas no litoral, casal acolhe 34 vizinhos e percorre trilha para voltar a São Paulo | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | solidariedade |
| 21.fev.2023 às 9h51 | Enxurrada de lama levou meu filho de 8 meses, diz morador de São Sebastião | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | foco nas vítimas |
| 21.fev.2023 às 10h03 | Sem internet para usar Pix e cartão, turistas peregrinam em busca de dinheiro em São Sebastião | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | turistas que ficaram presos |
| 21.fev.2023 às 11h33 | Litoral de SP chega a 48 mortos nas chuvas e entra no 4º dia de busca por sobreviventes | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | factual + panorama geral |
| 21.fev.2023 às 13h30 | Litoral norte de SP deve ter pancadas de chuva nesta tarde; veja previsão | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | condições climáticas |
| 21.fev.2023 às 13h51 | Prefeituras divulgam nomes de 20 vítimas das chuvas no litoral de São Paulo | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | foco nas vítimas |
| 21.fev.2023 às 13h54 | Travessia Ilhabela-São Sebastião pela balsa é retomada | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | consequências |
| 21.fev.2023 às 14h14 | São Sebastião transfere ossadas para abrir vagas em cemitério para vítimas de temporal | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | factual |
| 21.fev.2023 às 14h19 | Após registrar 20 km de lençido, Anchieta-Imigrantes tem tráfego normal | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | consequências |
| 21.fev.2023 às 16h22 | Com pás e baldes, bombeiros buscam 30 pessoas soterradas em rua na Barra do Sahy | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | foco nas vítimas |
| 21.fev.2023 às 18h28 | Helicópteros particulares ajudam a levar comida a São Sebastião, diz ONG que virou posto de comando | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | solidariedade |
| 21.fev.2023 às 23h14 | Estradas do litoral de SP estão bloqueadas em 20 pontos; veja quais são | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | consequências dos desastre |
| 22.fev.2023 às 4h00 | Pior tragédia no litoral norte de SP matou 500 em Caraguatubá em 1967 | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | histórico |
| 22.fev.2023 às 6h00 | Turistas pagam carona em lancha para deixar São Sebastião (SP) | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | turistas que ficaram presos |
| 22.fev.2023 às 6h30 | Áreas instáveis no litoral norte de SP preocupam a Defesa Civil | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | factual + condições climáticas |
| 22.fev.2023 às 10h49 | Vítimas foram atingidas por rio de lama quando tentavam fugir em São Sebastião | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | foco nas vítimas |
| 22.fev.2023 às 11h19 | Justiça autoriza Governo de SP a remover a força pessoas em áreas de risco em São Sebastião | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | factual |
| 22.fev.2023 às 12h18 | Tamoios faz Operação Subida para saída de turistas do litoral norte | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | turistas que ficaram presos |
| 22.fev.2023 às 12h47 | Governador de SP aciona policiais para evitar saques em São Sebastião | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | inserção política |
| 22.fev.2023 às 14h26 | Governo de SP foi alertado de risco no Sahy 48 horas antes, diz centro federal | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | falha do alerta |
| 22.fev.2023 às 16h24 | Chef produz 10 mil marmitas e lidera arrecadação para vítimas do litoral de SP | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | solidariedade |
| 22.fev.2023 às 16h41 | Governo Lula antecipa pagamento de benefícios para população atingida pelas chuvas em SP | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | inserção política |
| 22.fev.2023 às 17h23 | Maior navio da Marinha vai a São Sebastião para ajudar vítimas de tragédia | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | factual |
| 22.fev.2023 às 17h46 | Litoral norte de São Paulo deve ter chuva todo dia até sexta-feira (24) | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | condições climáticas |
| 22.fev.2023 às 17h53 | Família mantém esperança de encontrar desaparecida em tragédia no litoral de SP | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | foco nas vítimas |
| 22.fev.2023 às 17h56 | Ministro afirma que 4 milhões vivem em áreas de alto risco de deslizamento de terras no país | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | inserção política |
| 22.fev.2023 às 20h39 | Tragédia no litoral norte indica necessidade de aprimorar previsão de chuvas | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | falha do alerta |
| 22.fev.2023 às 20h40 | Equipes da Defesa Civil de Guarujá foram aos morros da cidade alertar sobre temporal | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | histórico |
| 22.fev.2023 às 21h09 | Voluntários fazem controle contra desvio de doações após chuva em São Sebastião | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | solidariedade |
| 22.fev.2023 às 23h15 | Promotoria notificou São Sebastião sobre risco de deslizamento em 2020 | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | histórico |
| 23.fev.2023 às 2h32 | São Sebastião entra em estado de atenção, diz prefeitura | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | condições climáticas |
| 23.fev.2023 às 10h27 | Litoral norte de SP chega a 54 mortos pelo temporal; buscas continuam | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | factual + panorama geral |
| 23.fev.2023 às 10h55 | Dono de hotel na Barra do Sahy critica falta de aviso de tempestade | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | falha do alerta |
| 23.fev.2023 às 11h06 | Perdi mãe, irmã, padastro e sobrinha, conta morador de São Sebastião | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | foco nas vítimas |
| 23.fev.2023 às 12h33 | Com chance mínima de sobreviventes, Exército isola área para entrar com máquinas na Barra do Sahy | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | factual + panorama + foco n |
| 23.fev.2023 às 13h22 | PM flagra turistas indo para o litoral norte e pede que ninguém vá para a região | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | turistas que ficaram presos |
| 23.fev.2023 às 13h23 | Casal e filha de 2 anos continuam desaparecidos em Juquehy | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | foco nas vítimas |
| 23.fev.2023 às 13h30 | Estão todos enterrados aí', diz pedreiro que perdeu família em São Sebastião (SP) | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | foco nas vítimas |
| 23.fev.2023 às 13h45 | Após tragédia, Tarcísio admite falhas e diz que governo de SP vai instalar sirenes em áreas de risco | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | falha do alerta |
| 23.fev.2023 às 14h58 | Saiba quem são as vítimas da tragédia no litoral norte de São Paulo | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | foco nas vítimas |
| 23.fev.2023 às 15h15 | Só o alerta não resolve, diz ministro da Integração em São Sebastião | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | inserção política |
| 23.fev.2023 às 16h56 | Na chuva, fui me guiando pelos berros, com pessoas chamando pai, mãe', diz médico | Noticia | https://www1.folha.uol.com.br | solidariedade |

| | | | | |
|----------------------|---|---------|---|-----------------------------|
| 23.fev.2023 às 17h20 | Serviços de telefonia são restabelecidos no litoral norte de SP, dizem empresas | Notícia | https://www1.fol | consequências |
| 23.fev.2023 às 18h03 | Tarcísio defende prédios mais altos em São Sebastião para ampliar moradia | Notícia | https://www1.fol | inserção política |
| 23.fev.2023 às 18h14 | Plano de contingência é essencial em desastres naturais; veja como funciona | Notícia | https://www1.fol | histórico |
| 23.fev.2023 às 20h04 | Casarão vazio cria vila fantasma após chuva em São Sebastião (SP) | Notícia | https://www1.fol | consequências |
| 23.fev.2023 às 20h16 | Irmãs mortas em deslizamento no litoral norte são enterradas em São Paulo | Notícia | https://www1.fol | foco nas vítimas |
| 23.fev.2023 às 20h20 | Fizemos imobilização com madeira e isopor', diz médica voluntária em São Sebastião | Notícia | https://www1.fol | solidariedade |
| 23.fev.2023 às 20h24 | Após cinco dias, trecho fechado da Rio-Santos é liberado ao tráfego | Notícia | https://www1.fol | consequências |
| 23.fev.2023 às 20h35 | Chuva extrema no litoral norte de SP foi resultado de coincidência meteorológica | Notícia | https://www1.fol | condições climáticas |
| 23.fev.2023 às 22h10 | Exames de DNA ajudarão a identificar vítimas após chuva em São Sebastião (SP) | Notícia | https://www1.fol | foco nas vítimas |
| 24.fev.2023 às 10h42 | Chega a 57 o número de mortos pelo temporal no litoral norte de SP | Notícia | https://www1.fol | factual + panorama geral |
| 24.fev.2023 às 13h02 | Metro quadrado na praia custa quase 12 vezes o da área da tragédia no Sahy | Notícia | https://www1.fol | histórico |
| 24.fev.2023 às 15h24 | Vítima encontrada sem vida falou com a família pouco antes de desabamento em São Sebastião | Notícia | https://www1.fol | foco nas vítimas |
| 24.fev.2023 às 17h28 | Liberada, rodovia Rio-Santos tem marcas da tragédia no litoral de SP | Notícia | https://www1.fol | consequências + panorama |
| 24.fev.2023 às 19h22 | Governo de SP vai desapropriar área para construir casas em São Sebastião | Notícia | https://www1.fol | histórico |
| 24.fev.2023 às 19h56 | Empresários do litoral norte de SP pedem que governo não tire turistas da região | Notícia | https://www1.fol | turistas que ficaram presos |
| 24.fev.2023 às 22h01 | PM cria bloqueios em São Sebastião para orientar turista a deixar a cidade | Notícia | https://www1.fol | turistas que ficaram presos |
| 25.fev.2023 às 10h00 | Desastre no litoral de SP suspende retomada do turismo e traz incerteza em meio ao luto | Notícia | https://www1.fol | panorama geral |
| 25.fev.2023 às 11h00 | Helena Rizzo acolhe turistas argentinas que ficaram ilhadas na Barra do Sahy | Notícia | https://www1.fol | solidariedade |
| 25.fev.2023 às 12h57 | Tráfego no litoral norte segue liberado para veículos leves e pesados com interdições | Notícia | https://www1.fol | consequências |
| 25.fev.2023 às 15h02 | Alekmin diz que governo estuda usar moradias em Bertoga para abrigar vítimas de São Sebastião | Notícia | https://www1.fol | inserção política |
| 25.fev.2023 às 16h00 | Governo de SP deixa de usar R\$ 7 bi em ações de combate às enchentes | Notícia | https://www1.fol | histórico |
| 25.fev.2023 às 16h31 | Analizador de sinal de celular ajuda a encontrar corpos no litoral de SP | Notícia | https://www1.fol | factual |
| 25.fev.2023 às 17h00 | Terra indígena em Bertoga recebe doações após chuva no litoral de SP | Notícia | https://www1.fol | solidariedade |
| 25.fev.2023 às 20h45 | Bombeiros encontram 65º corpo e encerram as buscas no Sahy | Notícia | https://www1.fol | factual + panorama geral |